

PESQUISAS

Antropologia n° 36

Ano de 1983

Adalberto Holanda Pereira, S.J.

O PENSAMENTO MÍTICO DOS NAMBIKWÁRA

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - Brasil

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo – Praça Tiradentes, 35 – Rio Grande do Sul – BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S.J. — Diretor
Arthur Rabuske, S.J. — Coordenador para História
Josef Hauser, S.J. — Coordenador para Zoologia

- - - -

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

- - - -

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologia, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

- - - -

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redactional staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

We ask for exchange with publications of similar character.

- - - -

PESQUISAS

Antropologia n° 36

Ano de 1983

Adalberto Holanda Pereira, S.J.

O PENSAMENTO MÍTICO DOS NAMBIKWÁRA

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - Brasil

O Autor:

Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. nasceu aos nove de julho de 1927 no Crato, Ceará.

Seguiu os estudos comuns aos jesuítas, de Filosofia e Teologia, e cursou Etnologia na Universidade de São Paulo. Como complementação do curso de Etnologia, visitou todas as missões indígenas do Brasil.

É missionário entre os índios do norte de Mato Grosso desde janeiro de 1956.

Para compor o presente trabalho conviveu com os Nambikwára durante três anos.

Publicou os seguintes trabalhos:

Na Revista de Antropologia: Vocabulário da língua iránxe — vol. 12; Pequeno vocabulário da língua dos Cinta-Larga — vol. 14; A pacificação dos Tapayúna — vol. XV/XVI.

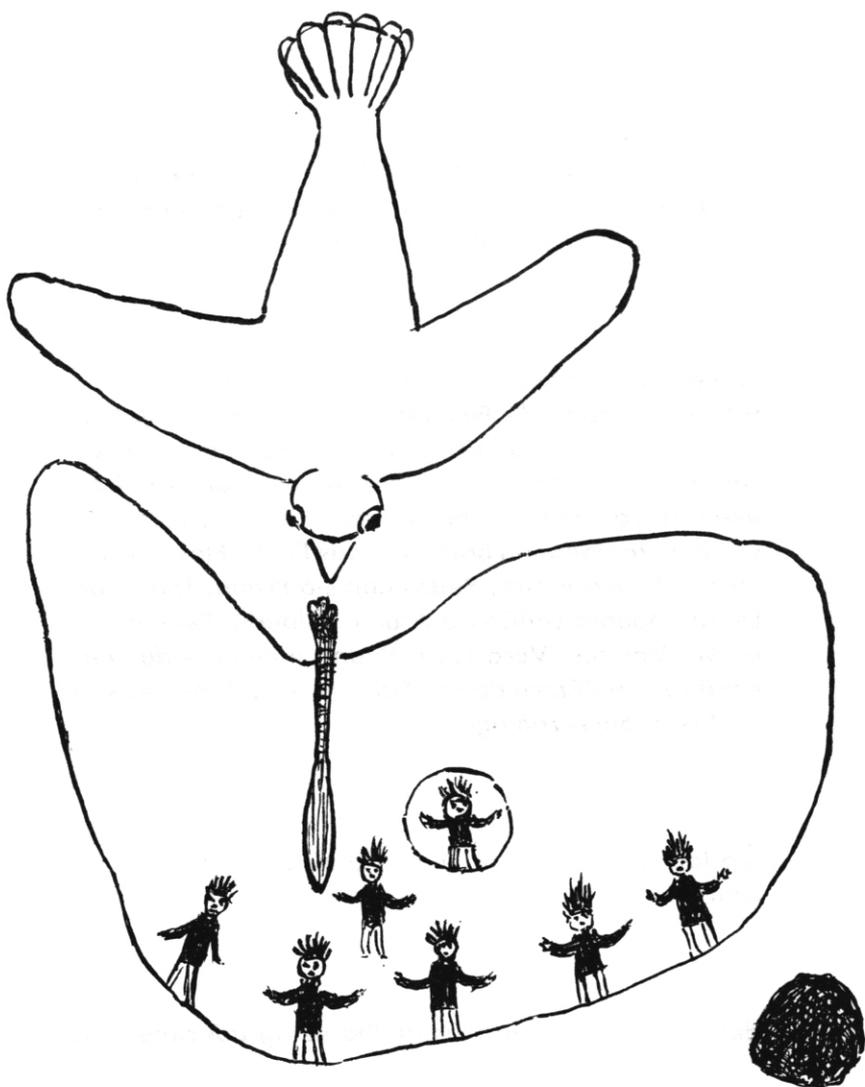
Na revista Síntese: Heróis do Juruena — 5, Nova Fase.

Em Coleção Museu Paulista, Série Ensaios: A vingança do jaguar — vol. 4.

Na revista Pesquisas, Antropologia: Os espíritos maus dos Nanbikuára — nr. 25; Quinze lendas dos Rikbáktsa — nr. 25; Lendas dos índios Nanbikuára — nr. 26; A morte e a outra vida dos Nanbikuára — nr. 26; Lendas dos índios Iránxe — nr. 27; Com o Pe. José de Moura e Silva, S.J.: História dos índios Mùnkù — nr. 28.

Mimeografados apareceram: Diretório da Missão indígena da Prelazia de Diamantino (Reimpresso algumas vezes para cursos de formação de missionários.); A Igreja e a Etnologia brasileira.

Estão esperando impressão: O pensamento mítico dos Iránxe; O pensamento mítico dos Paresí; Cartas dos missionários da Missão de Santa Terezinha do Mangabal do Juruena; Tupsi, o companheiro da frente de atração; Katükolosu, o chefe nambikwára.



A saída da pedra dos primeiros Nambikwára
(Desenho de Arlindo, 12 anos)

*Aos informantes Júlio Katūkolozu, Tito Yawētyahlu-
su, Baiano U.kitesu e outros, pelo vivo empenho em
nos contarem as histórias dos antigos,*

*ao Pe. José de Moura e Silva, S.J., membro do Insti-
tuto Anchietano de Pesquisas, na redação e datilo-
grafia, ao Prof. Godofredo Fay de Macedo, na revi-
são do português, ao Prof. Pe. Aluísio Sehnem, S.J.,
membro do Instituto Anchietano de Pesquisas, na re-
visão da taxionomia botânica, aos Profs. Flávio Silva,
Marisa Ibarra Vieira, Pedro Canísio Braun, Thales de
Lema, Moema Leitão de Araújo, Cláudio Becker, In-
ga W. Mendes, Vera Lúcia Pitani, membros da Fun-
dação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, na revisão
da taxionomia zoológica,*

*e a todos que, de uma maneira ou outra, nos ajuda-
ram,*

deixamos aqui os nossos melhores agradecimentos.

CONVENÇÕES GRÁFICAS

1. O acento agudo (´) indica uma tonalidade: *aláysú*.
2. O ponto (.) no meio da palavra indica o prolongamento da sílaba anterior: *Halu.halu.nékisu*.
3. os fonemas *u* e *i* assilábicos são representados por *w* e *y*, respectivamente: *awísu*, *áykisu*.
4. O *h* indica aspiração: *áhozu*.
5. O traço vertical (|) entre duas palavras indica variante dialetal: *wan̄|disu|yalahayhruiwan̄|tyah|lusu*.

ABREVIATURAS

Q. Quimérico.

T.M.: Termo(s) mítico(s).

PESQUISAS SOBRE A MITOLOGIA NAMBIKWÁRA

Claude Lévi-Strauss (1948:69,119-121) traz um texto bilingüe (francês-nambikwára) sobre a origem do universo. Na página 69, dá uma pequena versão infantil e, na página 121, o resumo de todo o texto. O autor apenas recolheu esse texto sobre a mitologia nambikwára. "Une seule légende a pu être recueillie relativement à l'origine de l'univers." (p. 119).

Desidério Aytai (1967-68:73-74) publica o texto sobre a origem da roça e da flauta-secreta, contado por um moço de uns 16-17 anos, no linguajar português próprio do informante. O autor continua fazendo alguns comentários.

Adalberto Holanda Pereira, S.J. (1973:13-18) publica 20 lendas sobre os espíritos maus dos Nambikwára. O mesmo autor (1974:1-2) publica a lenda sobre a origem da morte do Nambikwára e, da página 15 a 52, 70 outras lendas.

O presente trabalho constitui uma segunda edição aumentada e corrigida das três publicações anteriores.

1. A ORIGEM DO NAMBIKWÁRA

O espírito mau¹ *Waluru*² fez um buraco³ no chão e depois foi cavocando até ligar um córrego com o outro, por debaixo da terra. Encontrou um companheiro que ajudou a ligar mais um cór-

(1:1) Espírito mau: *atasu*. É por excelência pessoa ou animal quiméricos e, por extensão, animal real pernicioso, fenômeno da natureza e coisa. O Nambikwára (*Anūsu*) sente-se rodeado de muitos espíritos maus. Antigamente eram muito mais numerosos. Hoje, devido à ação eficiente dos pajés (*wan̄disuiwan̄tyahlusuiyalahayhru*), diminuíram sensivelmente. Alguns desapareceram como ser, mas ainda são descritos e aparecem nos mitos. Toda a ação dos espíritos maus sobre o Nambikwára se restringe a causar doença e morte. Os grandes, e parece que únicos defensores do Nambikwára contra a ação dos espíritos maus, são o ente superior (*Dà.wāsūnūsu*), a alma (*da.wā.yāw-kadisu*) e os pajés.

(1:2) *Waluru*: é um espírito mau comparado ao tatu-canastra (*waluru* - Priodontes giganteus) e ao minhocaçu (*yū.yūkisū* - Glossocoleídeo). Como a ariranha (*kwanāysu* - Ptenura

brasiliensis), vive sempre na água (*ṭ.yawsu*). Em cada pé (*ayúkisu*) tem apenas uma unha (*da.wāhitarakisu* = minha unha) com as cores amarela, vermelha e azul. A partícula *da.wā* ou *do.wā* indica o possessivo. “A partícula *Toá* - (*Uá, Oá*) - tem aqui o mesmo valor possessivo do grupo *Nu*, nas línguas *Aruaks*; só se encontra nos vocabulários consagrados às regiões do corpo humano...” (ROQUETTE-PINTO, 1950:263). Propriamente quem pode matar e comer o *Waluru* é a alma e, nesse caso, deve sempre levar a unha, porque, senão, ela cresce e vira um novo *Waluru*. As pessoas velhas podem também comer o *Waluru*, mas, se uma pessoa nova come, morre. O *Waluru* é muito gostoso, porque tem muita gordura (*ahánedisu*). O Nambikwára também pode matar o *Waluru* com a espada de madeira (*hitusu*). “Além do arco e flecha, o armamento compreende uma espécie de lança achatada, cujo uso parece tanto mágico quanto guerreiro: só o vi utilizado em manipulações destinadas a pôr em fuga o furacão ou a matar, projetando-a na direção conveniente, os *atsu*, que são os espíritos malfeitores do mato.” (LÉVI-STRAUSS, 1957:292). “Uma clava trabalhada e polida, revestida de tecido de palha do tipo karajá ou kaiapó ... é manifestamente exótica; foi parar às mãos dos Nambikwáras fortuitamente, tal como deve ter acontecido a um pente de madeira...” (ROQUETTE-PINTO, 1950:274). Quando a gente mata o *Waluru*, não chove. O *Waluru* faz minar água e, quando é demais, até pode destruir o mundo. O outro espírito mau, *Hatikisu*, é quem carrega o *Waluru* para debaixo do chão para fazer minar água. *Hatikisu* é uma espécie de cágado (*yutāwhru* — Testudo tabulata). O casco é duro como pedra (*dáhlisu*). Vive nas cabeceiras dos córregos e caga e mijá dentro. Se um Nambikwára bebe água daquele córrego, pega lombriga (*awahru* — *Ascaris lumbricoides*) e morre. A urina (*kéhrú*) é tão forte que, se o *Hatikisu* mijá num Nambikwára, este pega uma ferida que não sara mais e o Nambikwára morre. “According to the Waklítisu the spirits are the source of all danger, misfortune, sickness, and death. The ghosts of the dead (*ayánkadisu*), bring sickness unless offerings of food are made to them. The ghosts of dead shamans (*anúnsu*), belonging to other bands bring thunderstorms which destroy gardens and make hunting difficult. In addition to the ghosts, there is *tauptú*, the hawk of death who lives in the sky, and *ulurú*, the evil armadillo who lives under ground and wants to destroy the villages and camps of the Nambicuara ... The Waklítisu fear most of all the spirit armadillo called *ulurú*. When someone sees bits of manioc cake and charcoal floating on the river near the village, he comes back and tells the shaman, who then goes to examine the signs. If the shaman decides that it is *ulurú*, immediate action must be taken to save the world from destruction. The women and children shut themselves in their huts while the men take their wooden sword clubs (*hulúkusu*) and go to the bank of the river. The shaman then digs a deep hole in the bank, into which he is lowered with a rope. When he has grasped *ulurú* by the tail he signals the men on the surface to pull him out. The shaman remains at the mouth of the hole with his arm thrust in, holding *ulurú* by the tail while with his other hand he marks points on the ground which are directly over the head, heart, and stomach of *ulurú*. One by one the men thrust their sword clubs into the ground at the places marked by the shaman. As they push the blades in they twist them to make sure that they kill *ulurú*. After the spirit armadillo has been killed, the men go back to the village leaving the shaman alone with the dead *ulurú*. The shaman then cuts up the spirit armadillo, washes the pieces in the river, and begins to sing. When the ghosts of the dead Nambicuara hear the song they come and eat the pieces prepared by the shaman, after which they go away happy because the Nambicuara have been saved.” (OBERG, 1953:100).

(1:3) Buraco: *ētsu*.

rego. Os dois foram ligando as águas para todo lado. Minou água por toda parte. Chegou água até debaixo do fogo⁴ das casas⁵ e o fogo não acendia. Pegaram as brasas⁶, colocaram numa cuia⁷, mas a cuia queimou. Foi indo, a terra ficou toda mole e já queria até afundar.

O Sol⁸ escureceu de dia⁹ e a Lua¹⁰ nem nasceu. A gente só via o claro do areão¹¹.

O céu¹² caiu em cima da Terra, furou nos morros¹³ e foi sentar nas partes planas da Terra. Os morros ficaram aparecendo com as pontas para cima do céu. As águas fizeram só um rio¹⁴ e muito grande. Toda a gente rolou e morreu afogada. As almas viraram anta¹⁵.



VARIANTE: As águas fizeram um grande buraco e o pessoal afundou ali dentro e morreu.



Depois de um tempo, o Sol e a Lua saíram de novo, mas não havia mais gente na terra.

Dentro de uma pedra preta muito dura e parecida com um urubu de chifre¹⁶, vivia o povo nambikwára alegre, sem doença e sem morrer. E essa pedra o rio não levou.

O zogue-zogue¹⁷ ouviu os Nambikwára falando dentro da pedra. Ficou ali perto esperando o pessoal sair. Mas nunca saía.

(1:4) Fogo: *hanésu*.

(1:5) Casa: *sísu*.

(1:6) Brasa: *áhozu*.

(1:7) Cuia: *kádesu*.

(1:8) Sol: *Iraladndekisu*.

(1:9) Dia: *aladndesu*.

(1:10) Lua: *Íhruírikisu*.

(1:11) Areão: *kināhāduzu*.

(1:12) Céu: *osízu*.

(1:13) Morro: *wāhru*.

(1:14) Rio: *kawāhru*.

(1:15) Anta: *alūzu* — *Tapirus americanus*.

(1:16) Pedra: *walu.anēsalatyutu*. *Anēnyawsu*: chifre; *walusu*: urubu — *Coragyps atratus*.

(1:17) Zogue-zogue ou japuçá: *kadózu* — *Callicebus personatus*.

Com isso, o zogue-zogue apanhou tanto sol, que ficou com as costas vermelhas¹⁸.

Chegou uma cutia¹⁹ e o zogue-zogue contou que dentro daquela pedra tinha gente. A cutia começou a roer a pedra, mas quebrou o dente²⁰ e foi embora. Chegou a paca²¹, roeu mais e quebrou o dente também. Veio a anta e bateu o pé com força na pedra. Destroncou o pé e largou. Apareceu o tatu-peludo²² e foi experimentar também. Quebrou a unha e falou para o tatu-canastra:

— Agora você: sua unha é muito grande e dá de quebrar essa pedra.

O tatu-canastra começou a arranhar a pedra, mas entortou a unha e foi embora²³. Veio o cágado e foi ralar a pedra com o casco. Ralou até o casco chegar na carne²⁴ e foi embora também.

Chegou ainda o beija-flor-preto²⁵. Bicou, mas logo já quebrou o bico. Veio mais o urubu. Voou lá de cima, bateu na pedra, mas nada também de rebentar.

— Não tem jeito mesmo de quebrar essa pedra! disse o zogue-zogue.

Foi quando chegou o urubuzinho²⁶ e falou para os animais²⁷ que tentaram abrir a pedra:

— Eu vou rachar essa pedra e saiam de perto, senão as lascas podem matar vocês!

Os animais saíram. O urubuzinho pegou a espada de madeira, voou bem lá para cima, desceu de lá e bateu a espada de madeira com toda a força na pedra, igual a um raio²⁸. Agora a pedra rachou no meio e as duas bandas caíram de lado.

(1:18) Por isso, o zogue-zogue, hoje em dia, tem o dorso avermelhado.

(1:19) Cutia: *dúhru* — *Dasyprocta acouchy*.

(1:20) Dente: *awísu*.

(1:21) Paca: *warutu* — Agouti paca.

(1:22) Tatu-peludo: *sanáysu* — *Euphractus sexcinctus*.

(1:23) Por isso, hoje em dia, o tatu-canastra tem a unha torta.

(1:24) Carne: *kayusu*.

(1:25) Beija-flor-preto: *kwaytu* — *Eupeptomena macrura*.

(1:26) Urubuzinho ou andorinha-da-mata: *kwalihahaydalisuikwakwaytilisu* — *Chelidoptera tenebrosa*.

(1:27) Animal: *kayusu*.

(1:28) Raio: *haláysu*.



VARIANTE: Eram quatro urubuzinhos. Voaram bem lá para cima, dois de cada lado. Desceram de lá e bateram na pedra e racharam igual a um raio.



Os Nambikwára apareceram, mas surdos por um tempo, por causa da pancada na pedra. Os animais voltaram para ver. O cágado disse para o urubuzinho:

— Você tem mais força do que nós!

O urubuzinho tirou um casal de nambikwára novo da pedra e fez um ranchinho para o casal. Depois tirou outros casais mais velhos²⁹ e mandou cada grupo morar em seus lugares³⁰. Mas ainda restou gente lá dentro da pedra e hoje ainda está lá.

Uma noite³¹ tinha muita gente dentro de duas casas redondas. Começou uma tempestade³² muito fria. De manhã, o Sol não apareceu e a noite emendou com o dia. Daí para a frente, na hora de amanhecer, continuava noite.

Levou muito tempo assim. O terreiro³³ ficou limpo como se fosse varrido. O vento batia e ressoava nas casas: *hu...hu...hu...* Foi indo, arrancou as palhas das casas. As raízes³⁴ das plantas foram apodrecendo, as plantas foram secando, ficando pretas e morrendo. A tempestade matava até os passarinhos³⁵.

A tempestade até levou o fogo e, de escuro, ninguém podia mais buscar lenha³⁶, água, e não podiam sair fora cagar e urinar e muito menos ir caçar. Todo o mundo já estava morrendo de fome e sede.

(1:29) Velho: *yahlusu*.

(1:30) Por isso, hoje em dia, existem vários grupos nambikwára morando em lugares diferentes.

(1:31) Noite: *kanátisu*.

(1:32) Tempestade: *ítisu*. "Nas grandes tempestades o feiticeiro cantando, entra em comunicação com as almas para que elas se dirijam a Dà.wāsununusu e alcancem que ele desfaça a tempestade." (PEREIRA, 1974:14).

(1:33) Terreiro: *si.hyednsu*.

(1:34) Raiz: *hi.enekisu*.

(1:35) Passarinho: *áykisu*.

(1:36) Lenha: *hanésu*.

— E agora?

A tempestade aumentou mais e foi carregando os homens³⁷, as mulheres³⁸, as crianças³⁹, os xires⁴⁰, as flechas⁴¹, as cuias e as outras coisas. As crianças viraram tamanduá-mirim⁴²; os xires, onça-pintada⁴³; as flechas, cobra-cipó⁴⁴; a cuia, cágado; os homens, mulheres e coisas: outros animais.

Sobrou um pedaço de parede de palha de uma casa. Ali atrás, um homem, seu filhinho de peito, uma moça, irmã do homem, um pau grosso de lenha e um pouco de fogo escaparam da tempestade. O homem botou o pau grosso no fogo, para acender mais e os três esquentar.

Foi indo, passou de todo a tempestade fria e, mesmo assim, a noite continuava emendada com o dia.

O filhinho de peito sempre acordava na hora em que, um dia, o Sol ia nascer.

O menino começou a engatinhar e depois a falar e, um dia, falou assim:

— Titia⁴⁵, hoje vai chegar o Sol e clarear o dia!

— Que nada, filho⁴⁶, sempre que vai querendo amanhecer, emenda a noite de novo, disse o pai⁴⁷.

(1:37) Homem: *yahlusu*.

(1:38) Mulher: *dúsu*.

(1:39) Criança: *wētu*.

(1:40) Xire ou cesto: *hatsu*. A palavra regional "xire" talvez venha de "tchirê" — cesto — dos Nambikuara-Tagnani (Roquette-Pinto, 1950: 346). "Êsses cestos são de taquara fendida, trançada em grade, com seis hastes (dois pares perpendiculares entre si e um par oblíquo), formando uma rede de largas malhas estreladas; ligeiramente mais largas no orifício superior, terminam por baixo em dedo de luva. Suas dimensões podem alcançar 1,50 m, isto é, são por vezes tão altas quanto a carregadora." (LÉVI-STRAUSS, 1957:292-293). "Cesta para carregar. É feita de taquára; embora seja muito leve tem grande capacidade. Mede o eixo maior: 0,62. Diâmetro da abertura 0,33. A alça pela qual é carregada passa entre as malhas do fundo e de uma das paredes vindo ganhar as espáduas ou a frente da portadora." (RONDON, s.a. (1910):56).

(1:41) Flecha: *hawtesuihawtu*.

(1:42) Tamanduá-mirim: *waysu* — *Tamandua tetradactyla chapadensis*.

(1:43) Onça-pintada: *yanáhru* — *Felis onca*.

(1:44) Cobra-cipó: *wāwdisu* — Colubrídeo.

(1:45) Tia: *aháynusu*.

(1:46) Filho: *da.wētu* (= meu filho).

(1:47) Pai: *winūsu*.

Mesmo assim, o pai mandou a irmã dar um banho no filho, pintar o rosto⁴⁸ de urucu⁴⁹, deixando um risco no rosto. Mandou depois levar o menino para fora e virar o rosto dele para o nascente, depois para o poente e mais uma vez para o nascente.

Não demorou, o menino fez: *gu... gu...* e um curió⁵⁰ cantou: *pirapané... pirapané...*

Mais um pouquinho de tempo, apareceu um clarão para o lado do nascente. Foi clareando mais... mais... e veio o Sol. O pai disse:

— Agora temos o Sol outra vez. *Dà.wāsūnūsū* mandou o Sol de novo, porque viu o rosto do meu filho, mesmo na escuridão.

A tia saiu fora com o sobrinho⁵¹ e viram muito rasto⁵² de onça-pintada, tamanduá-mirim, cágado, cobrinha-cipó e de tudo que era animal.

Apareceram umas pintas na coxa⁵³ da moça, iguais às pintas da onça-pintada. O homem tirou as pintas, porque senão ela podia virar onça pintada, como os xires viraram. Mas depois apareceram as pintas do tamanduá-mirim na coxa da moça. O homem tirou também, senão ela podia virar tamanduá-mirim, como as crianças.

O homem vivia pensando: *é, escapei só com minha irmã e meu filho. Acho que vai ser o jeito casar com a minha própria irmã, senão o meu povo vai acabar...* E terminou casando mesmo com a irmã.

Tiveram uma menina.

Quando a menina cresceu, casou com o filho do homem. Os primeiros netos⁵⁴ foram um casal gêmeo, que casou ainda entre si.

Assim começou a aumentar de novo o povo nambikwára.

(1:48) Rosto: *da.wāyedndisu* (= meu rosto)

(1:49) Urucu: *dusu* — Bixa orellana. Amadurece em agosto.

(1:50) Curio: *kali.rikisu* — *Oryzoborus angolensis*.

(1:51) Sobrinho: *wētū*.

(1:52) Rasto: *asednsu*.

(1:53) Coxa: *anekūkisu*.

(1:54) Neto: *da.sawītu* (= meu neto)

2. A ORIGEM DA ROÇA E DA FLAUTA-SECRETA

Um homem saiu para caçar com o seu único filho. Lá na mata¹ o menino parou um instante e disse:

— Escuta, papai, estou ouvindo o toque de uma flauta-secreta².

O pai procurou escutar também e disse:

— Mas eu não ouço nada, filho...

Continuaram andando. Um pouco mais adiante, o menino tornou a dizer:

(2:1) Mata: *sawednsu*.

(2:2) Flauta-secreta: *wāyhru*. É feita de taquaruçu-do-seco (*wāyhru* — *Merostachys* sp.). As flautas-secretas são tabuadas à mulher, isto é, a mulher não pode ver e, se as vir, adoece e morre. São guardadas dentro de uma casinha própria, onde os homens tocam. “A choupana das flautas não difere muito da choupana comum de uma família nuclear, sendo uma construção semi-esférica, de uns 5 m de diâmetro e de 2,5 m de altura, feita com uma armação de galhos delgados, muito flexíveis, fincados no chão, e formando arcos completos e cruzando-se mais ou menos no ponto mais alto da choupana, reforçados com outros galhos similares, horizontais, em volta dos arcos, amarrados com casca de árvore. Nesta armação fixam-se fôlhas de palmeiras, enfiando os talos das fôlhas entre os galhos da armação. O único detalhe que difere de uma choupana simples de uma família é a porta, que é menor ainda do que nas outras cabanas, sendo de uns 40 cm de altura por 50 cm de largura apenas, e cuidadosamente fechada ainda com fôlhas: uma medida de segurança, para que as mulheres não vejam o interior, que seria perigoso para elas.” (AYTAI, 1967-68:70) “Ces flageolets sont donc fabriqués en grand mystère, sur le lieu même où l’on a trouvé les bambous convenables. Si l’expédition musicale rentre de jour, elle cache les flageolets dans les branches d’un arbre non loin du campement ou du village. On ne les sort que la nuit, au moment du concert, et les femmes doivent alors se retirer dans les huttes ou sous les abris, et s’entourer la tête de leurs bras. Si l’une d’elles violait l’interdiction, elle serait, dit-on, poursuivie par tous les hommes et tuée à coups de bâton. Il ne nous a pas été donné d’assister à l’une de ces fêtes, mais comme nous désirions recueillir le répertoire musical des flageolets, nous avons pu obtenir, assez difficilement d’ailleurs, qu’une mission fût envoyée pour chercher du bambou et fabriquer les instruments à notre intention (il fallut aller à 15 kilomètres environ). La troupe, partie le matin, revint au milieu de la nuit, et jusqu’au jour, nous fîmes de la musique à quelque distance du campement, afin d’éviter toute indiscretion féminine. Comme chaque instrument sonne d’une façon légèrement différente des autres, il se dégage du jeu à l’unisson une illusion d’harmonie qui s’ajoute au charme, par lui-même très réel, de la mélodie.” (LÉVI-STRAUSS, 1948:105). “Visitou as suas roças e as suas choupanas. Entre estas, no meio do terreiro, segue-se a cabana sagrada em que guardam os homens instrumentos, que as suas mulheres não devem ver. Os principais são umas flautas de taquara, o jurupari nambikuára. A índia, que puser os olhos nelas, está perdida: adoece e morre.” (MELLO, 1975:46).

Olhe, papai, que mata bonita para uma roça³!

O pai não entendeu o que o filho queria dizer e seguiram. Agora o menino parou um pouco e urinou uma espuma:

— Olhe aí, papai, urinei igual à espuma de mandioca-brava⁴!

Mas o pai não sabia o que era espuma de mandioca-brava.

O filho saiu assim de lado, cagou duro e disse:

— Olha aí ainda, papai: minha bosta é dura, até parece que eu comi mandioca-brava⁵!

Mas o pai não sabia o que era mandioca-brava...

O menino viu umas saúvas⁶ carregando umas folhas:

— Olha aí, papai, parece que essas saúvas estão carregando folha de mandioca-brava⁷.

— Isso é uma folha qualquer e não de mandioca-brava, filho! Eu nem sei o que é isso que você está falando...

Ali pertinho, viram umas formigas carregando uma massa branca:

— Viu, papai? Essas formigas estão carregando massa de mandioca-brava⁸!

— Que nada, filho, isso é areinha branca! Que é isso massa de mandioca-brava?

Daí para a frente, o menino foi vendo se havia algum lugar meio molhado. Numa mata bonita e molhada, o menino disse:

— Agora eu já cansei de andar, papai. Me arrasta aqui dentro deste mato, fazendo uma roda.

— Eu não vou fazer isso, porque senão você machuca!

— Não, papai, me arrasta assim mesmo!

— Acaba com essa história, menino, vamos voltar para casa!

— Arrasta, papai!...

(2:3) Roça: *haytu*.

(2:4) Espuma de mandioca-brava: *ayokwahru*.

(2:5) Mandioca-brava: *walidnekisu* — *Manihot* esculenta.

(2:6) Saúva: *yakánatasu* — *Atta* sp.

(2:7) Folha de mandioca-brava: *ánātu*.

(2:8) Massa de mandioca-brava: *walidnosu*.

Para não desgostar o filho, o pai arrastou. Quando fechou a roda, o pai soltou o filho e o menino falou:

— Agora você volta pra casa, que eu vou ficar aqui mesmo. Amanhã você vem com meu tio⁹ e meu cunhado¹⁰, mas mamãe¹¹, minha cunhada¹² e minha tia não podem vir.

O pai saiu pensativo e triste, sem entender porque o filho fizera aquilo. E só tinha aquele filho. Em casa, a mulher perguntou:

— Onde ficou o nosso filho?

— ...

No outro dia, o pai com o cunhado e o tio do menino. Quando iam chegando ao lugar onde o menino tinha ficado, ouviram o toque de uma flauta-secreta.

— Bem que meu filho disse que escutou o toque de uma flauta-secreta!...

Foram na direção do toque, mas, quando iam perto, o toque passou para trás. Voltaram e, quando iam chegando de novo, o toque mudou para o mato de novo. Depois de muito andar pra lá e pra cá, encontraram as flautas-secretas.

No lugar onde o menino ficara, havia uma touceira de taquaruçu-do-seco no meio de uma roça. A roça era do tamanho da roda que o pai fez, quando arrastou o menino. O menino mesmo não viram, porque ele virou a roça.

Do espinhaço¹³ do menino, nasceu a rama da mandioca-brava¹⁴; da mão¹⁵, a folha da mandioca; do dente, o milho-fofo¹⁶; do testículo¹⁷, o cará¹⁸; do joelho¹⁹, a taioba²⁰; da canela²¹, a araruta-comprida²²; do sangue²³, o urucu-vermelho²⁴;

(2:9) Tio: *asū.nūsu*.

(2:10) Cunhado: *asúkisu*.

(2:11) Mãe: *ahákanusu*.

(2:12) Cunhada: *ase.tesu*.

(2:13) Espinhaço: *atásakatu*.

(2:14) Rama de mandioca-brava: *walignkatu*.

(2:15) Mão: *ahíkisu*.

(2:16) Milho-fofo: *kayatu* — *Zea mays tunicata*.

(2:17) Testículo: *da.wāyarekisu* (= meu testículo).

(2:18) Cará: *hákisu* — *Dioscorea* sp.

(2:19) Joelho: *akadidātsu*.

(2:20) Taioba: *yapādisu* — *Colocasia antiquorum*.

(2:21) Canela ou tibia: *da.wāsuyatarakatu* (= minha canela).

(2:22) Araruta-comprida: *yalāwsu* — *Maranta arundinacea*.

do dedo²⁵, o açafraão²⁶; da cabeça²⁷, a cabaça²⁸; da lêndea do piolho²⁹, a semente de fumo³⁰; da carne, a massa de mandioca; do miolo da cabeça³¹, o polvilho³²; da costela³³, o feijão-de-vara³⁴; do osso da mão, a raiz pequena da mandioca; do fêmur³⁵, a raiz grande da mandioca; da sobrançelha³⁶, o feijão-pampa³⁷; da orelha³⁸, a vagem do feijão-pampa e a casca da araruta; do cabelo³⁹, a barba do milho⁴⁰; do pulmão⁴¹, o urucu-amarelo⁴²; do coração⁴³, a araruta-redonda⁴⁴; do fel⁴⁵, a pimenta⁴⁶; da língua⁴⁷, o beiju⁴⁸; da unha, o amendoim⁴⁹ e a semente de cabaça⁵⁰; do braço⁵¹, a flauta-secreta.



VARIANTE: Da perna⁵², a araruta-comprida; do olho⁵³, o amendoim; da língua, a espuma da mandioca-brava.



Mas, quando foi para plantar a mandioca-brava, o homem plantou a raiz: a raiz apodreceu. Então a alma do menino apare-

(2:23) Sangue: *da.wādisu* (= meu sangue).

(2:24) Urucu-vermelho: *dúkisu*.

(2:25) Dedo: *da.wāhikatu* (= meu dedo).

(2:26) Açafraão: *kuhra.kuhru* — *Escobedia currialis*. Amadurece em julho.

(2:27) Cabeça: *ánekiisu*.

(2:28) Cabaça: *wárutu* — *Lagenaria siceraria*.

(2:29) Lêndea de piolho: *kaninakisu* — *Pediculus humanus*.

(2:30) Semente de fumo: *esékisu* — *Nicotiana tabacum*.

(2:31) Miolo da cabeça: *aneka.arēwtu*.

(2:32) Polvilho: *akāynusu*.

(2:33) Costela: *da.wānitu* (= minha costela).

(2:34) Feijão-de-vara: *kwatyadekiisu* — *Phaseolus vulgaris*.

(2:35) Fêmur: *da.wānesusu* (= meu fêmur)

(2:36) Sobrançelha: *da.wāyesusu* | *da.wāyewetu* (= minha sobrançelha).

(2:37) Feijão-pampa: *kwātu* — *Phaseolus* sp.

(2:38) Orelha: *da.wānenētu* (= minha orelha).

(2:39) Cabelo: *da.wānekītu* (= meu cabelo).

(2:40) Barba de milho: *ayowetu*.

(2:41) Pulmão: *awaroredesu*.

(2:42) Urucu-amarelo: *asadékaylisu*.

(2:43) Coração: *aku.sakisu*.

(2:44) Araruta-redonda: *warókisu*. Amadurece em junho e julho.

(2:45) Fel: *ayehru*.

ceu e ensinou como devia plantar, comer e usar: da mandioca-brava, se planta a rama; não pode comer o urucu, mas só passar no corpo para tanger o mosquito, poder trabalhar e ficar cheiroso e bonito; o homem come a raiz; a folha do fumo⁵⁴, só fumar quando trabalha; do feijão-pampa e feijão-de-vara, plantar o caroço; do cará, plantar a raiz. Ensinou a fazer o ralo e cozinhar bem a água de mandioca-brava para chicha⁵⁵; fazer o bolo de polvilho e ir comendo de camada em camada assada. E ensinou todo o resto das coisas.

Outro dia, o pai escutou a alma do filho gritar:

— Olhe, papai, a saúva está levando as folhas das plantações!

O pai queimou todas as saúvas da roça.

Chegaram Nambikwára de todas as aldeias⁵⁶ e pediram rama de mandioca-brava. O homem não deu, porque era nova. Deu só a massa.

3. A ORIGEM DA NOITE

Naquele tempo não havia a noite. O Sol ficava parado no meio do céu. Um pajé tinha duas cabacinhas, uma preta e outra branca.



VARIANTE: Uma coruja-do-campo¹ tinha duas cabacinhas.

(2:46) Pimenta: *sanézu* — *Piper caudatum*. Amadurece em julho.

(2:47) Língua: *ayohehru*.

(2:48) Beiju: *wálidnsu*.

(2:49) Amendoim: *wáykisu* — *Arachis hypogaea*.

(2:50) Semente de cabaça: *kadékiisu*.

(2:51) Braço: *anúkisu*.

(2:52) Perna: *da.wānekisu* (= minha perna).

(2:53) Olho: *ayednsu*.

(2:54) Fumo: *etu*.

(2:55) Chicha de mandioca-brava: "A chicha dos Nambikuara é feita do suco altamente venenoso da mandioca brava (*Manihot esculenta*), que se ferve para torná-lo próprio para o consumo, eliminando, assim, o ácido prússico. Os Nambikuara não fermentam essa bebida." (AYTAI, 1967-68:75, nota 5).

(2:56) Aldeia: *sikyesu*.

(3:1) Coruja-do-campo: *kwayedisu* — *Speotito cunicularia*.



Dentro da preta, guardava a noite; dentro da branca, o dia. De tardezinha, abria a preta e tirava a noite para o pessoal poder dormir. Na hora da manhã, abria a branca e tirava o dia para o pessoal poder ir caçar e trabalhar. O tempo escuro era mais curto que a noite de hoje.

Um dia, o pajé explicou bem direitinho para o urutau² como devia fazer com as duas cabacinhas e saiu.

O urutau sacudiu a cabacinha do dia e sentiu que não tinha nada. Mas ainda assim abriu e olhou: só havia claridade lá dentro. Depois abriu a cabacinha preta: só havia escuridão³. Mas olhou bem, viu umas continhas pretas e foi tirar para fazer colar e pôr no pescoço⁴. A cabacinha rebentou e a escuridão foi espalhando pelo mundo.

O urutau voou, sentou num pau e começou a piar: *u... ru-taw... u... rutaw...*

Uns caçadores⁵, que estavam caçando, perderam-se no meio da escuridão: alguns morreram e outros assim chegaram a casa e encontraram o pessoal da aldeia agarrado uns nos outros, de medo.

O pajé vinha voltando para casa e viu a escuridão longe indo ao encontro dele. Perto da casa, escutou o urutau piar.

— Que foi, urutau?

— Eu fui tirar as continhas da cabacinha da noite, a cabacinha quebrou e a escuridão escapou. Agora eu estou aqui piando e não sei mais voltar para casa.



VARIANTE: O urutau destampou a cabacinha da noite e deixou muito tempo destampada: a escuridão foi espalhando pelo mundo. O pajé ainda fechou depressa a cabacinha, mas não teve mais jeito.

(3:2) Urutau: *útisu* — *Nyctibius* sp.

(3:3) Escuridão: *kanakaynare*.

(3:4) Pescoço: *ayésu*.

(3:5) Caçador: *kayua.aynudesu*.



— Por que você fez isso? Eu não falei que era para abrir só um pouquinho de tempo?

Então o pajé pegou o urutau e enfiou o pescoço dele para dentro do corpo⁶ e deixou lá no pau mesmo.

Agora ficou a noite como é hoje.

4. O MILHO E O FIM DE UMA ALDEIA

Só o espírito mau *Kikyãwhlu*¹ tinha o milho-fofo. Guardava os atilhos de milho numa vara dependurada debaixo da cumeeira da casa². A vara ficava sempre cheia de atilho, de ponta a ponta.

O caxinguelê³ sempre ia à casa de *Kikyãwhlu* para ver se arranjava algum caroço de milho-fofo para plantar. *Kikyãwylu* dava só milho assado ou o fubá. Quando socava o milho cru, ainda catava os pedacinhos maiores de caroço para não deixar o caxinguelê pegar semente.

O caxinguelê esperava, esperava... e nunca dava de roubar um caroço nem mesmo da ponta da espiga. Pensava: e daquela vara de atilho, será que nenhum bichinho derruba ao menos um carocinho para mim?!...

Um dia, caiu perto do caxinguelê um caroço da pontinha de uma espiga. O caxinguelê pegou o caroço, pôs na cabeça do pênis⁴ e foi embora. *Kikyãwhlu* não viu nada.

O caxinguelê plantou o caroço de milho num lugarzinho queimado do mato ali perto da aldeia dele. O milho cresceu e deu duas espigas. Colheu o milho e escondeu numa cabacinha.

(3:6) Por isso, o urutau ficou até hoje em dia quase sem pescoço.

(4:1) *Kikyãwhlu*: é um espírito mau, que pode ser homem ou mulher. Um e outro tem o cabelo muito comprido, aparência de novo e anda sempre bem limpo. Usa cocar de pena de arara-vermelha (*alaatekisu* — *Ara macao* e *Ara chloroptera*). Vive na água, de preferência nos saltos (*tali-rĩtu*) e, quando anda, vai pelos córregos. A ariranha é o seu cachorro (*walĩsu*); por isso, o Nambikwára nem mata nem come a ariranha, senão pega doença e morre. *Kikyãwhlu* come mandioca, milho-fofo e batata-doce (*wĩsu* — *Ipomoea batatas*), do fundo dos rios. Mata gente mandando uma espécie de vento que entra no sangue da pessoa. Às vezes basta a gente ver o *Kikyãwhlu* andando, para a gente chegar a casa e ficar doente. É muito difícil a gente encontrar o *Kikyãwhlu*, porque as almas dos parentes sempre cuidam para isso não acontecer.

(4:2) Cumeeira da casa: *hyaneketasu*.

(4:3) Caxinguelê: *kalĩdisu* — *Sciurus pyrrhonotus*.

(4:4) Pênis: *asasu*.

No outro tempo da chuva⁵, plantou o milho das duas espigas numa pequena derrubada. Agora colheu três cabaças grandes de milho. Guardou e plantou outra vez: já deu para encher uma roça muito grande e depois repartir para todo o mundo.

Um dia, *Kikyãwhlu* saiu andando e chegou perto da aldeia do caxinguelê. Escutou as mulheres socando milho e achando graça. Voltou para casa.

No outro dia, *kikyãwhlu* foi direto à aldeia do caxinguelê levando uns caroços de milho. Pegou um caroço e jogou com os dedos num caxinguelê. Matou e comeu. Jogou outro caroço: matou e comeu.

Matou e comeu tudo quanto foi caxinguelê, desse jeito.

5. A AQUISIÇÃO DO FOGO

Quando o Nambikwára saiu da pedra, não tinha fogo: colocava a carne e a massa de beiju ao sol para assar. O tamanduá-bandeira¹ ia sempre à aldeia dos Nambikwára pedir massa e levava para a sua casa.

Um homem foi caçar. Sentiu o cheiro de fogo no mato. Procurou, procurou, mas só achou um pedaço de beiju assado. Pegou e trouxe para casa e mostrou para os outros. Agora saiu uma turma de homem, para procurar mais beiju assado. Não acharam nada.

No outro dia, foram de novo. Acharam um pedaço de beiju quase queimado. O tamanduá-bandeira seguiu o rasto dos homens.

Os homens voltaram mais uma vez, para procurar beiju assado, e viram o rasto do tamanduá-bandeira em cima do rasto deles. Como o tamanduá-bandeira ia sempre buscar massa na aldeia, desconfiaram que ele assava o beiju com o fogo. Por isso, um homem foi sondar o tamanduá-bandeira, olhando um pouquinho longe de casa.

Viu o tamanduá-bandeira pegar dois pauzinhos, esfregar um no outro e sair fumaça. Depois viu encostar umas folhas secas e soprar e acender o fogo². Depois viu assar beiju e comer. Mas,

(4:5) Tempo da chuva: *weha. yawhĩdu* (outubro a abril).

(5:1) Tamanduá-bandeira: *dikilisu* — *Myrmecophaga tridactyla*.

(5:2) Pauzinhos de fazer fogo: *haydesu*. "Obtêm fogo pelo atrito de dois bastões, em nada

nessa hora, o homem fez um barulhinho e o tamanduá-bandeira apagou o fogo depressa e deitou com a cabeça perto dos pauzinhos de fazer fogo.

O homem voltou para casa e convidou a mamangava³ para ir com ele roubar o fogo.

Já perto da casa, os dois ouviram bater machado de pedra⁴, cortando lenha de sumaneira⁵. O homem falou para a mamangava:

— Vai você e, quando você estiver perto de tirar o tição⁶ de fogo, grite: *gi... gi...* e eu aqui me preparo para correr.

Nessa hora já era meio-dia. A mamangava foi devagarzinho, entrou no chão, saiu no pé do tição de sumaneira e daí foi roendo a sumaneira e entrando para chegar ao fogo.

dissemelhantes dos que se acham pelo Brasil afóra. A operação é muito mais longa do que se imagina. O índio começa forrando o chão com uma folha sêca sobre ela deita o *ignigeno fixo*, que mantém com o pé e com o joelho. Com as mãos espalmadas, imprime ao *ignigeno movel* a rotação necessária, apertando-o, ao mesmo tempo, de encontro ao primeiro. O movimento faz descer as mãos ao longo do bastão; o índio recomeça, repondo-as na parte superior. De vez em quando pára, rapidamente, e passa a língua sobre a palma que o atrito requeima. No fim de algum tempo, quando o suor já poreja a frente do operador, surge a centelha, na moínha que se depositou na folha. O processo só difere da operação clássica pela presença da folha protetora." (ROQUETTE-PINTO, 1950: 233). "Fazem fogo com bastões de almêcega ... e resguardam as pontas dos ignigenos envolvendo-as na palha, para que se não molhem com as chuvas." (ROQUETTE-PINTO, 1950:278).

(5:3) Mamangava: *wanūnūkalisu* — *Bombus* sp.

(5:4) Machado de pedra: *eátalisu*. "Os machados de pedra lascada têm tipo uniforme. Todos de *diabase*, cuneiformes, pesam dois Kgs., em média. São encabados num pedaço de caule volúvel, talvez de uma *Bauhinia*. O breu e os laços de fios, postos para fixar a pedra, dão ao instrumento solidez surpreendente ... O breu é feito com resina de almêcega, jataí ... e cêra, levando ainda outras substancias desconhecidas." (ROQUETTE-PINTO, 1950:275). "Para derribar uma árvore de certo porte, com tal instrumento, ajuntam-se-lhe ao redor diversos machadeiros; o lenho, mastigado pela pedra, cede mais depressa do que se pensa. Admirável, porém, é a resistência do encabamento do machado." (ROQUETTE-PINTO, 1950:247). "Machado de pedra. Serve para preparar a roça. É formado por um bloco de diabase com 0,142 x 0,060 x 0,030 pesando cerca de 1800 grammas. Tem a forma geral de uma cunha. A outra extremidade é abraçada por uma haste de madeira que foi dobrada sobre si mesmo, medindo cerca de 0,520 de comprimento e mantida assim vergada por algumas voltas de um cordel de algodão. O encastamento excepcionalmente forte e resistente da pedra neste cabo é feito por meio de breu. Para que a resina possa encontrar sólido ponto de apoio na pedra enrolam, na base do machado, fios de algodão que ficam completamente imersos na massa." (RONDON, s.a. (1910):57).

(5:5) Sumaneira: *yokáwisu*.

(5:6) Tição de fogo: *hanésu*.

O tamanduá-bandeira escutou barulho e virou o tição. Olhou e disse para si: não é nada...

A mamangava continuou roendo. O tamanduá-bandeira ouviu outro barulho. Olhou de novo, mas ainda não viu nada.

Daí a pouco, a mamangava gritou alto: *gi... gi...* e saiu voando com o fogo. O tamanduá-bandeira pegou ligeiro uma vara para bater na mamangava, mas não deu tempo. A mamangava disse:

— Até logo, seu pé-de-machado, seu fogo vai comigo!

O tamanduá-bandeira ainda jogou a vara na mamangava, mas ela já ia lá longe perto do homem. Daí, o homem correu atrás da mamangava. O tamanduá-bandeira gritou:

— Esse fogo é perigoso, pode queimar criança, vocês não sabem disso!

O homem e a mamangava chegaram à aldeia, repartiram o fogo e todo o mundo assou beiju e carne. O homem foi caçar e levou o fogo para assar carne no mato.

Depois de uns dias, uma criança pegou febre⁷.

O homem tocou fogo no campo⁸ e queimou tudo até ficar limpo. No fim, o fogo apagou e acabou. O Nambikwára ficou outra vez sem assar carne e beiju.

Um homem achou dois pauzinhos secos e finos e esfregou um no outro e saiu fogo de novo e agora ficaram fazendo o fogo toda a vida, esfregando um pauzinho no outro e sempre pondo fogo no campo⁹.

Um dia, o tamanduá-bandeira foi buscar fogo na aldeia. Apagaram o fogo para o tamanduá-bandeira não ver.

6. NAMBIKWÁRA TEM ÁGUA DE NOVO

No começo, só o cunauaru¹ tinha água no oco de um pau². Quando o Nambikwára queria água, ia pedir ao cunauaru e ele

(5:7) Febre: *nekanūsanawá* (= estar com febre).

(5:8) Campo: *halósu*.

(5:9) Nambikwára diz que o fogo vive do caldo da carne. Quando não há carne, o fogo fica pequeno, triste e morre. Quando há, fica grande e aumenta.

(6:1) Cunauaru: *kwāhru*. “Na Amazônia é o nome de um pequeno batráquio (rã?), de cor bruna, olhos vermelhos e cujo grito diz as duas sílabas “cu-nau”, repetidas em voz

dava só uma cuia de água. E não havia jeito de roubar a água do canauaru.

Mataram o cunauaru e piorou a situação: acabou a água de uma vez. Agora Nambikwára só tinha uns pingos de água, quando torcia uma embira³.

A anta não agüentou de calor e foi ao leito de um rio seco.



VARIANTE: A anta não agüentou de calor e foi a uma lagoa seca⁴.



Cagou e mijou e a urina não afundou. Ela tomou banho na urina. Umás mulheres e crianças viram que a anta tinha tomado banho e falaram:

— É, anta, você achou água!

— Que nada, isso é minha urina!...

Dà. *wāsūnūsū* viu a urina da anta, pegou uma folha da figueira-silvestre de cima⁵ e terra da cabeceira de cima⁶ e foi es-

tristonha. Prepara seu ninho em forma de panela, no ôco da almecegueira (Protium).” (IHERING, 1968:267).

(6:2) Oco de pau: *hyētsu*.

(6:3) Embira: *sáhrū*.

(6:4) Lagoa: *hyēdntu*.

(6:5) Figueira-silvestre de cima: *halu.halu* Q.

(6:6) Cabeceira de cima: *Halu.halu.nékisu*. Q. *Nékisu*: cabeceira. É uma cabeceira muito limpa e bonita. Nesta cabeceira há uma lagoa muito grande, redonda, rasa e suja. Nela moram um pato (*ahūhra.áykisu* — *Sarkidiornis sylvicola*) e um pássaro amarelo. Perto da lagoa está a figueira-silvestre com mais duas árvores. A figueira-silvestre é a maior delas. A cabeceira de cima nunca começou e nem vai terminar: é o princípio de tudo. O mundo é muito grande, tão grande que nem se pode imaginar, mas as raízes da figueira-silvestre de cima descem até à Terra e invadem toda ela. Todos os homens, índios e não-índios (*kwatyadisu*) têm o mesmo sangue e vivem irmanados entre as raízes da figueira-silvestre de cima. Se um Nambikwára acha que não deve ser assim, no dia em que morrer, o espírito mau dá conta dele. O trovão (*talinā*) sem estalo do começo do tempo da seca, corre pelas raízes da figueira-silvestre de cima. Na cabeceira de cima sempre viveu e viverá Dà.*wāsūnūsū*, o Dono do mundo e dos nomes da gente. Dà.*wāsūnūsū* pode, ouve e conhece tudo, até o pensamento e o sangue e sabe se somos bons ou maus. Fez também as coisas certas: a mata para a plantação; a chuva (*wēsu*) para molhar as plantas; a terra para a gente caçar, plantar e viver; a fruta para a gente comer; o dia e a luz para a gente trabalhar.

fregando a folha e a terra com as mãos e fez a água de novo. Os Nambikwára estavam aqui embaixo na terra esperando com as cabaças. Quando *Dà.wāsũnũsu* acabou de fazer a água, disse para os Nambikwára:

— Bebam e tomem banho na água. Não podem ficar dentro, porque perdem o fôlego. Não podem fazer fogo dentro da água, porque não há jeito.

Então a anta chegou a casa e disse para os Nambikwára:

— Agora vocês e todo o mundo têm água! Vocês podem ir tomar banho e beber água, mas eu caguei na água⁷: vocês não se importem com isso.

7. A ALMA DA MOCINHA

Era uma família: o pai, a mãe, um menino e uma mocinha. Esta última morreu e a enterraram no meio do terreiro da aldeia¹. Choraram muito².

No dia seguinte, muito cedo, o pai foi caçar. Quando o Sol saiu, a mãe foi com o filhinho caçar também. Mais adiante, deixaram no chão o xire com beiju e a cabaça com água e seguiram para frente.

De volta, a mãe parou ali perto e mandou o menino buscar a água e o beiju, enquanto ela fazia o fogo. O menino voltou e disse:

— Mamãe, eu vi a alma de minha irmã, virada em borboleta³! Ela falou que estava com sede e com fome...

— Mentira sua: sua irmã está enterrada!...

(6:7) Por isso, hoje em dia, a anta caga dentro da água.

(7:1) O enterro nambikwára é feito no terreiro da aldeia. Se uma pessoa morre muito longe, enterram o defunto lá mesmo, devendo os companheiros permanecer alguns dias no local e, ao se retirarem, caçam e procuram mel. Se alguém morre não muito longe, amarram o corpo com uma embira, dependuram num pau e carregam para sepultar no terreiro da aldeia. Outras vezes carregam no ombro (*da.wākarakisu* = meu ombro).

(7:2) Somente os parentes mais próximos do morto choram e por vários dias. Os filhos do falecido, que estão com crianças menores, não choram, senão faz mal para as crianças. Se o morto não tem parente próximo, ninguém chora. Os parentes do morto cortam ainda o cabelo, menos quando se trata de um falecido já muito idoso. Não cortam o cabelo das crianças.

(7:3) Borboleta: *wadedēsu* — Lepidóptero.

— Mentira não: eu vi e escutei ela falar que está com fome e sede!

A mãe foi ver e encontrou a borboleta pousada num pau. Deixou uma cuia com chicha e foi para casa. Depois voltou e encontrou a cuia vazia. Levou a cuia, encheu de novo de chicha e deixou lá. Mas, quando foi ver na outra vez, a cuia estava vazia de novo⁴.

8. AS ALMAS ROUBAM CRIANÇA

Duas mulheres foram apanhar lenha. Escutaram umas risadas em cima, de homens e moças. Chegaram a casa e contaram para os homens.

Na noite do mesmo dia, uma das mulheres deitou para dormir com as suas três crianças. Certa hora, acordou, sentiu falta da criança maior e logo escutou a criança chorar lá em cima.

A mulher acordou os pajés da aldeia e contou que as almas roubaram a sua criança. Os pajés foram atrás das almas do pai e dos avós da criança, tomaram a criança e deram para a mãe¹.

9. E A CASCA FICOU SENDO REMÉDIO

Faz tempo, morreu uma mocinha na aldeia. Todo o mundo chorou. Tiraram uma casca de imburana-de-cheiro¹, escoraram com um pau e puseram ao sol para secar. Depois puseram a mocinha morta dentro da casca para enterrar.

Notaram que o coração batia²:

— Olhem, ela está viva! disseram.

(7:4) O Nambikwára coloca em cima da sepultura uma cuia com chicha para a alma do morto beber. Cada dia enche aquela cuia de chicha. Deixa de encher, quando encontra a chicha do dia anterior, porque o resto de chicha significa que a alma não quer mais beber. Um informante disse que a gente coloca chicha na cuia, até o corpo decompor-se. Nambikwára sabe que o corpo se decompõe mais depressa no tempo da chuva do que no tempo da seca (*kwē̃tisu* — abril a outubro).

(8:1) Isso pode acontecer hoje em dia. Se não acontece, é porque *Dà.wāsūnūsu* cuida.

(9:1) Imburana-de-cheiro: *wáydakatu* — Hierochloë acreana. O Nambikwára envolve o corpo de um morto adulto em palha de buriti (*hehru* — *Mauritia flexuosa*) ou bacava (*wedntu* — *Oenocarpus bacava* e *O. distichus*) e amarra com cipó (*hukēnūsu*). Se o corpo é de uma criança, cobre com casca de pau-de-óleo (*tawikatu* — *Copaifera langsdorfii*). A bacava amadurece em janeiro e novembro.

(9:2) Nambikwára vê que uma pessoa morreu, auscultando o coração.

Tiraram a mocinha da casca de imburana-de-cheiro. Ela abriu os olhos e um homem falou:

— Agora não precisa mais ninguém chorar!

Isso aconteceu pela meia-manhã. Ao meio-dia, a mocinha comeu e bebeu chicha.

Repartiram a casca de imburana-de-cheiro por todo o mundo. Puseram os pedaços da casca dentro das cabaças com água e depois tomaram banho com essa mistura.

A casca de imburana-de-cheiro ficou sendo remédio.

10. O FUMO DAS ALMAS

Numa aldeia faltou fumo. Um homem saiu à procura de fumo. Andou por campo, várzea¹, morro e não encontrou. Pousou muito triste na cabeceira de um córrego. Apareceu uma alma e perguntou para o homem:

— Por que você está tão triste assim?

— Nambikwára não tem fumo! Faz dia que eu estou procurando e não encontro...

— Então vem comigo.

Chegaram a um morro das almas². A alma abriu a porta do morro com uma espada de madeira. O homem entrou e ficou ad-

(10:1) Várzea: *wētzu*.

(10:2) Depois da morte, a alma continua por algum tempo perto da aldeia, em forma de sombra pequena (*ayāwkadisu*) de uma pessoa ao meio-dia. A sombra comprida de uma pessoa, de manhã e de tardezinha, é espírito mau. Outro informante diz que a sombra da gente, de dia, é alma e, de noite, é espírito mau. A alma, em forma de sombra pequena, pode ser reconhecida apenas pelo pajé. Uma alma antiga chega e leva a alma nova para a cabeceira de cima. A primeira coisa que a alma nova faz na cabeceira de cima é beber água na lagoa e depois a alma antiga entrega a nova a *Dà.wāsūnūsu*. *Dà.wāsūnūsu* dá para a alma que chegou um novo nome, um novo corpo e uma nova vista para ver a beleza das coisas, e dá uma alegria sem fim. É da alegria e da beleza das coisas que a alma se alimenta na cabeceira de cima e não precisa de água e comida. Depois a alma volta para a terra e vai viver definitivamente em um dos lugares próprios das almas. Nesse lugar não pega doença, não morre nem fica velha. Como na cabeceira de cima, vive só da alegria e da beleza das coisas e não precisa de água e comida. Somente cultiva o algodão (*kūntu* — *Gossypium* sp.), para fazer enfeite, e o fumo, para fumar. No lugar das almas há quatro pés de fumo, que nunca morrem. As folhas são maiores do que as usadas pelos Nambikwára. A folha para o cigarro busca fora do lugar onde vive. No lugar das almas nunca escurece. A alma continua casada e tem filhos, só que a mãe carrega a

mirando a beleza da casa das almas. Não viu flecha, nem cabaça, nem cuia. Depois a alma mostrou os quatro únicos pés de fumo, que as almas tinham, e disse:

— Taí o fumo: pode apanhar algumas folhas das maiores.

O Nambikwára ainda perguntou:

— Semente, eu não posso levar?

— Não, semente não.

O homem chegou com as folhas de fumo à aldeia e repartiu para todos os homens. Fumaram e foi aquela alegria...

11. A DIVERSIDADE DAS LÍNGUAS

Dois moços¹ fizeram duas facas. Tiraram leite de mangava², aprontaram algumas flechas e chamaram uma velha para ir caçar.

Encontraram uma perdiz³ e uma seriema⁴. Perguntaram para a velha:

— Essa perdiz aqui como é que canta?

— Assim: *aluterali... aluterali...*

— E essa seriema ali?

— *Talá... talá...*

— Como que você chama a perdiz?

— *Yalay.yalay.ralatia.*

— E a seriema?

— *Yalay.ralaya.*

Outro dia, os moços foram caçar e trouxeram uma ema⁵ e um veado⁶. Perguntaram para a velha:

criança numa ipóia (*sáhru*) de algodão, porque ali não há embira. Quando chega uma alma nova da cabeceira de cima, uma alma antiga abre a porta com uma espada de madeira e, depois que a alma nova entrou, a antiga fecha a porta. Às vezes a gente ouviu conversa nos lugares das almas.

(11:1) Moço: *sanérikisu*.

(11:2) Leite de mangava: *kadíkawsu*. Mangava: *kadíkisu* — *Hancornia speciosa*. A mangava amadurece em novembro.

(11:3) Perdiz: *alukegnkisu*. T.M.: *yalay.yalay.ralatia* — *Rhynchotus rufescens*.

(11:4) Seriema: *kwalatu*. T.M.: *yalay.ralaya* — *Cariama cristata*.

(11:5) Ema: *tazu*. T.M.: *wayxhewayxheri.yalay.ralatia* — *Rhea americana*.

(11:6) Veado: *yatáhru*. T.M.: *wayxhewayxheri.yalay.ratia* — *Cervídeo*.

- Você sabe como ronca a ema?
 — Ela ronca assim: *hũ... hũ... hũ...*
 — E o veado como faz?
 — Bem assim: *põk... põk... põk...*
 — E como você chama a ema?
 — *Wayxhewayxheri.yalay.ralatia.*
 — E o veado?
 — *Wayxhewayxheri.yalay.ratia.*

Assim como essa velha fala diferente, assim Nambikwára, Branco, Iránxe⁷, Paresí⁸ falam também diferente.

12. A CONQUISTA DO MACHADO DE PEDRA

O velho Manduca¹ *Wáyhikāyndzu* e o seu irmão² *Walikāwnzu* foram buscar machado de pedra na aldeia de um povo que comia gente³. Era muito difícil conseguir, porque o povo que comia gente era muito bravo. Foram chegando à aldeia daquele povo, gritando:

— Estamos chegando! Estamos chegando!

O povo que comia gente jogou umas bolinhas de leite de mangava para eles pegarem, dizendo:

— Se vocês deixarem essas bolinhas cair no chão, nós vamos comer vocês.

Os dois Manduca eram muito espertos e ligeiros. Pegaram bolinha de leite de mangava desde a manhã, até de tardezinha.

(11:7) Iránxe: *Hayrasu*.

(11:8) Paresí: *Warakidesu*.

(12:1) Manduca: *Siwaysu*.

(12:2) Irmão: *alodnzu*.

(12:3) Antropófago: *salāwsu*. "No entanto, qualquer que seja o grão de rudeza de tais hábitos, ficou inteiramente assentado que o mais bárbaro de todos, o da anthropophagia, não o têm elles e se em algum tempo o tiveram, há já muitas gerações que o abandonaram. Deste crime, elles, falando com o Coronel Rondon, se defenderam com vivacidade, e acusaram a nação que vive ao ocidente dos seus territorios; esta, por sua vez, negou peremptoriamente que se entregasse a tal abominação, mas afirmou que, mais para o interior das florestas, nas extremas do rio Pimenta Bueno, habitam os únicos anthropophagos de todos aqueles sertões, os por eles chamados Coaiás. Verdadeira ou não, a acusação contra os ainda desconhecidos Coaiás, o certo é que ela não foi lançada contra os Nhambiquaras, nem mesmo por inimigos com os quais eles viviam em guerra tradicional." (ANÔNIMO, 1916:328i329).

Uma moça⁴ do povo que comia gente saiu na porta da casa, para ver como o velho e seu irmão aparavam as bolinhas. Um Manduca jogou uma das bolinhas bem no peito da moça e ela morreu na hora. Então o povo que comia gente parou de jogar bola, entrou dentro de casa e ficou quieto.

Os dois Manduca entraram na casa, pegaram uma porção de machado de pedra e voltaram para a sua aldeia. Dali saíram e repartiram machado de pedra para os homens de todas as aldeias nambikwára.

Depois que *Wáyhikāyndzu* e *Walikāwnzu* morreram, ninguém mais foi buscar machado de pedra.

13. O GENRO VIROU PEDRA

O curiango¹ era gente. Um homem casou e vivia com sua mulher e a sogra². Um dia, o homem saiu para caçar com sua mulher grávida e a sogra ficou em casa.

A mulher viu o homem comendo cupim³ e disse:

— Queria comer cupim também...

— Cupim você não pode, só filhote de marimbondo⁴, porque você está grávida.

Mais à frente, os dois se separaram um pouco e a mulher comeu cupim, escondida.

Quando se encontraram de novo, o marido desconfiou e perguntou:

— Você comeu cupim?

— Não, não comi cupim, eu comi só filhote de marimbondo.

O homem não acreditou, foi ver os dentes da mulher, encontrou uns restos de cupim e zangou. Amarrou o pescoço da mulher com uma corda de tucum-do-campo⁵ e saiu arrastando. O pes-

(12:4) Moça: *wāyndisu*. T. M.: *da.wāyneta*.

(13:1) Curiango: *kwayasu* — Caprimulgídeo.

(13:2) Sogra: *atfrikisu*.

(13:3) Cupim: *waradisu* — Termitídeo, indistintamente.

(13:4) Filhote de marimbondo: *aótisu*.

(13:5) Corda de tucum-do-campo: *alo.ihnu*.

coço da mulher quebrou e ela morreu. O homem assou a mulher num jirau⁶ e comeu. Deixou só a criança.

A alma da mulher virou uma juriti e soluçou! *u... u... u...*⁷.

O homem voltou para casa e a sogra perguntou:

— Onde está a minha filha?

— A criança nasceu no mato e a sua filha ficou lá.



VARIANTE: O homem respondeu:

— Uma tocandira⁸ mordeu a sua filha e ela não pôde mais andar e ficou lá no mato.



— Eu vou lá ver a minha filha!

Pode ir lá ver, mas vá pelo meu rasto, para você poder encontrar.

A sogra pegou uma cabaça de água e saiu atrás da filha.

Lá adiante, gritou pela filha. Nada de resposta. Gritou de novo. A juriti da alma da filha soluçou: *u... u... u...* —

A mãe foi no rumo do soluço e foi dar no jirau com cinza e tição apagado embaixo. A mãe pensou: aquele homem matou e comeu a minha filha! foi aqui! e chorou. Voltou para casa e encontrou o genro⁹ dormindo. Ela pegou um pau e foi batendo nele. O genro acordou, saiu correndo para o mato e nunca mais apareceu.



VARIANTE: A sogra pegou um machado de pedra para matar o genro, mas, na hora, o genro virou uma pedra muito dura. A velha bateu na pedra, para quebrar, e não deu jeito de quebrar. Então acendeu um fogo em cima da pedra e mesmo assim a pedra não rachou.

(13:6) Jirau: *kozu*.

(13:7) Juriti: *kalūtu* — *Leptotilla* sp.

(13:8) Tocandira: *sisú* — *Paraponera clavata*.

(13:9) Genro: *asáneru*.

A sogra foi para outra aldeia. Depois voltou para ver e o genro era pedra ainda e ainda hoje é.



A sogra ficou sozinha e triste em casa.

14. O VELHO LOUCO

Um dia, o pessoal de uma aldeia saiu para caçar. Só dois velhos irmãos ficaram em casa. Um velho perguntou para o outro:

— Aonde foi o nosso pessoal?

— Saiu para caçar.

— Eu também quero ir.

— Mas você não pode caçar: vive dizendo que está doente...

— Eu sou de um povo diferente: eu sou *irawtyahlusu!* e, se fico em casa, vem vicho!

— Então vamos caçar, disse o irmão, e saíram os dois.

Encontraram um manduri¹.

— Vamos tirar esse *tyë.alisu!* disse o velho doente.

— O nome dessa abelha não é *tyë.alisu*, é *sisu!*

Tiraram o manduri e seguiram. Encontraram uma arapuã². O velho doente disse:

— Vamos tirar esse *hawasu!*

— O nome dessa abelha não é *hawasu*, é *asu!*

— O nome dela é *hawasu* mesmo! Eu estou dizendo!...

Acharam um borá-cavalo azedo³. O velho doente disse:

— Vamos tirar esse *kaha.lanasu!*

— Como é que você está mudando o nome de tudo! O nome dessa abelha é *kayutisu*.

— Eu já disse que sou de outro povo e eu chamo as coisas com outros nomes!

(14:1) Manduri: *sisu*. T.M.: *tyë.alisu* — *Melipona marginata*.

(14:2) Arapuã: *asu*. T.M.: *hawasu* — *Trigona ruficrus*.

(14:3) Borá-cavalo ou aramé: *kayutisu*. T.M.: *kaha.lanasu* — *Trigona heideri*.

— Acharam ainda uma enxu⁴. O velho doente foi logo dizendo:

— Vamos tirar essa *kwãkwētalisu* e pronto!

— O nome dessa vespa não é *kwēkwētalisu*, é átisu!

— Eu vou dizer de novo: essa é *kwēkwētalisu* mesmo e é a última para hoje e depois vamos embora!

Tiraram a enxu e voltaram para casa. Aí foi que o irmão viu que o seu irmão era um louco e não um doente.

15. O FILHO SABIA CAÇAR MELHOR QUE O PAI

O velho *Ne.ahlusu* foi caçar com o filho. Achou um rasto de tamanduá-mirim e disse para o filho:

— Agora você me ajuda a seguir o rasto.

— Eu não quero seguir rasto.

— Vamos comigo!

— Deixe esse rasto e vamos voltar para casa!

— Então vamos voltar mesmo, disse o pai.

Na volta, o filho disse:

— Vamos entrar direto por aqui.

Saíram bem em cima de um buraco de tamanduá-mirim. O filho pôs o ouvido no chão, escutou e disse:

— O tamanduá-mirim está bem aqui, pode cavocar!

O pai cavocou e matou o tamanduá-mirim.

Voltaram alegres para casa.

No outro dia, saíram de novo para caçar. Acharam rasto de tatu-peludo. O filho disse:

— Deixe esse rasto e vamos em frente.

O pai não falou nada, por causa do que aconteceu no outro dia. Saíram em cima de um buraco de tatu-peludo. O filho disse:

— O buraco começa reto, mas depois faz curva para baixo e é ali que o tatu-peludo está. Fure aqui em cima da curva e você pega.

(14:4) Enxu: átisu. T.M.: *kwēkwētalisu* — *Polybia sylveirae*.

O pai ficou alegre e gostando ainda mais do filho. Ele não contava para ninguém como o filho sabia caçar. Era só sair com o filho, trazia caça.

Os outros notaram isso, jogaram veneno¹ no filho e mataram. O pai ficou muito triste. Foi caçar e perdia os rastos das caças.

A alma do filho apareceu e disse:

— Papai, seguir o rasto é uma coisa muito difícil: deixe comigo de novo.

A alma guiava o pai como antes e, daí para diante, foi do mesmo jeito de quando o filho era vivo.

Então os pajés viram que a alma do filho estava ensinando ainda a caçar e roubaram a alma do filho para não ajudar mais o pai².

16. O VELHO FICOU CONHECIDO

O velho *Waw.lahlusu* tinha um filho de nome *Netúdnsu*. *Netúdnsu* sempre ia passar em outra aldeia e acabou casando com duas moças dali. As mulheres de *Netúdnsu* nunca tinham visto o sogro¹ e queriam conhecer, porque os outros diziam que ele era muito grande.

Netúdnsu levou as suas mulheres para conhecerem o sogro. Quando iam chegando à casa de *Waw.lahlusu*, ele estava deitado dentro de casa e *Netúdnsu* chamou. *Waw.lahlusu* saiu de casa de joelho e curvado para a frente com um xire na nuca² cheio de algodão, colar de dente de macaco, pulseira de rabo de tatu-canastra³ e brinco de concha⁴. *Netúdnsu* disse para o pai:

(15:1) Veneno: *dináru*.

(15:2) "Sempre a gente lembra esta história quando o mosquito (*kalúkakusu* — Hematófago) vem certo na ferida da gente", comentou um informante.

(16:1) Sogro: *asū.nūsu*.

(16:2) Nuca: *da.wānusu*.

(16:3) Pulseira de rabo do tatu-canastra: *yarawsu*. "Dos anéis da cauda do tatú canastra fazem as mulheres, polindo-os em pedras húmidas lindas pulseiras inteiriças." ROQUETTE-PINTO, 1950:242). "*Oradaikruzê* ... — É linda pulseira feita de anéis da cauda do tatú canastra ... Parece objeto de marfim." (ROQUETTE-PINTO, 1950:280).

(16:4) Brinco de concha: *nenēdzu*. "Brincos triangulares são feitos de nacar..." (ROQUETTE-PINTO, 1950:281). "Nas orelhas dependuram triângulos de madrepérola que tiram de conchas fluviais e, quando o furo se dilacera rompendo o lobulo em duas tiras, não hesitam em praticar novo orifício." (ROQUETTE-PINTO, 1950:240).

— Aqui estão as minhas mulheres. Elas vieram aqui para conhecerem você.

— Só agora que vocês estão me conhecendo de perto. Faz tempo eu já conhecia vocês!

Netúdnsu mandou as mulheres pegarem o xire do pai e repartirem entre elas tudo o que havia dentro. *Netúdnsu* depois disse:

— Papai, você canta, porque minhas mulheres querem ouvir.

Waw.lahlusu cantou assim:

*Xe... xe... xe... ũfwisa nūsē... ha... ha... ha...
Xe... xe... xe... dá água para mim... ha... ha... ha...*

As noras ficaram morando com o sogro.

VARIANTE:

Uma aldeia queria conhecer o velho *Waw.lahlusu*. Sabiam que não dava nada para ninguém.

Alguns homens foram chamar *Waw.lahlusu* para vir à aldeia deles. Na volta, mandaram o velho andar na frente. O velho entrou na aldeia, gritando de alegria:

— Vocês queriam me conhecer? Pois estou aqui. Eu já conheço vocês bem! E cantou:

*Kuykuykayute nala... ha... ha...
Laranjeira-do-mato⁵... ha... ha...*

Depois, o velho falou:

— Era assim que a gente cantava antigamente... Meu nome é *Waw.lahlusu*!

Waw.lahlusu voltou para casa.

17. É BOM TOMAR BANHO E BEBER ÁGUA

Um velho matou uma caça. Um moço disse para o velho:

— Me dá o fígado¹.

(16:5) Laranjeira-do-mato — *Netrodorea pubescens*.

(17:1) Fígado: *ahíthru*.

— Não, você comendo este fígado, o seu dói.

— Então me dá a tripa².

— Também não, se não a sua tripa dói.

Qualquer pedaço de carne, que o moço pedia, o velho dizia que ia doer no moço. O moço disse:

— Então eu vou é tomar banho e beber água.

— Sabe que isso é uma coisa boa?!

O moço tomou banho e bebeu água³.

18. A PRISÃO DA MENINA PREGUIÇOSA

Uma mãe tinha uma menina muito preguiçosa. A mãe mandava a menina buscar água: ela não ia. Mandava buscar lenha: não ia também. E tudo o que a mãe mandava, a menina não fazia.

A mãe ficou zangada e prendeu a menina. A toda hora dava banho na menina e não deixava nem um tempinho para ela esquentar.

A filha chorava de frio e foi indo, morreu.

Nambikwára pegou daquela mulher o costume de prender a mocinha quando tem a primeira menstruação¹, mas não mata a filha de tanto dar banho.

19. MULHER MATA MARIDO CIUMENTO

Eram dois casais. Um homem foi caçar com a mulher do outro. De volta, o marido da mulher que foi caçar ficou com ciúme e ralhou com a mulher.

(17:2) Tripa: *ayokisu*.

(17:3) Por isso é que o Nambikwára gosta de beber água e tomar banho.

(18:1) Mocinha menstruada: *wayunitákulusu*. Quando uma mocinha tem a primeira menstruação, avisa a mãe. Então fazem uma casinha separada e prendem a mocinha dentro. Durante o dia fica sozinha sentada num abano (*kwëkisu*). A mãe ou a avó ou a madrastra (*ahakanusu*) cuida dela. Pode beber chicha, comer beiju e carne, menos a de tatu-bola (*alútu* — *Tolypeutes tricinctus*). Uma das três acompanha a mocinha, quando esta precisa sair para defecar e urinar, e a mocinha sempre vai com um abano na cabeça, senão o espírito mau pode pegar. De noite, a mãe dorme também com a filha ao lado de três tições de fogo, também para o espírito mau não pegar a mocinha. Depois de uma lua e meia, a aldeia faz uma festa para soltar a mocinha.

A mulher buscou mangava no campo, cozinhou e deu bem quente para o marido comer. A mangava quente enganchou na garganta¹ dele e ele morreu².

20. ORIGEM DA VAGINA E DO VENTRE

Antigamente a mulher não tinha vagina¹ e o homem não podia mexer com ela.

Um dia, a paca roeu entre as pernas da mulher e fez a vagina. Mas a mulher também não tinha ventre².

Então a cutia perguntou para a coruja-do-campo:

— Como vamos fazer o ventre da mulher?

— Do miolo da cabaça.

A coruja-do-campo pegou uns miolos da cabaça, meteu pela vagina e fez o ventre da mulher.

21. HOMEM DAVA A SUA CARNE PARA COMER

Um homem casou. Um dia foi caçar e trouxe só a carne de tatu. Outro dia foi caçar de novo e trouxe só a carne de tamanduá-mirim.

Os homens vão caçar e, quando voltam, todo o mundo dança a noite inteira. De madrugada, começam a arrancar as palhas da prisão e, de manhã, os homens despejam para cima uns xires de carne, e, quando a carne cai espalhada no chão, uns apanham mais e outros menos. Enquanto isso, os outros vão dançando e cantando. Depois, repartem para todos a carne dos outros xires. A palha da casinha da prisão serve para fazer outra casa de morada. Às vezes a mocinha casa antes da primeira menstruação e, mesmo assim ela é presa, quando tem a primeira menstruação. Depois da festa, às vezes o marido larga a mulher que saiu da prisão, mas costuma dar muito comentário e confusão no grupo. "The puberty ceremony for girls is much more elaborate. After a girl has her first menses her father builds a small hut in the center of the camp, in which the girl is secluded. She must remain in this hut day and night and is attended by her female relatives. The chief then calls all members of the band together, even sending messengers to distant hunting parties. When the band is united the chief organizes a hunt in which all the men take part, and they must remain away from the camp until the moon is full. While on the hunt they accumulate a great quantity of smoked meat. When the moon is full, the men send a messenger to the camp to whom the women give some of the baked manioc and other food which they have been preparing. When the messenger leaves with the food it is a sign that the men will return to camp after sunset ... During the night men and women join in the dance, holding hands and dancing in a circle, the dance steps being stamped out with the right foot in the direction in which the circle is moving. A special puberty song is also sung." (OBERG, 1953:103-104).

(19:1) Garganta: *ayetarosu*.

Sempre que ia caçar trazia só a carne.

O sogro ficou implicado com esse negócio de trazer só a carne.

Outro dia, o homem foi caçar de novo e o sogro foi atrás. O sogro viu o genro parar, fazer fogo, pegar uma taquara de haste de flecha¹ afiada, apalpar a barriga da perna e cortar. Esfregou com a mão o lugar que cortou e a barriga da perna ficou inteira de novo. Pegou o pedaço cortado, sapecou no fogo e deixou de lado. Apalpou outro lugar de muita carne e fez tudo do mesmo jeito. Fez toda a carne que queria e botou no xire, para levar para casa.

O sogro viu tudo isso e disse para o genro:

— Mas como é que você está dando a sua carne para a gente comer?

Matou o genro e jogou na água. O genro viveu de novo e virou jacaré². O sogro pegou o pedaço de carne maior e bateu num pau. A carne virou camaleão-pequeno³. Jogou na água o outro pedaço de carne menor. Este virou outro camaleão-pequeno⁴.

22. O VELHO CIGARRA FICOU MOÇO

Faz tempo a cigarra-grande¹ era gente. Um velho cigarra-grande era cego: tinha só o lugar do olho. Toda noite cantava a noite inteira para os grandes e as crianças escutarem, fosse festa ou não². As mulheres faziam chicha de mandioca e o pessoal bebia, enquanto o velho cantava.

Um dia, o velho cigarra-grande falou para os homens:

— Vocês vão caçar e tirar mel: cortem todo o mel que acharem e matem toda a caça que encontrarem e voltam só de tardezinha. Os homens deixaram perto do velho cigarra-grande um pe-

(19:2) Nambikwára come a mangava ou madura ou assada. Quando é assada, a polpa viscosa se mantém muito quente durante algum tempo.

(20:1) Vagina: *akayosu*.

(20:2) Ventre; *ahaysu*.

(21:1) Taquara de haste de flecha: *alukuyhru* — *Arthrostyidium* sp.

(21:2) Jacaré: *wakílisu* — *Caiman crocodilus*.

(21:3) Camaleão-pequeno: *tāwhru* — Iguanídeo.

(21:4) Camaleão-pequeno: *Ayno.leetisu* — Iguanídeo.

(22:1) Cigarra-grande: *alupyarosu* — Cicadídeo.

(22:2) A cigarra-grande canta em setembro e outubro e morre em novembro.

nacho de nariz³, uma cabaça com urucu-vermelho, um enfeite de continha da cintura e um tufo de fibra de buriti⁴ e saíram.

Agora o velho cigarra-grande disse para as mulheres:

— Vocês vão à roça buscar mandioca e voltem só de tardezinha também.

E para as moças:

— E vocês vão buscar broto de buriti⁵.

As crianças foram com os pais e o velho cigarra-grande ficou sozinho na aldeia.

Uma aranhazinha⁶ rasgou as costas do velho cigarra-grande e tirou toda a pele do corpo dele e o velho cigarra-grande ficou moço e de olhos inteiros. Passou o urucu-vermelho no corpo, botou o enfeite de continha na cintura, o penacho no nariz e amarrou o tufo de fibra de buriti no pescoço, deixando cair para trás, e deitou alegre.

De tardezinha, os homens chegaram com muita caça e muito mel, as mulheres com mandioca e as moças com broto de buriti.

(22:3) Penacho do nariz: *yalana.wetu*. É uma pena de tucano (*yaladntu* — Ramfastídeo, indistintamente), de arara ou de mutum (*witu* — *Crax* sp. que os homens usam no septo nasal, furado quando são moços. “Alguns, é modesta cavilha do septo nasal, preferem outra, enfeitada com uma pena de arara ou de mutum.” (ROQUETTE-PINTO, 1950:241). “Ornato nasal. É feito com 1 pena de mutum encastoadada na ponta de um fragmento de taquara polida, mantido com auxílio de breu e fios de algodão. Circunda nessa grande pena um feixe de pequenas tectrizes de tucano. As linhas brancas que se acham abaixo do fio de algodão são as extremidades dos tubos das pequenas pennas, divididos longitudinalmente, revirados, e embutidos na resina preta. Este ornato representa ente (sic) os índios da Serra do Norte uma verdadeira distinção honorífica de carácter industrial. É conferido ao índio que conseguir derrubar a matta para fazer uma roça com o machado de pedra. O trabalhador assim distinguido leva enfiada no nariz essa penna, segundo informações do encarregado do Retiro do (sic) Serra do Norte.” (RONDON, s.a. (1910):56-57). “Os homens furam o nariz e o lábio superior, onde collocam enfeite ou um pedaço de páo; furam também as orelhas, nas quais collocam brincos. Este enfeite consiste numa taquarinha — de 8 a 18 centímetros de comprimento — tendo engastado em uma das pontas um penacho de pennas de periquito ou uma grande penna de arara.” (SOUZA, 1920:392).

(22:4) Tufo de fibra de buriti: *tahehru*. “É também característico de toda a população da Serra do Norte e do vale do Juruena um manto de fibras de palmeira (laluçú), posto ao longo da coluna vertebral, pendente do pescoço. As mulheres não o carregam; ainda uma garridice masculina.” (ROQUETTE-PINTO, 1950:242). “É singelo manto de fibras, muito usado, preso ao pescoço e pendente sobre o dorso, o laluçú...” (ROQUETTE-PINTO, 1950:280).

(22:5) Broto de buriti: *yalásu*.

(22:6) Aranha: *kwalaysu* — Aracnídeo.

Encontraram o velho feito moço, de olhos abertos e todo enfeitado. O moço disse para as mulheres:

— Vocês ralem a mandioca e façam chicha.

E para as moças:

— E vocês assem o broto de buriti e façam enfeite e coloquem debaixo do joelho e do tornozelo de vocês.

23. O PEIDO DA VELHA

Eram dois irmãos. O mais novo¹ era casado com a filha da velha *Alutyegnkalusu*.

Um dia, o irmão mais velho² chamou o mais novo:

— Vamos caçar?

— Vamos.

Lá no mato, o irmão mais velho perguntou para o mais novo:

— Por que você está tão amarelo? Você nunca foi assim... Você está doente?

— Não, eu não estou doente.

— Então vai ver que é sua sogra que peida em você, quando você está dormindo. Hoje de noite, você coloca um machado de pedra perto de você, deita e depois finge que dorme.

Numa hora da noite, a sogra veio de traseira³ virada para o genro e soltou um peido⁴ bem no rosto dele.

— Tá vendo? bem que o meu irmão falou! pensou o irmão mais novo e continuou fingindo dormir.

A sogra veio depois outra vez. Quando foi encostando a traseira para soltar outro peido, o genro sentou o machado de pedra na traseira e a sogra morreu.

No outro dia, o genro jogou fora e daí ele foi engordando.

24. O HOMEM NÃO PENSAVA NOS OUTROS

Na hora de repartir uma caça, *Kihayerahlusu* só queria um pedaço grande e com muita gordura: outro ele não queria. E sem-

(23:1) Irmão mais novo: *wētu*.

(23:2) Irmão mais velho: *hikadisu*.

(23:3) Traseira: *asíkuru*.

pre dizia que não era para ninguém repartir carne, quando ele não estivesse junto.

Um dia, mataram uma anta¹, repartiram antes de *Kihayerahlsu* chegar e deixaram só uma perna para ele.

Quando *Kihayerahlsu* chegou, disseram para ele:

— Está aí a perna da anta para você.

— Essa perna eu não quero: não tem carne nem gordura!...

Um homem disse:

— Você não quer a perna? Então eu vou repartir para os outros. *Kihayerahlsu* disse:

— Não, então eu quero assim mesmo! E avançou na perna da anta.

O homem avançou primeiro, pegou a perna da anta e disse:

— Tome aí! Mas empurrou também *kihayerahlsu* com a perna da anta.

Kihayerahlsu caiu no chão abraçado com ela.

25. A ORIGEM DA MORTE

Antigamente Nambikwára não morria. Uma velha tinha um filho já feito. Um dia, o filho foi caçar e no caminho¹ ia pensando: minha mãe já está velhinha, de cabelo branco, sem dente nenhum e em osso e pele²; vive cansada, só deitada e nem agüenta mais levantar... Queria que a minha mãe fosse ainda nova e forte, para poder fazer beiju e assar carne! Chego a casa e não há nada pronto: assim é muito triste!

E, em casa, a velhinha pensava: o meu filho nessa hora já deve ter encontrado e matado muita caça, mas, coitado, quando chega aqui, eu não posso preparar... não tenho mais força! E a velhinha ficava triste também.

(23:4) Peido: *tagnkatutu*.

(24:1) Quando um Nambikwára flecha uma anta e ela corre e cai com a cabeça virada na mesma direção em que ia correndo, a carne não presta; quando cai com a cabeça virada de lado, a carne é boa.

(25:1) Caminho: *tihnusu*.

(25:2) Pele: *da.wāwahru* (= minha pele).

Noutro dia, o homem foi caçar de novo. Então a velhinha pegou uma cuia, um cacho de urucu, um colar, um enfeite de continha da cintura e desceu para a cabeceira *Walanékisu*³. Chegou lá, arrancou a pele enrugada do corpo com cabelo e tudo, como fazem a cobra e a lagartixa e tomou banho numa cacimba⁴. A velha ficou nova. Colocou o colar no pescoço, o enfeite de continha na cintura, passou o urucu em todo o corpo, botou de novo dente e cabelo preto e ficou bonita como era no tempo de nova. Naquele tempo todo o mundo fazia como essa velha e ninguém morria.

A moça nova dependurou a pele velha num pau perto da cacimba e voltou para casa. Avisou os netinhos:

— Olhem, vocês não mexem naquela pele que eu deixei lá na cacimba!

— Nós não vamos mexer, não, vovó!

O filho chegou da caçada com muita carne.

— O beiju está pronto! disse a mãe.

O filho só reconheceu a mãe pela voz, porque agora estava nova. E foi muito grande a alegria do homem. Agora sim, eu de novo tenho uma mãe bem novinha, que faz beiju a assa carne!...

Mas os netinhos foram olhar a pele lá na cacimba e viram que era bom brincar de flechar. Fizeram uns arquinhos de varinha e embira, umas flechinhas de talo de buriti⁵, flecharam e furaram a pele toda da vovó.

Quando a vovó viu, começou a chorar. Depois que os netinhos mataram a pele, veio a doença e a morte. Morreu uma criança; depois outra criança; um moço... Foi indo, a velha que ficou nova, morreu também.

Daí para diante Nambikwára começou a morrer.

26. A MULHER PREGUIÇOSA

A velha *Sula.lakalisu* era muito preguiçosa. Não fazia nada, vivia só deitada e nem mesmo ralava mandioca. Por isso, tam-

(25:3) *Walanékisu*: cabeceira da carne sem gordura. *Walahrú*: carne sem gordura; *nékisu*: cabeceira.

(25:4) Cacimba: *Yedntu*.

(25:5) Talo de buriti: *heratawtu*.

veram filhos. *Kalēra.íkitesu* tinha muita saudade da mulher e vivia sempre pensando em fazer ela viver de novo.

Um dia, *Kalēra.íkitesu* tomou um banho e saiu andando pelo campo, sempre lembrando a mulher. Achou os ossinhos de um periquito¹ morto.

— Vou experimentar uma coisa, pensou *Kalēra.íkitesu*: amontoou na mão aqueles ossinhos ao jeito do corpinho do periquito, cuspiu neles e soprou.

Os ossinhos na mesma hora viraram um periquito, que voou e sentou no galho baixo de uma árvore. *Kalēra.íkitesu* viu que era sabido e tinha o poder de fazer viver de novo um animal morto. Ficou cheio de alegria.

Kalēra.íkitesu continuou andando pelo campo. Mais adiante, achou um besouro grande² morto, de pouco tempo. Fez viver de novo do mesmo jeito que o periquito.

— Agora eu já sei: sou um pajé e o primeiro do mundo! Vou fazer a minha mulher viver de novo, disse *Kalēra.íkitesu* mais alegre e convencido.

Chegou a casa, foi tomar um banho, levou para casa uma cabaça de água, colocou a cabaça de água em cima da sepultura da mulher, sem falar nada para ninguém.

Nessa hora, a sogra e o cunhadinho de *Kalēra.íkitesu* saíram para o campo.

Então *Kalēra.íkitesu* apanhou um capim³, bebeu água e foi para a sepultura de sua mulher. Abriu a sepultura, mastigou o capim, levantou os cabelos da testa⁴ da mulher e deixou cair em cima da testa a mistura de capim com saliva⁵. Na mesma hora a mulher ficou viva de novo.

Tirou a mulher da sepultura e ali mesmo deu um banho nela com a água da cabaça. Os dois seguiram para a casa deles. Depois que entraram, *Kalēra.íkitesu* fechou a porta, sentou ao lado da mulher e passou urucu em todo o corpo dela.

(27:1) Periquito: *sawíru* — Psitacideo.

(27:2) Besouro: *kalērusu* — Coleóptero, indistintamente.

(27:3) Capim: *katéhru* — gramínea, indistintamente.

(27:4) Testa: *da.wākudntu* (= minha testa).

(27:5) Saliva: *ayokasisu*.

veram filhos. *Kalēra.íkitesu* tinha muita saudade da mulher e vivia sempre pensando em fazer ela viver de novo.

Um dia, *Kalēra.íkitesu* tomou um banho e saiu andando pelo campo, sempre lembrando a mulher. Achou os ossinhos de um periquito¹ morto.

— Vou experimentar uma coisa, pensou *Kalēra.íkitesu*: amontoou na mão aqueles ossinhos ao jeito do corpinho do periquito, cuspiu neles e soprou.

Os ossinhos na mesma hora viraram um periquito, que voou e sentou no galho baixo de uma árvore. *Kalēra.íkitesu* viu que era sabido e tinha o poder de fazer viver de novo um animal morto. Ficou cheio de alegria.

Kalēra.íkitesu continuou andando pelo campo. Mais adiante, achou um besouro grande² morto, de pouco tempo. Fez viver de novo do mesmo jeito que o periquito.

— Agora eu já sei: sou um pajé e o primeiro do mundo! Vou fazer a minha mulher viver de novo, disse *Kalēra.íkitesu* mais alegre e convencido.

Chegou a casa, foi tomar um banho, levou para casa uma cabaça de água, colocou a cabaça de água em cima da sepultura da mulher, sem falar nada para ninguém.

Nessa hora, a sogra e o cunhadinho de *Kalēra.íkitesu* saíram para o campo.

Então *Kalēra.íkitesu* apanhou um capim³, bebeu água e foi para a sepultura de sua mulher. Abriu a sepultura, mastigou o capim, levantou os cabelos da testa⁴ da mulher e deixou cair em cima da testa a mistura de capim com saliva⁵. Na mesma hora a mulher ficou viva de novo.

Tirou a mulher da sepultura e ali mesmo deu um banho nela com a água da cabaça. Os dois seguiram para a casa deles. Depois que entraram, *Kalēra.íkitesu* fechou a porta, sentou ao lado da mulher e passou urucu em todo o corpo dela.

(27:1) Periquito: *sawíru* — Psitacídeo.

(27:2) Besouro: *kalērusu* — Coleóptero, indistintamente.

(27:3) Capim: *katéhru* — gramínea, indistintamente.

(27:4) Testa: *da.wākudntu* (= minha testa).

(27:5) Saliva: *ayokasisu*.

Logo mais, a sogra e o cunhadinho de *Kalëra.íkitesu* voltaram do campo e foram para a casa da sogra de *Kalëra.íkitesu*.

A sogra mandou o filhinho à casa do genro buscar um tição de fogo, porque o seu estava apagado. O menino foi e encontrou a porta de *Kalëra.íkitesu* fechada. Gritou de fora:

— Mamãe mandou buscar um tição de fogo, porque o nosso apagou.

— Espere aí, eu vou levar aí fora mesmo o tição de fogo! disse *Kalëra.íkitesu*.

Mas o menino não esperou e foi entrando. Quando pegou o tição de fogo, viu a sua irmã viva e saiu correndo. Chegou a casa e disse:

— Mamãe, eu vi a minha irmã viva!

— Não fale assim, meu filho! você sabe que a sua irmã já morreu!... disse a mãe, e desatou a chorar.

A mulher, lá da outra casa, ouviu a mãe chorar e morreu de novo. *Kalëra.íkitesu* disse:

— Eu vi que era pajé e o primeiro do mundo e ia fazer viver de novo a gente que morresse, mas o meu trabalho de agora e do futuro ficou estragado e também o de todos os pajés que vão vir, só porque esse menino não fez como eu mandei!

Kalëra.íkitesu desapareceu, sem nem enterrar de novo a mulher.

Algum tempo depois, um homem, *Yay.yalusu*, foi caçar com duas mulheres, Mais à frente, *Yay.yalusu* viu uma arara numa árvore e de lado uma pessoa estranha e diferente. Disse para as mulheres:

— Vocês voltem para casa, que eu vou matar aquela arara.

Olhou bem a pessoa estranha e pensava! quem será? Será que é gente mesmo? De nossa aldeia não é; das outras aldeias também não, porque conheço todo o mundo!...

Nisso a pessoa desconhecida ameaçou avançar em *Yay.yalusu* com um pau na mão. *Yay.yalusu* flechou depressa e correu. Na aldeia contou para todo o mundo.

— Então vamos ver quem é mesmo! disseram os homens.

Chegaram à árvore e acharam só rasto. Seguiram. Os rastos terminaram na beira de uma grande lagoa. Ali viram ainda uma

sucuri⁶ flechada. Sentaram e ficaram pensando, sem saber o que era tudo aquilo...

— Já sei, disse um homem, aquela pessoa é um espírito mau e foi *Kalēra. ikitesu* que mandou.

— É verdade, disseram os outros homens, agora nós vamos sofrer com esse espírito mau!...

Um dia, um homem matou o espírito mau e deixou um ossinho dele dentro de uma cabaça. Desse ossinho saíram todos os espíritos maus que existem hoje em dia.

28. AGORA ACREDITAM NO PAJÉ.

Naquele tempo não havia machado de pedra para derrubar pau de abelha. Dois homens foram caçar no córrego do Roncador¹. Um era pajé e o outro, não. Acharam um xupé².

Puseram fogo no pé do pau para espantar as abelhas. Quando elas saíram, o pajé ficou embaixo e o outro homem subiu para tirar o xupé. Nisso, ouviram o barulho de um espírito mau, que vinha vindo de cima.

O pajé pegou depressa uma vara comprida e encostou na árvore para o companheiro descer e escapar, mas o homem não segurou direito na vara, caiu no brejo³ e destroncou os dois pés. O pajé ainda mais depressa espetou o espírito mau com a vara.

O espírito mau esticou os pés para trás, abriu os braços, morreu e fincou ali. O pajé carregou o companheiro para casa e contou a história para todo o mundo.

No outro dia, foram mais dois pajés ver o espírito mau morto. Não mexeram nele, porque queriam que toda a aldeia fosse ver também, para acreditar quando um pajé fala do espírito mau.

Os pajés colocaram o colar das almas⁴ no pescoço dos que não eram pajés, senão podiam morrer e todos foram ver o espírito mau.

(27:6) Sucuri: *dihatasa* — *Eunectes murinus*.

(28:1) Córrego do Roncador: *Si.wadúlikyawsu*. Afluente do alto rio Juruena (*Sawihaydnkyawsu*. *Sawíru*: periquito, porque o periquito canta de noite no rio Juruena).

(28:2) Xupé ou maxupi ou pai-de-mel: *warāzu* — Espécie de abelha negra.

(28:3) Brejo: *kalúsu*.

(28:4) Colar das almas: *kúnūkisu*. É um colar de fios de algodão tingidos de urucu. Para fazer esse colar, as almas fiam o algodão mas não torcem. Passam urucu e deixam e

Voltaram para a aldeia e os pajés recolheram os colares das almas: agora todo o mundo ficou acreditando no pajé, quando fala do espírito mau⁵.

29. O HOMEM NÃO ERA PAJÉ

O velho *Ne.ahlusu* foi caçar e matou um porco-queixada¹. Trouxe para casa, moqueou, guardou e foi caçar de novo. A mulher ficou em casa com as crianças.

A mulher viu chegar um homem bem alto e deu a cabeça do porco-queixada para ele comer. O homem abriu a boca do porco-queixada, cuspiu dentro e não comeu nada. Foi embora, dizendo que ia voltar de tarde.

Ne.ahlusu chegou e viu a boca do porco-queixada aberta:

— Vocês estragaram essa carne!

— Não fomos nós que abrimos: chegou aqui um homem muito alto e eu dei a cabeça do porco-queixada para ele comer. Ele só abriu a boca do porco-queixada, cuspiu dentro e saiu, dizendo que ia voltar de tarde.

Ne.ahlusu fez um fogo, abriu mais a boca do porco-queixada e moqueou de novo.

Logo mais chegou aquele homem. *Ne.ahlusu* viu que era o espírito mau *Siwĩtyahlusu*² e disse:

— Estamos perdidos, vamos morrer todos!

— Não é assim, amigo, eu gosto de todos vocês, respondeu *Siwĩtyahlusu*. Vamos cantar e dançar para a gente ficar alegre!

eles ficam finos por si. O pajé usa o colar das almas na cura dos doentes, na tomada de posse de um novo chefe, nas grandes tempestades e na reza por ocasião de um eclipse do Sol ou da Lua, para tirar a mancha de um ou de outro. Para o Nambikwára, o eclipse do Sol ou da Lua é uma sujeira ou um pedaço de nuvem (*osĩzu*) que o espírito mau põe nos olhos da Lua ou do Sol, para eles morrerem. Se morrerem, o mundo fica escuro, Nambikwára não pode trabalhar e morre também.

(28:5) “Por isso, hoje em dia, o Nambikwára acredita no pajé, quando fala de espírito mau”, comentou um informante.

(29:1) Porco-queixada: *yakadasu* — *Tayassu albirostris*.

(29:2) *Siwĩtyahlusu*: é o espírito mau principal. É uma pessoa sem o movimento do joelho e do cotovelo (*da.wānukatūtzu* = meu cotovelo). A barba (*ayowetu*), a sobrancelha e a axila (*da.wanekasarētu* = minha axila) são abundantes em cabelo, enquanto que

tem só um cabelo na cabeça. O pé é muito comprido, com o dedão sobressaindo em comprimento sobre os demais dedos. O nariz (*awanetu*) é fino; a boca (*ayosu*) pequena; a testa branca; o dente preto; a orelha, como a do macaco (*hosanazu* — Cebídeo, indistintamente); o braço, como o do coatá-preto (*hosatasu* — *Ateles paniscus*); o pênis, como o do morcego (*kalu.sadisu* — Quiróptero). Tem só dois dedos na mão e uma luz no peito. *Siwĩtyahľusu* não fala e é muito valente e alto. Para se locomover, anda ou voa, conforme a necessidade. Quando voa, às vezes toca o pé no chão, para tomar novo impulso. Quando dança, usa um cocar de palha de buriti e um chocalho do coco do mesmo buriti no pé. *Siwĩtyahľusu*, em geral, só anda e é visto à noite. Durante o dia, às vezes se ouve, quando voa ou balança nas árvores. Possui flauta, que pode ser vista e ouvida somente pelo pajé. Se outro escutar, adoece e, se vir, morre. *Siwĩtyahľusu* cria o lagarto-do-mato (*kúsadisu* — *Tropidurus torquatus* e *Tropidurus hispidus*), o quati (*káysu* — *Nasua nasua solitaria*), o marimbondo, o coatá-preto e uma porção de pequenas cobras (*dĩsu* — Ofídio, indistintamente) e o gavião da figueira-silvestre de cima (*dawtatasu*). Q. Estes são os cachorros dele. O gavião da figueira-silvestre de cima é muito grande, maior do que uma casa. É brabo e de unhas enormes e lisas. Cada pena (*aykaētu*) da asa (*anekisu*) é do tamanho de uma folha de pacova-do-mato (*táyhānādu* — *Heliconia bihai*). Às vezes passa de noite. É comparado ao apacamim (*dawtatasu* — *Spizaetus tyrannus*). Tem uma filha muito bonita. Mora na figueira silvestre de cima. Pode levar uma pessoa viva e na figueira-silvestre de cima mata, come e faz o seu ninho (*ayetu*) dos ossos na mesma figueira. Também quando um Nambikwára não é sepultado, o gavião da figueira-silvestre de cima desce, come a carne do morto e leva também os ossos para fazer seu ninho. Debaixo do ninho, mora uma borboleta-branca (*alukuy-ne..ĩtu*). “*Tauptú* is an enormous hawk with huge wings, tail, and claws, who sits in a tree made of human bones. This tree (*ľúľukatsu*) is situated on the shore of a shallow lake in the sky. Shooting stars are caused by *tauptú* defecating at night. A small red bird (*dinĩnuwa*), who lives with *tauptú*, urinates into the lake and when it fills up the urine over-flows and comes down in the form of rain. *Tauptú* does not cause illness, but when people get sick he begins to eat away the flesh and finally kills them and eventually takes their bones to his abode in the sky ... Julio claimed that his father-in-law, who was a powerful shaman, had visited the realm of *tauptú* while in a trance.” (OBERG, 1953:99;100). *Siwĩtyahľusu* tem mulher (*Siwĩtákulusu*) e filhos. Antigamente, quando Nambikwára criava na aldeia coruja, papagaio (*āwhru* — Psitacídeo, indistintamente), era perigoso *Siwĩtyahľusu* chegar de noite e carregar as mulheres, sobretudo as menstruadas. Hoje em dia, isso é mais difícil por causa dos cachorros. Quando uma criança acorda assustada é porque *Siwĩtyahľusu* está por perto e a criança está sonhando com ele. Para fazer a criança voltar à calma, a mãe coloca a mão aberta sobre a fronte da criança e sopra a criança desde a cabeça até os pés. Quando um caçador mata um coatá-preto distante de casa e vem a noite, deve largar o coatá-preto imediatamente, para ir buscar no outro dia. Se não fizer assim, o coatá-preto vira *Siwĩtyahľusu*, assustando o caçador, podendo até matar com o susto, porque o coatá-preto é um cachorro de *Siwĩtyahľusu*. *Siwĩtyahľusu* vive no oco dos grandes paus das matas escuras. Se uma pessoa passar por debaixo de algum desses paus, *Siwĩtyahľusu* desce rapidamente, feito pássaro, pega a pessoa e leva para cima e come. Para matar o *Siwĩtiahľusu*, o Nambikwára usa uma espada de madeira ou um machado de pedra ou uma flecha de ponta de cabeça (*dúkisu*) e atualmente ainda a espingarda (*hukēntu*). As únicas partes mortais do *Siwĩtyahľusu* são o peito, para a espada de madeira, e o joelho, para a flecha de ponta de cabeça. “É flecha de ponta embolada, destinada a contundir as aves que desejam apañar vivas, ou livres de sangue, que mancha as penas ...” (ROQUETTE-PINTO, 1950:273). “Matam o passarinho com flecha especial de madeira tendo a ponta re-

Começaram a dançar. *Siwĩtyahlusu* abraçou *Ne.ahlusu*, a mulher e as crianças e matou a todos.

Isso só aconteceu, porque *Ne.ahlusu* não era pajé.

30. O PAJÉ MATA UM ESPÍRITO MAU

Um pajé foi passear numa aldeia. As suas duas mulheres ficaram na aldeia. Chegou um *Siwĩtyahlusu* e ofereceu cigarro¹ para todo o mundo. As duas mulheres do pajé não fumaram.

Todos os que fumaram, morreram.

O pajé voltou e as mulheres contaram tudo. O pajé disse:

— Deixem que ele vai voltar para carregar os mortos e eu mato.

O pajé pôs um colar de conta de tucum-do-campo no pescoço, um penacho de pena de tucano no nariz, pintou o corpo todo de barro preto e deitou de bruços no chão, com uma espada de madeira escondida por baixo, gingindo de morto.

Chegou o *Siwĩtyahlusu*. As mulheres disseram, apontando para o marido:

— Esse morreu do primeiro cigarro!

— Mas eu não vi esse homem, disse *Siwĩtyahlusu*.

Siwĩtyahlusu colocou a mão na testa do pajé e, quando ia escutar o coração, para ver se estava morto mesmo, o pajé cortou o pescoço do *Siwĩtyahlusu* com a espada de madeira. O *Siwĩtyahlusu* morreu ali mesmo. O pajé perguntou às mulheres:

— Onde ele veio?

— Deste rumo aqui, disseram as mulheres.

O pajé seguiu o rumo e foi dar na casa do *Siwĩtyahlusu*. Matou a mulher e as crianças do *Siwĩtyahlusu*. Voltou e disse:

donda e algumas vezes coberta de palha de milho, para não estragar a vítima.” (SOUZA, 1920: 395). Depois da morte, *Siwĩtyahlusu* vira macaco.

(30:1) Cigarro: *etu*. “Já se disse que secam as folhas entre duas talas de madeira, que espetam na palha da casa; quando querem fumar, tomam de uma e desfiam-na com os dedos, envolvendo o pó em outra folha, de uma árvore que os *Kôkôzús* denominam *Enandzú*. Também usam reduzir a pó o tabaco que então conservam dentro de cabaças especiais. Na Serra do Norte, antes da entrada da Comissão Rondon nenhum dos grupos conhecia cachimbo. Hoje mesmo não o apreciam; preferem o cigarro, que é pequeno, nada semelhante aos colossais rolos de algumas tribus ama-

— Se eu, estivesse aqui, ninguém tinha morrido!
O pajé pegou as suas mulheres e foi morar em outra aldeia.

31. SÓ O PAJÉ ENCONTROU O SIWĪTYAHLUSU

Um dia, de manhã cedo, um velho escutou um assobio de zogue-zogue num pequeno capão de mato¹ de uma cabeceira perto de casa. Pegou uma flecha e foi matar o zogue-zogue.

Procurou, não achou e voltou para a casa. Escutou assobiar de novo. Procurou, não achou e voltou para a casa.

Escutou de novo.

— O zogue-zogue está lá mesmo, agora eu vou achar! —
Mas nem agora achou.

Contou ao pajé o que estava acontecendo. O pajé disse:

— É um espírito mau. Quer ver? Vou mostrar.

O pajé encontrou um *Siwītyahlusu* e matou.

— Não falei que não era zogue-zogue?!

Voltaram para casa. Os outros disseram:

— Então vamos chamar esta cabeceira de *Kado.nékisu*².

32. O ESPÍRITO MAU QUE NEM PAJÉ MATA

Os homens saíram e deixaram as mulheres sozinhas na aldeia. Duas mulheres foram ao córrego buscar água. Perto da água, uma fruta de pitomba-do-mato¹ caiu bem à frente delas. Lo-

zônicas. Seu fumo é fraco, de aroma agradável ... Quando viajam levam sempre cabaças com o pó, ou varas com folhas de fumo; a meio caminho, se desejam pitar, formam roda. Preparam-se como se fossem realizar uma refeição, acendendo uma pequena fogueira. Terminados os cigarros, continuam a caminhar. (ROQUETTE-PINTO, 1950:237-238). "O grande vício dos Nhambiquaras é o cigarro, de que são inseparáveis. Eles o preparam com folhas torradas, a fogo lento, do fumo que cultivam nas suas roças. O producto que assim obtêm é recolhido em pequenas cabaças de pescoço curvo, nas quais praticam uma abertura lateral. Para enrolarem o fumo, fazendo o cigarro, utilizam-se de folhas; agora, porém, preferem o nosso papel." (ANÔNIMO, 1916:322 e 325).

(31:1) Capão de mato: *yutu*.

(31:2) *Kado.nékisu*: cabeceira do zogue-zogue. *Kadózu*: zogue-zogue; *nékisu*: cabeceira.

(32:1) Pitomba-do-mato: *halatu* — *Sapindus esculentus*. A pitomba-do-mato amadurece em outubro e novembro.

go depois caiu uma goiabinha-do-campo². Depois uma fruta-comprida-de-morcego³ caiu na água.

As mulheres ficaram com medo. Voltaram correndo para casa e contaram para as outras. Ninguém sabia dizer por que era. De noite, deitaram para dormir, de braços dados.

Bem de noite, chegou um espírito mau e puxou o braço da primeira mulher. A mulher acordou, segurou o braço do espírito mau e as outras acordaram. Pegaram pau e bateram no braço do espírito mau até soltar o braço da companheira. O espírito mau foi embora roncando:

— *Raw... raw... raw...*

As mulheres foram atrás dos maridos e disseram:

— Quase que um espírito mau mata e carrega a gente! Como que vocês deixaram a gente sozinha?!

O pajé perguntou:

— Aonde ele foi?

— Foi neste rumo aqui!... responderam as mulheres.

O pajé saiu no rumo. Mais adiante, já de tardezinha, escutou no vão das próprias pernas:

— É claro... mas é claro!...

O pajé olhou, procurou, virou para cá e para lá e não viu ninguém. Parou de mexer para escutar melhor. Agora falava à frente. Olhou bem. Viu a sombra dele mesmo levantando-se para cima dele. Quando a sombra estava quase de pé, afastou e parou um pouco distante. A sombra do pajé não estava mais no chão. A sombra disse de longe:

— Eu sou o espírito mau preto!

Então o pajé pensou: é... esse não há jeito de matar!

E voltou para casa.

33. O ESPÍRITO MAU NÃO VENCEU A PAXIÚVA

Um dia, um espírito mau pegou um moço e foi levando para a sua casa. Perto de casa, largou o moço. Em casa falou para a filha mais nova:

(32:2) Goiabinha-do-campo: *yaw.kekisu* — *Psidium microcarpum*. Amadurece em agosto e setembro.

(32:3) Fruta-comprida-de-morcego: *dirikisu*. Amadurece em março.

— Ali no caminho, deixei um moço: vai buscar.

O moço viu a mocinha espírito mau chegar e disse:

— Pode chegar aqui, você é muito bonitinha!...

Quando a mocinha espírito mau chegou mais perto, o moço virou paxiúva¹ e quis segurar a mocinha espírito mau. Ela correu e contou para o pai. Ele não acreditou e disse para a filha mais velha:

— Então vá você buscar o moço.

Na volta, a moça espírito mau mais velha contou também:

— É verdade mesmo, papai: o moço vira paxiúva, quando a gente chega perto dele!

— Deixem de história, ele não vira paxiúva nenhuma! Eu trouxe de lá de longe e não vi nada disso!...

— Então vá você, papai, buscar o moço! disseram as duas.

— Eu vou mesmo!

As duas moças foram com o pai. Quando o pai foi chegando perto, o moço virou paxiúva, avançou no espírito mau e ficaram os dois lutando. O espírito mau não podia se livrar. Então as duas filhas começaram a achar graça e diziam:

— Tá vendo, papai, e você não queria acreditar na gente...

No fim, o pai se livrou e voltaram os três para casa.

34. O HOMEM ENGANA O ESPÍRITO MAU

Um espírito mau estava tirando coró num pé de buriti¹. Chegou um homem e disse:

— Posso tirar também?

— Pode tirar, mas não muito!

O homem pegou uma folha grande, foi enchendo de coró depressa e dizendo: — Eles estão mordendo meu dedo! eles estão mordendo meu dedo!...

(33:1) paxiúva: *kaytu* — *Iriartea ventricosa*.

(34:1) Coró de buriti: *hédnawsu* — Larva de besouro em buriti. O coró de buriti é muito apreciado pelo Nambikwára. "Este pitéu - coró - é muito apreciado e procurado com grande avidez e por ele desprezam qualquer outro. Tendo levado ao meu acampamento, para medicar-se, um menino *annonzè*, no fim de oito dias, ele fugiu, por não haver eu permitido que comesse um coró trazido por seu pai." (SOUZA,

Nisso, o homem apanhou quase todo o coró, embrulhou e correu. Só agora o espírito mau viu que o homem levou o coró quase todo e pensou: — Você me paga! e correu atrás do homem.

Lá adiante, o homem encontrou uma anta deitada. Espan- tou a anta para ela se encontrar com o espírito mau e ele mesmo continuou correndo para casa.

— Lá vem o homem! pensou o espírito mau, e escondeu-se com uma espada de madeira na mão.

Quando a anta chegou perto, o espírito desceu a espada de madeira bem na cabeça da anta e matou na hora. Tirou o fígado para comer.

Só agora viu que o fígado era de anta.

35. O HOMEM QUEBRA O BRAÇO DO ESPÍRITO MAU

Um velho sempre saía para caçar. Moqueava a carne e guardava no chão perto da parede da casa, para comer no outro dia, antes de sair para caçar de novo. Toda vez a carne desaparecia. O velho ficava pensando que eram os outros e não dizia nada, porque a carne era para todos mesmo.

Um dia, os companheiros queixaram-se com o velho:

— Por que você caça e não reparte com a gente?

— Mas não são vocês que estão comendo essa carne?

— Não, não é a gente, não.

— Então vou descobrir quem é.

No outro dia, o velho matou um tatu-galinha¹, moqueou e deixou no mesmo lugar. De noite, ficou sondando com um pau na mão.

Não demorou, escutou umas pisadas do lado de fora. O velho levantou o pau. Viu entrar a mão de um espírito mau e desceu o pau. O espírito mau retirou a mão e correu.

O velho acordou todo o mundo e contou a história.

Quando amanheceu o dia, os homens foram na batida do espírito mau para matar. Lá na mata, ouviram uma voz que dizia:

1920:393). "Gostam muito de um coró branco, grande, encontradiço no tronco do burity podre." (SOUZA, 1920:395).

(35:1) Tatu-galinha: *ahru* — *Dasypus novemcinctus*.

— Oh! o meu braço!... Oh! o meu braço!... Aquele homem quebrou o meu braço!...

E logo ouviram uma voz de mulher:

— Não fale isso, senão os homens vão vir matar a gente! Geme assim: *ay... ay...*, Oh! o meu dente está doendo!...

— Precisamos ir agora devagar... cuidado!... disseram os homens, e foram chegando.

Quando apareceu a casa, os homens avançaram e mataram o espírito mau, a mulher e os filhos.

36. O ESPÍRITO MAU REDEMOINHO DE VENTO

Faz muito tempo, um moço disse para outro:

— Vamos brincar de espírito mau *Wadndisu*¹, carregando um ao outro de cabeça para baixo e pés para cima?

— Então, vamos.

Quando estavam brincando assim, apareceu um espírito mau *Wadndisu* de verdade. O pajé matou o espírito mau e deixou no meio do caminho. Os outros foram ver. Um velho disse:

— Isso não é espírito mau, é macaco-preguiça²: é gostoso, vou comer...

— Não é macaco-preguiça, é espírito mau, mesmo, disse o pajé.

O velho teimou, moqueou o espírito mau, comeu e morreu.

Durante um tempo apareceu muito espírito mau, porque os dois moços brincaram de espírito mau *Wadndisu*.

37. O SAPO CUNAUARU MATA ESPÍRITO MAU

Um homem foi caçar e levou a mulher e os filhos. Lá no campo, sentaram para descansar. A mulher viu uns piolhos¹ bem

(36:1) *Wadndisu*: é um espírito mau redemoinho de vento (*wadndisu*). Para outro informante, o redemoinho de vento é apenas o rasto do espírito mau *Wadndisu*. Quando o redemoinho de vento aparece, Nambikwára flecha para cima onde está o espírito mau *Wadndisu* de verdade e ele corre para longe e morre. *Wadndisu* anda de cabeça para baixo e os pés para cima. O joelho é liso e a cabeça pelada. Gosta de entrar em casa, pegar a pessoa pelo braço e jogar dentro do fogo. Por isso, se chama pai e dono do fogo. Costuma ainda carregar criança para cima, chupar o sangue dela e depois dependurar a pele, para as abelhas comerem. Se a gente flecha o espírito mau *Wadndisu*, ele manda chuva de pedra, para quebrar as cabaças.

(36:2) Macaco-preguiça: *aláysu* — *Bradypus tridactylus*.

grandes na cabeça do marido, mas não disse nada.

Depois levantaram e seguiram. Encontraram um buraco de tatu-galinha. O homem começou a cavocar, jogando a terra para fora. Depois de um tempo, sumiu no buraco e nem se ouvia mais nada.

Então a mãe mandou o filho mais velho ir olhar dentro. O menino foi olhar e voltou, dizendo:

— Mamãe, eu vi fogo dentro do buraco: eu acho que papai virou *Siwĩtyahlusu*!

A mãe foi ver também. Era verdade. A mãe disse baixinho para o menino:

— Agora você leva sua irmãzinha mais nova ali e dá um beliscão nela.

Quando a menina chorou, a mãe falou bem alto para o marido:

— Vamos embora: a criança está chorando!...

O marido não saiu. Então a mulher pegou as crianças e foi embora.

Lá adiante, encontrou o cunauaru cantando no alto, no oco de um pau: *kwã... kwã... kwã...* A mulher falou para o cunauaru:

— Você está aí em cima cantando no oco desse pau e eu aqui em baixo com as minhas crianças!... Meu marido foi cavocar um buraco de tatu-galinha e virou *Siwĩtyahlusu* lá dentro e agora mesmo vem matar a gente.

O cunauaru pôs a cabeça fora do oco do pau e disse:

— Você pode subir aqui com suas crianças, que eu escondo!

O cunauaru colocou a mulher e as crianças num cantinho do oco do pau e ficou a porta com uma espada de madeira na mão.

Daí a pouco *Siwĩtyahlusu* vinha vindo pelo rasto da mulher, gritando, com o tatu-galinha debaixo do braço.

Ao pé do pau, acabou o rasto e o *Siwĩtyahlusu* ficou rodando. O cunauaru cantou: *kwã... kwã... kwã...*

O *Siwĩtyahlusu* olhou:

(37:1) Piolho: *kanĩdisu*. "E, nas horas de lazer, quando as mães catam os filhos, comem os piolhos e lendeas, habilmente caçadas na cabeça..." (SOUZA, 1920:393).

— Você escondeu a minha mulher e as minhas crianças aí em cima, porque aqui mesmo é que terminou o rasto!

— Eu não vi nem mulher nem criança nenhuma... Mas, se você não acredita em mim, pode subir para ver.

O *Siwītyahlusu* começou a subir e o cunauaru preparou a espada de madeira. Quando o *Siwītyahlusu* foi metendo a cabeça no oco do pau, o cunauaru desceu a espada de madeira no pescoço. O *Siwītyahlusu* morreu na hora.

O cunauaru disse para a mulher:

— Agora você pode ir embora, mas leve essa espada de madeira: quando chegar a casa, mate com ela a irmã desse *Siwītyahlusu*, porque ela está menstruada e pode virar *Siwīta.kulusu* e matar você e as crianças.

A mulher fez direitinho como o cunauaru disse².

38. OS ESPÍRITOS MAUS COMEM OS COMPANHEIROS

Faz tempo, o grilo¹ era gente. Um dia, dois irmãos grilos foram caçar e deixaram suas mulheres em casa. De noite fizeram fogo no mato perto do campo e dormiram, um ao lado do outro, com as cabeças na mesma direção.

No outro dia, de madrugada, chegou uma *Siwītákulusu* com uma criança nos braços e sentou entre as cabeças dos dois grilos. Colocou a criança no chão e essa saiu engatinhando em direção do grilo mais velho.

— Esse não é seu pai!... disse *Siwītákulusu*.

Quando acabou de amanhecer, *Siwītákulusu* pegou a criança e foi embora.

O grilo mais velho acordou o mais novo, contou a história para ele e, no fim, disse:

— Eu acho que *Siwītákulusu* vai voltar hoje de noite. Vamos fazer uma casa redonda, preparar uma espada de madeira e ficar esperando.

De noite, ficaram à porta, cada um com uma espada de madeira na mão. Bem de noitão, ouviram um barulho chegando. De-

(37:2) Ainda hoje em dia, a gente ouve o cunauaru cantar no oco do pau: *kwā... kwā... kwā...*

(38:1) Grilo: *kaluhru* — Grilídeo.

pois olharam e viram *Siwītákulusu* com muitos outros *Siwītyahlusu*.

Siwītákulusu falou:

— Olhem ali a casa deles!

Dois *Siwītyahlusu* chegaram e entraram. Os dois grilos baixaram as espadas de madeira nas costas dos *Siwītyahlusu*. Morreram na hora.

Os dois grilos treparam na cumeeira da casa. Depois o mais velho pôs o mais novo às costas e pulou numa árvore muito longe e de lá ficaram olhando.

Os outros *Siwītyahlusu* quando ouviram barulho dentro da casa, correram e foram logo pondo fogo na casa e ficaram rodeando, esperando os grilos sair.

A casa queimou toda, e... nada de grilo. Então os *Siwītyahlusu* começaram a remexer a cinza² e encontraram a carne dos companheiros deles. Pensaram que era a carne dos grilos: colocaram num xire e saíram comendo.

— Eles estão comendo a carne deles mesmos, diziam os grilos.

Depois os grilos desceram da árvore e foram para a aldeia e contaram como mataram os dois *Siwītyahlusu*.

39. A MORTE DE UM ESPÍRITO MAU

Dois irmãos saíram para caçar: um era pajé e o outro, não. Lá na mata, ouviram grito e foram ver quem era. Encontraram um homem em cima de um galho baixo de uma árvore. O homem disse:

— Aqui, nos galhos altos desta árvore há muito quati e eu não quero sacudir os galhos, porque senão eles caem e vão embora. Vocês podem subir com pau para a gente matar esses quatis e a gente comer.

O pajé desconfiou e falou baixinho para o irmão:

— É *Siwītyahlusu* e ele quer é enganar a gente! Quando a gente estiver lá em cima, ele toma o pau da mão da gente e mata.

O pajé disse para o *Siwītyahlusu*:

(38:2) Cinza: *wasíranūzu*.

— Os galhos da árvore são muito lisos. Eu vou jogar primeiro um pouco de cera¹ para você passar neles, para a gente poder subir.

Abriu uma cera mole e jogou — pá — nos olhos do *Siwĩtyahlusu*.

O *Siwĩtyahlusu* foi tirar a cena e caiu no chão. Os dois irmãos pegaram os paus, mataram o *Siwĩtyahlusu*, correram e foram embora.

40. A ORIGEM DA PAXIÚVA

Dois moços irmãos foram caçar. Lá na mata, o mais novo ouviu um grito e disse:

— Vamos ver quem é.

— Não, é capaz de ser *Siwĩtyahlusu*! disse o outro.

O mais novo insistiu tanto, que os dois foram. E era *Siwĩtyahlusu* mesmo. O *Siwĩtyahlusu* disse:

— Aqui nesta árvore tem muito quati. Vamos matar, moquear e comer!

O mais velho piscou o olho para o irmão e falou baixinho:

— Vamos voltar!

— Tem muito quati, venham! repetiu o *Siwĩtyahlusu*.

Os dois ficaram e mataram todos os quatis. O *Siwĩtyahlusu* disse:

— Agora vamos comer esses quatis na minha casa.

— Não, vamos repartir aqui!

— Mas lá em casa há beiju!

— Na nossa também há!

— Já é tarde e minha casa é perto!

— A nossa também fica perto...

O *Siwĩtyahlusu* insistiu tanto, que os moços acabaram indo para a casa dele.

Quando estavam comendo, o *Siwĩtyahlusu* deu as duas filhas para os moços casarem com elas.

(39:1) Cera: *ayetahru*.

Uns dias depois, o *Siwĩtyahlusu* mandou as duas filhas com os maridos apanhar coco de bacava¹ e ficou em casa todo contente, porque sabia que o gavião da Figueira-silvestre de cima ia atacar e matar os genros no pé de bacava, e ele, o sogro, ia ter carne.

Quando o mais velho ia subir no pé de bacava, a mulher dele disse:

— Você leva essa espada de madeira, porque pode ser que, quando você estiver perto do cacho de coco, chegue o gavião da figueira-silvestre de cima e jogue você no chão.

Quando o homem já ia perto das folhas da bacava, o gavião da figueira-silvestre de cima apareceu e avançou. O homem deu com a espada de madeira no gavião, quebrou a asa e ele caiu no chão com a asa quebrada. Embaixo as mulheres pegaram e amassaram todos os ossos dele.

O homem derrubou os cocos de bacava, encheram o xire, puseram o gavião por cima e levaram para casa. A filha entregou para o pai o gavião e falou:

— Aí tem carne, papai!...

O *Siwĩtyahlusu* pegou o gavião e saiu por um caminho. Lá adiante, pôs o gavião no chão, passou cinza e soprou. O gavião ficou vivo de novo e voou para a figueira-silvestre de cima.

Noutro dia, o *Siwĩtyahlusu* mandou buscar coco de bacava de novo.

Foi tudo como no dia anterior, só que o gavião da figueira-silvestre de cima não viveu de novo e o *Siwĩtyahlusu* voltou triste para casa.

Agora o *Siwĩtyahlusu* mandou as filhas preparar beiju, para ele ir caçar tatu com o genro mais velho.

★ ★ ★

VARIANTE: la caçar tamanduá-mirim.

★ ★ ★

Quando a mulher entregou o beiju para o marido, disse baixinho:

(40:1) Coco de bacava: *wedntu*.

— Cuidado, papai quer é matar você...

— Eu já sei disso.

No campo, encontraram um buraco de tatu. O *Siwĩtyahlusu* olhou. Não havia nada. Outro buraco: nada. Mais três: nada...

— Estamos sem sorte, disse o *Siwĩtyahlusu*, mas vou olhar melhor naquele terceiro buraco, perto de uma palmeira.

Limpou o lugar, fez uma boa entrada no buraco e disse para o genro:

— Agora você cavoca.

Quando o genro meteu a cabeça no buraco, o *Siwĩtyahlusu* arrancou a palmeira e desceu nas costas do genro. O genro desviou e disse:

— Você queria me matar, não é?!

— Não, eu queria era ajudar a cavocar, mas a palmeira resvalou e quase pegava em você. Mas não foi nada, esqueça.

— Esse negócio de querer me ajudar é mentira, você sabia que eu estava com a cabeça dentro do buraco... Agora, se quiser, pode cavocar sozinho: eu não ajudo mais!

O *Siwĩtyahlusu* continuou sozinho. Quando meteu a cabeça no buraco, o genro pegou a mesma palmeira e — *pá* — nas costas do *Siwĩtyahlusu* e ele morreu na hora. O genro jogou o beiju dentro do buraco e foi embora.

A mulher do *Siwĩtyahlusu* viu o genro chegar sozinho a casa.

— Já sei, você matou o meu marido. Espere!...

A velha saiu, apanhou uns apiacás² e eles foram certinho no joelho do genro e ele morreu.

O irmão mais novo não quis mais ficar ali. Então saiu andando no meio do apiacá, do marimbondo-xire³ e de espinho. Um espinho fincou no joelho dele e criou pus⁴.

As filhas estavam muito tristes com a morte do pai e, por isso, não queriam mais o marido da mais nova e disseram para ele:

(40:2) Apiacá: *yadntu*. “Marimbondo, isto é, vespa social do Norte de Mato Grosso, muito temida pelas suas ferroadas. Não conhecemos a espécie, nem o feitio da “caixa” ou ninho, da qual, pelo que dizem os viajantes, ninguém se aproxima impunemente.” (IHERING, 1968:96).

(40:3) Marimbondo-xire: *anaysu*.

— Agora você está mancando e sofrendo. Estamos com pena de você.

Levaram o homem para um brejo e escoaram com quatro paus.

O homem virou paxiúva⁵. As mulheres disseram:

— Agora você vai servir para fazer ripa⁶, ponta de flecha e barrote de casa.

41. NAMBIKWÁRA QUERIA VER O SOL

Faz tempo, uns Nambikwára saíram da aldeia par ir ver o Sol de perto.

Andaram muito e muito tempo, mas não chegaram lá.

De volta, um homem entrou no mato. O gavião da figueira-silvestre de cima pegou o homem e levou para *Siwĩtyahlusu* comer.

Os companheiros nunca mais quiseram ir ver o Sol de perto.

42. O SURUCUÁ ESCAPA DA MORTE

O surucúá¹ antigamente era gente e tinha mulher e filhos.

Um dia, o surucúá foi deixar um xire de massa de pequi² dentro da água para comer depois³. Quando abaixou para colocar o xire na água, uma moça *kikyāwhlu* chegou e carregou o surucúá para o fundo da água.

Lá embaixo era seco como o chão aqui fora. O surucúá logo acostumou.

Um dia, o surucúá ouviu o pedreiro-do-campo⁴ cantar lá fora: *takaluru... takaluru...* e pensou: — Acho que a minha terra não está longe: dá até para ouvir o pedreiro cantar!...

(40:4) Pus: *yaw.ityutu*.

(40:5) Por isso, a paxiúva até hoje, serve para fazer ripa, ponta de flecha, barrote de casa e outras coisas.

(40:6) Ripa: *énitu*.

(42:1) Surucúá: *salu.kisu* — Trogonídeo.

(42:2) Massa de pequi: *anuzu*.

(42:3) Nambikwára costuma guardar a massa de pequi dentro da água, para conservar.

(42:4) Pedreiro-do-campo ou João-bobo: *dukahru* — Buconídeo.

Um dia, a moça *kikyāwhlu* se distraiu um pouco. O surucú pegou um pau, abriu um burquinho na água, viu a terra, deu um pulo e escapou.

Quando a moça *kikyāwhlu* viu, o surucú tinha ido embora e ela ficou xingando lá dentro o surucú:

— Você escapou da morte!...

43. SUCURI NÃO PODE PEGAR ANTA

A sucuri vivia numa lagoa. Sempre que o veado ia beber na lagoa, era fácil a sucuri pegar, enrolar e engolir o veado.

Um dia, chegou uma anta e a sucuri não conhecia anta. Deu um pulo na anta e se enrolou pela barriga.

A anta correu com a sucuri e lá muito longe, no campo, perto de um morro, a sucuri caiu e ficou pulando. A anta atravessou um rio e foi embora.

Depois de um tempo de sol quente, no campo aberto e sem água, a sucuri morria de sede e, já fraquinha e magra, chorava: — Veados é bom de pegar, mas anta não!... Depois começou a gritar.

As outras sucuris não ouviram, mas *kikyāwhlu* ouviu e veio ver quem era.

A sucuri contou a sua história e, no fim, disse:

— Agora estou morrendo de sede!

Kikyāwhlu amarrou a sucuri com cipó, colocou no ombro e saiu carregando. Estava leve.

Mais adiante, a sucuri viu um pé de guariroba-do-campo¹ e disse:

— Aí há água!

— É só capão de mato: temos que andar muito para encontrar água!...

A sucuri até chorou, e disse para o *Kikyāwhlu*:

— Descanse um pouco e depois aperte o passo, senão eu vou morrer de sede...

Depois de andar muito ainda, *Kikyāwhlu* chegou a uma lagoa com a sucuri. *Kikyāwhlu* desatou a sucuri e ela bebeu água até... E ficou alegre.

(43:1) Guariroba-do-campo: *kwahítu* — Cocos comosa. Amadurece em julho.

— Você não pode pegar mais anta. Só deve comer veado, quati e outros animais pequenos, disse *Kikyāwhlu*. E foi embora.

A sucuri nunca mais pegou anta na vida, até hoje.

44. TENTATIVA DE ACABAR COM O MUNDO

Não faz muito tempo, os espíritos maus *Kikyāwhlu*, *Wakalatasu*¹, *Alū.lahatasu*² e *Āydnātasu*³ queriam acabar com o mundo e foram fazer minador de água nas cabeceiras dos rios e córregos.

Um homem foi lavar o pilão⁴ num córrego e o pilão rodou. E também quase que as crianças afogavam.

Dois pajés foram às cabeceiras dos rios e córregos para ver o que era. Acharam minadores de água e mataram os espíritos maus *Kikyāwhlu*, *Wakalatasu*, *Alū.lahatasu* e *Āydnātasu*.

A água baixou e apanharam o pilão de novo.

45. O FIM DO ESPÍRITO MAU

Dois moços estavam jogando bola¹. Um machucou o joelho num caco de panela², por causa do espírito mau *Sani.kalisu*.

Os dois moços resolveram matar o *Sani.kalisu* e perguntaram para a velha *Wa.yedndakalu*:

(44:1) *Wakalatasu/Waklitasu*: é um espírito mau jacaré muito grande, de focinho de dez passos de comprimento e cinco de largura. O macho tem três rabos, e a fêmea, dois. A urina é muito forte e basta o cheiro para dar dor de cabeça, provocar tontura e fazer perder o apetite. Gosta muito de levar a pessoa para dentro da água e engolir. Vive nos saltos e é muito difícil de a gente ver. Os filhos moram nos córregos, enquanto não podem subir os saltos e é perigoso a gente tentar pegar, porque o pai *Wakalatasu* vem atrás. Somente um pajé muito prático mata o *Wakalatasu*, como o pajé *Yanala.nūlahlusu*, faz tempo, matou um. O melhor é sempre fugir do *Wakalatasu*. “Nem flecha, nem tiro mata o *Wakalatasu*. Achô que só mosquetão”, disse um informante.

(44:2) *Alū.lahatasu*: é um espírito mau sucuri muito grande. Vive na água e, como o *Waluru*, faz minar água nas cabeceiras dos córregos.

(44:3) *Āydnātasu*: é um espírito mau traíra (*āydnātasu* — *Hoplias malabaricus*).

(44:4) Pilão: *nūtu*. “Não é menos notável a multiplicidade de utensílios domésticos de que se servem: pilões, pequenos cilindros fáceis de serem transportados nos balaios e destinados não só a socar milho, como também, e mais frequentemente, a esmagar os ananazes...” (ANÔNIMO, 1916:316). “Por meio do fogo excavam pilões (Nutêzê) ... — em que socam a carne e outros alimentos.” (ROQUETTE-PINTO, 1950: 278).

(45:1) Bola: *Kadikanakisu*.

(45:2) Panela: *Kwatarakīnētu*.

- Onde mora *Sani.kalisu*? porque nós queremos matar.
- *Sani.kalisu* é muito esperto. Vocês não vão poder matar.
- Mas você não sabe nenhum jeito de matar?
- Eu já sou velha e não sei nenhum jeito de matar. Eu que

não ia!...

- Pois nós dois vamos e voltamos vivos! falaram e saíram.
- Não é nesse rumo que ele mora!...
- Então, onde é?

A velha apontou o rumo certo. Os dois moços foram.

Mais adiante encontraram o lobinho-do-campo³ e ele perguntou:

- Aonde vocês vão?
- Matar *Sani.kalisu*.
- Eu vou também.
- Então, vamos!

O lobinho foi junto. Não andaram muito, encontram o lobão⁴ e ele perguntou:

- Aonde vocês vão?
- Matar *Sani.kalisu*.
- Eu vou também.
- Então, vamos.

O lobão foi junto. Muitos animais foram juntos também.

Chegaram perto da casa do *Sani.kalisu* de noite. O lobinho-do-campo disse:

— Esperem aqui, eu vou primeiro gritar à porta da casa dele, para ver se ele está acordado ainda.

Gritou perto da porta: *kwaw... kwaw...*, e correu. *Sani.kalisu* ouviu aquele grito e disse:

— Que bicho é esse que está gritando aqui perto de minha porta? Pegou a espada de madeira e saiu para ver. Não viu nada e deitou de novo.

O lobinho-do-campo contou para os seus companheiros:

- *Sani.kalisu* ainda está acordado.

(45:3) Lobinho-do-campo: *wayalisu* — canis thous.

(45:4) Lobão: *hawzu* — Canis jubatus.

— Agora vou eu! disse o lobão. Chegou perto da casa e gritou: *waw... waw... waw...*

Nessa hora, os dois moços e os animais avançaram na casa com espada grande de madeira. Uns entraram por uma porta e outros por outra e mataram o *Sani.kalisu*.

Os moços chegaram a casa, cantando:

— Matamos *Sani.kalisu*! Matamos *Sani.kalisu*!

E disseram para a velha:

Matamos *Sani.kalisu* e, como tinha só esse, daqui para a frente, não vai haver mais *Sani.kalisu*.

A velha dizia alegre:

— *Hayó!... hayó!...*

Quando os moços iam saindo para ir embora, a velha deu uma risada: *ru... ru... ru...*

— Olhem a velha *Wa.yedndakalu* achando graça, ela nunca ria⁵!

46. ORIGEM DO SETE-ESTRELO

O velho *Ne.ahlusu* morava sozinho com sua mulher um pouco longe da aldeia. Não tinham filhos. Somente *Ne.ahlusu* tinha mandioca.

Uma turma de gente da aldeia disse para os outros:

— Vamos ver o velho *Ne.ahlusu* e a mulher dele e trazer massa de mandioca. E marcavam o tempo de voltar.

No caminho, encontraram um velho percevejo-do-mato¹. Era o espírito mau *Hayéhru*², mas o pessoal não sabia.

— Vamos pegar esse percevejo-do-mato e levar para comer com beiju na casa de *Ne.ahlusu*.

Quando iam chegando para pegar, o percevejo-do-mato moqueou e guardou toda a carne.

Passou o tempo de a turma voltar, e... nada. Os outros da aldeia pensavam: — Que estão fazendo tanto tempo na casa de *Ne.ahlusu*? Será que aconteceu alguma coisa com eles?

(45:5) Hoje em dia, a gente ouve, de noite, o corujão-do-mato (*kuratasu* — Pulsatrix pulsatrix) piar: *ru... ru... ru...* É o sinal da risada daquela velha.

(46:1) Percevejo-do-mato: *hayéhru* — Pentatomídeo.

(46:2) *Hayéhru*: é um espírito mau percevejo-do-mato.

Esperam mais um dia, e... nada. Então outra turma disse para os outros:

— Nós vamos encontrar a turma que saiu e aproveitar para trazer massa também. E marcaram o tempo de voltar.

No caminho, encontraram aquele mesmo percevejo-do-mato e disseram:

— Mas como que aquela primeira turma não pegou esse percevejo-do-mato e comeu? Vamos apanhar e levar para comer com beiju na casa do velho **Ne.ahlusu**.

Quando iam chegando para pegar, o percevejo-do-mato mijou no olho deles e morreram. O percevejo-do-mato moqueou e guardou toda a carne.

Passou o tempo de a turma voltar, e... nada. Os outros da aldeia pensavam — que estão fazendo tanto tempo na casa de **Ne.ahlusu**? Será que aconteceu alguma coisa com eles?

Esperaram mais um dia, e... nada. Então outra turma disse para os outros:

— Nós vamos encontrar as duas turmas que saíram e aproveitar para trazer massa também. E marcaram o tempo de voltar.

No caminho, encontraram aquele mesmo percevejo-do-mato e disseram:

— Mas como aquelas duas turmas não pegaram esse percevejo-do-mato e comeram? Vamos apanhar e levar para comer com beiju na casa do velho **Ne.ahlusu**.

Quando iam chegando para pegar, o percevejo-do-mato mijou no olho deles e morreram. O percevejo-do-mato moqueou e guardou toda a carne.

Passou o tempo de a turma voltar, e... nada. Os outros da aldeia pensavam: — Que estão fazendo tanto tempo na casa de **Ne.ahlusu**? Será que aconteceu alguma coisa com eles?

Esperaram mais um dia, e... nada. Então agora a última turma de gente grande disse para as crianças:

— Nós vamos encontrar as turmas que saíram e aproveitar para trazer massa também. E marcaram o tempo de voltar. Agora ficaram em casa só as crianças.

No caminho, encontraram aquele mesmo percevejo-do-mato e disseram:

— Mas como aquelas turmas não pegaram esse percevejo-do-mato e comeram? Vamos apanhar e levar para comer com beiju na casa do velho *Ne.ahlusu*.

Quando iam chegando para pegar, o percevejo-do-mato mijou no olho deles e morreram. O percevejo-do-mato moqueou e guardou toda a carne.

Passou o tempo de a turma voltar, e... nada. As crianças pensaram:

— Que estão fazendo tanto tempo na casa de *Ne.ahlusu*? Será que aconteceu alguma coisa com eles?

Esperaram mais um dia, e... nada. Então as crianças maiores disseram para as menores:

— Nós vamos encontrar as turmas que saíram e aproveitar para trazer massa também. E marcaram para as crianças menores e para um papa-vento³, companheiro delas, o tempo de voltar.

No caminho, encontraram aquele mesmo percevejo-do-mato e disseram:

— Mas como que aquelas turmas de gente grande não pegaram esse percevejo-do-mato e comeram? Vamos apanhar e levar para comer com beiju na casa do velho *Ne.ahlusu*.

Quando iam chegando para pegar, o percevejo-do-mato mijou no olho delas e morreram. O percevejo-do-mato moqueou e guardou toda a carne.

Passou muito tempo e não veio mais ninguém.

O percevejo-do-mato sabia que faltavam as crianças menores e disse para a mulher:

— Você fique aqui em casa cuidando da carne: eu vou à aldeia para ver as crianças menores.

No caminho matou um veado e uma cutia e levou para as crianças.

Quando ia chegando à aldeia, jogou uma flecha de ponta de cabeça, que caiu bem perto da casa fechada, onde estavam as crianças. As crianças ouviram a flecha cair no chão e disseram:

— Quase que essa flecha acerta na gente!

(46:3) Papa-vento: *kukalisu* — *Anolis punctatus*.

O percevejo-do-mato chegou à porta da casa, soprou dentro e saiu um pernilongo⁴: era sinal de que as crianças estavam lá dentro.

Logo mais as crianças saíram. O velho percevejo-do-mato perguntou ao menino maiorzinho:

— Onde estão os pais de vocês?

— Foram buscar massa de mandioca no velho *Ne.ahlusu* e não voltaram até agora.

— Coitadinhos! Estão sozinhos! Olhem aqui, eu trouxe carne de veado e cutia. Podem comer.

Enquanto repartia a carne, o velho ia dizendo:

— Vou ficar cuidando de vocês até os pais de vocês voltarem.

Como criança não pode ver nada de comer, foram logo assando e comendo a carne. E o velho comeu só uma carne seca, sozinho, com beiju. Depois o velho deitou num lugar, dormiu um pouco, e quando acordou, disse:

— Agora vocês fiquem aqui. Depois eu volto de novo.

E todo o dia de tarde, o velho jogava primeiro a flecha de ponta de cabeça, depois chegava, repartia a carne para as crianças, comia a carne seca, sozinho, com beiju e deitava sempre no mesmo lugar, para dormir um pouco. Ele queria era engordar as crianças para comer também, quando ficassem maiores.

Toda vez que o velho vinha, o papa-vento ia sentar no colo dele e os dois brincavam e até se abraçavam. Até parecia que o papa-vento era filho do velho.

As crianças foram crescendo e engordando, mas começaram a desconfiar do velho, porque ele só vinha de tarde e pensavam: — será que ele passa o dia fora não é para comer, escondido, a carne dos nossos pais que ele matou?... E de quem é aquela carne seca, que ele come sozinho e não dá para a gente?

As crianças falaram para o papa-vento:

— Amanhã de tarde, quando o velho vier e você for brincar com ele, você pergunta: — Que carne seca é essa que você come sozinho? Você não quer me dar um pedacinho também? Eu estou com muita fome!...

(46:4) Pernilongo: *ninĩsu* — Culicídeo.

— Tá bom.

Quando o velho chegou no outro dia, o papa-vento sentou no colo dele e começaram a brincar. No meio da brincadeira, o papa-vento perguntou:

— Que carne seca é essa que você come sozinho? Você não quer me dar um pedacinho também? Estou com muita fome!...

— Essa, você não pode comer: é muito nojenta para você.

— Mas mesmo assim eu quero.

O velho deu um pedacinho da carne seca para o papa-vento. O papa-vento pegou a carne e fingiu que comia com beiju.



VARIANTE: O velho pôs um pedacinho da carne seca na boca do papa-vento, sem o papa-vento ver.



Afastou-se devagarzinho e escondeu a carne seca na cumeeira da casa.

O velho voltou para casa. As crianças disseram para o papa-vento:

— Agora você trepe lá na cumeeira da casa e tire aquela carne seca para a gente ver de que é.

O papa-vento subiu e tirou a carne seca. As crianças olharam bem e disseram:

— É orelha de gente! Mas como?!...

— Eu sei, disse o menino maiorzinho, isso é a orelha de nossos pais e dos outros. Foi esse velho mesmo que matou e comeu os nossos pais e todo o mundo aqui da aldeia. Ele vinha aqui toda tarde, trazendo carne de veado e cutia, era para engordar a gente e depois comer também. Bem que a gente tinha pensado certo... Vamos matar esse velho!

Na tarde do outro dia, o velho chegou também com uma cabaça grande e comprida e mandou dependurar no caibro da casa⁵:

(46:5) Caibro da casa: *ahēkatu*.

— Vocês não abram, há marimbondo dentro!

Quando o velho saiu, as crianças disseram para o papa-vento:

— Suba e tire também aquela cabaça.

O papa-vento subiu, queimou a cordinha que segurava a cabaça e trouxe para o chão. Abriam a cabaça e havia dentro um penacho de nariz, uns colares e outros enfeites. Disseram:

— Tá vendo?! São os enfeites também de nossos pais e dos outros! Ele mesmo que matou! Vai morrer e é amanhã mesmo!

Na tarde do outro dia, o velho chegou. As crianças rodearam o velho e foram brincando com ele e dizendo:

- Espere, vovô, nós vamos medir você com esta vara. Quando o vovô morrer, a gente já sabe o comprimento da sua sepultura⁶.

— Pois é, criançada, vocês estão me agourando... Eu não vou morrer agora. E não há perigo de alguém me matar. E riu: *huy... ho... ho... ho...*

— Não, vovô, é só brincadeira... mas assim mesmo foram medindo o corpo do velho.

Quando o velho foi embora, as crianças cavocaram um buracão muito fundo na medida certa da vara, no lugar onde o velho sempre deitava, para dormir um pouco.

Jogaram a terra bem longe. Fizeram uns paus de pontas bem finas e fincaram com as pontas para cima dentro do buracão. Puseram umas varinhas por cima e cobriram tudo com areia molhada, para firmar bem e depois espalharam mais areia seca, para ficar igual com o resto do chão e não aparecer sinal.

Depois as crianças prepararam arco⁷ e flecha e disseram para o papa-vento:

— Hoje de tarde, antes de o velho chegar, você vai botar fogo no campo, senão ele vai brincar com você e você cai também nesse buracão.

O papa-vento saiu.

(46:6) "Medem o corpo com uma vara, para determinar o comprimento e a largura da sepultura." (PEREIRA, 1974:2).

(46:7) Arco: *húkisu*: "Os arcos dos índios da Serra do Norte (*hukíçu*) são de ipê ... muito longos, de 1m,70 a 2 metros; de seção semi-circular." (ROQUETTE-PINTO, 1950:267).

O velho chegou com mais carne de veado e cutia. Não viu o papa-vento e perguntou:

- Cadê o papa-vento?
- Ele foi queimar no campo.
- Está bom.

As crianças correram e se esconderam detrás da casa com arco e flecha. O velho ficou por ali e depois foi direto deitar no lugar de sempre. As crianças escutaram — *buff* — correram para ver. O velho estava espetado nas pontas dos paus, no fundo do buraco. Gritava: *kaxũ... kaxũ... kaxũ...*, e disse:

— Fui eu mesmo que matei e comi os pais de vocês e todo o mundo desta aldeia. E eu ainda estava criando e engordando vocês para comer também.

- Mas agora você vai pagar, velho!

Os meninos flecharam o velho e um menino ainda chuchou o ombro e a barriga⁸ dele com uma vara. Depois jogaram brasa em cima. O corpo do velho fazia: *salá... lá... lá...*, queimando. Acabaram de enterrar com areia. Um menino disse:

- Você matou os nossos pais, agora você morreu também!

Quando o papa-vento voltou, as crianças contaram tudo direitinho.

— Foi bom, eu também não gostava dele..., disse o papa-vento.

Não demorou muito tempo, chegou a alma do velho, em forma de um besourão preto. As crianças chucharam a barriga dele. Saiu todo o sangue e morreu.

E a mulher do velho percevejo-do-mato lá em casa esperando pelo marido...

Depois as crianças disseram:

— Agora nós vamos à casa daquele velho. Pode até não ser muito longe. Era deste rumo que ele vinha!

Uns dias depois, as crianças saíram, seguindo o rasto do velho. Deram numa casa muito grande e saindo fumaça⁹ pelas palhas. Ouviram uma voz de mulher lá dentro:

(46:8) Barriga: *átisu*.

(46:9) Fumaça: *hwalidisu*. TM: *xate*.

— Não entrem aqui, há marimbondos!

O menino maiorzinho cochichou:

— Vão ver que é mesmo a mulher do velho...

— É ele mesma..., disseram os outros, e gritaram:

— Queremos entrar, aqui fora está muito quente!

A velha escondeu depressa a carne seca. Nem era preciso, porque não insistiram em entrar. Falaram de fora mesmo:

— Vovó, nós vimos aqui avisar que seu marido ontem flechou um veado, mas não acertou direito e o veado correu. Ele foi atrás, um espinho¹⁰ fincou no pé dele e ele não pode mais andar. Mandou dizer que é para você levar massa de mandioca, beiju e carne para ele. Mas nós vamos junto, porque só nós sabemos onde ele está.

A velha embrulhou numas folhas um pouco de farofa de carne de gente, pegou mais carne seca de gente, beiju e massa de mandioca, colocou tudo dentro de um xire grande, saiu fora e disse:

— Então, vamos.

Um as crianças iam atrás, outras à frente e, a velha no meio. Lá adiante, voou uma inambu¹¹. Um menino flechou e derrubou a inambu no vôo. A velha resmungou baixinho: — Olha como eles flecham bem! Matam pássaro até voando... Vai ver que eles mataram o meu marido...

— Parece que a titia falou que matamos o seu marido...

— Não, eu disse que, quando matar outro bichinho, nós vamos moquear, levar e comer com beiju lá onde está o meu marido.

Chegaram ao córrego *Sisūdyawsu*¹². As crianças fizeram uma pinguela¹³ amarrada com cipó, para atravessar o córrego. Quando estava pronta, disseram para a vovó:

— Vovó, espere aí um pouco, nós vamos primeiro ver se esta pinguela está bem firme, porque o seu xire está muito pesado e a pinguela pode cair com você.

(46:10)Espinho: *wáyhru*.

(46:11)Inambu: *táhru* — *Crypturus* sp.

(46:12)*Sisūdyawsu*: entra no rio Juína (*Alukuyrakyawsu*. *Alukuyhru*: taquarinha de haste de flecha, porque no rio Juína há taquarinha de haste de flecha).

(46:13)Pinguela: *hatu*.

Um menino subiu na pinguela e foi atravessando. Ia cambaleando com os braços abertos, para dizer que a pinguela não estava bem firme. Chegou ao outro lado e disse para o menino do lado de cá:

— Eu vou amarrar melhor aqui e você amarra aí também e vamos ficar ainda segurando, para a vovó não cair. Disseram para a velha.

— Agora pode atravessar, vovó!

A velha subiu na pinguela com o xire e foi atravessando. Quando ia bem no meio, um menino piscou o olho para o outro e mexeram nos paus da pinguela. A velha caiu na água e gritou: *kaxũ... kaxũ...*, e falou:

— Eu sei, foi assim que vocês fizeram com o meu marido. Mas foi ele mesmo que matou todo o pessoal da aldeia de vocês e os pais e os irmãos de vocês e ele e eu comemos. E há mais: o meu marido ainda estava criando e engordando vocês para depois a gente comer também.

Os meninos flecharam nas costas da velha com flecha de talinho de buriti e ainda bateram nela com pau. A velha afundou e morreu. A farofa de carne de gente esparramou na água¹⁴.

As crianças foram para a beira de um salto, onde havia uma areiazinha muito bonita. Sentaram ali e ficaram pensando: não temos pai, não temos mãe!... E todo o nosso pessoal morreu! Agora somos sozinhos no mundo!... E começaram a chorar também de fome. E diziam ainda:

— Onde vamos ficar? debaixo deste salto? desta água? dentro de um buraco?... Aonde vamos?

O velho *Ne.ahlusu* e a sua mulher toda a noite escutavam o choro das crianças para o lado do salto, mas não imaginavam que crianças poderiam ser. *Ne.ahlusu* dizia:

— Qualquer dia eu vou àquele salto: quero ver quem chora lá.

Um dia saiu para o salto. Encontrou lá as crianças e perguntou:

— O que foi?

(46:14)A névoa que a gente vê, às vezes, sobre as águas dos rios, pela manhã, é o sinal da farofa da carne dos nambikwára, que o espírito mau *Hayéhru* matou e comeu.

— Somos órfãos¹⁵. Estamos sozinhos e com muita fome.

— Hoje eu trouxe só um pouquinho de comida. Mas vamos para minha casa e lá eu tenho mais comida. Eu cuido de vocês.

As crianças foram com o velho *Ne.ahlusu*.

No outro dia, *Ne.ahlusu* levou as crianças para ajudar numa derrubada que ele tinha começado com machado de pedra. No caminho, *Ne.ahlusu* disse:

— Vocês podem seguir por este mesmo caminho, que eu vou ver um jequi¹⁶ e outra armadilha, que eu deixei para pegar tatu-galinha. Eu volto loguinho com carne, peixe e mel para vocês. Na derrubada a gente se encontra de novo.

O velho saiu e as crianças foram pra a derrubada. Quando chegaram lá, acharam graça do velho, porque fazia a derrubada com machado de pedra. Ia muito devagar e cortando os paus um por um. Experimentaram o machado de pedra: só amassava. Disseram:

— Desse jeito, aquele velho nunca ia acabar essa derrubada. Nós vamos derrubar logo!

Disseram para o papa-vento:

— Apanhe aí um cipó bem grande para a gente marcar o tamanho da derrubada.

O papa-vento trouxe o cipó e esticaram o cipó, fazendo o círculo, no tamanho que era para ser a roça. Puxaram o cipó para o lado deles e os paus caíram todos de uma vez. Ficaram ali esperando pelo velho e nada de ele chegar. Disseram:

— Essa derrubada ainda é pequena. Vamos aumentar mais.

Fizeram do mesmo jeito e derrubaram mais um pedaço de mato.

E nada de o velho chegar.

(46:15) Órfão: *sáikisu*.

(46:16) Jequi: *tarāhru*. É uma espécie de xire muito comprido e de boca grande, feito de vara. O peixe entra e não sai. "Nos artificios que empregam para pegar peixes, não há propriamente novidade; mas é notável que entre eles se encontrem, além do uso da flecha para tal fim, os jiquis e outras armadilhas originárias de diversas tribus do Brasil." (ANÔNIMO, 1916:315). "Não conhecem anzol; empregam, na pesca, uma espécie de cóvo, feito de taquara ou do caule do cipó titára ..." (ROQUETTE-PINTO, 1950: 275 e 277).

Não agüentaram mais de fome e voltaram para a casa do velho, atrás de comida. Encontraram em casa só a velha, mulher de **Ne.ahlusu**, que não sabia do trabalho das crianças.

— Nós já chegamos! Estamos com muita fome. A gente quer chicha.

— Pois é, vocês chegaram, mas é muito cedo ainda: a chicha não está pronta, preguiçosos! Vocês ainda deviam estar trabalhando nessa hora!...

As crianças olharam umas para as outras. Depois de tanto trabalhar para **Ne.ahlusu**, não receber nem chicha e ainda passar por preguiçosos!...

De raiva, entraram na casa, jogaram toda a massa de mandioca no chão, quebraram as cuias de chicha crua e foram embora para perto do salto, de novo. Ficaram ali chorando de fome.

O velho **Ne.ahlusu** chegou ao lugar da derrubada com carne de tatu-galinha, peixe e mel para as crianças. Viu o mato no chão e voltou para casa. Parou perto da casa para escutar barulho de criança. Tudo quieto...

Então acabou de chegar e perguntou para a mulher:

— Cadê as crianças? Não chegaram aqui?

— Preguiçosas! Chegaram zangadas, quebraram as coisas e sumiram.

— Não, mulher, as crianças não são preguiçosas. Num instante fizeram o trabalho onde eu ainda ia gastar muitos dias. Foi pena!... Vou chamar as crianças, de novo.

Ne.ahlusu assou a carne de tatu-galinha e saiu nervoso para a praia do salto, levando a carne para as crianças. Mas ninguém quis comer.

O papa-vento chorava, querendo comer carne. As crianças disseram para o papa-vento:

— Se você não agüenta a fome, pode comer, mas nós, não.

O papa-vento comeu. **Ne.ahlusu** disse:

— Vamos de novo para a minha casa, criançada! Minha mulher não sabia do trabalho de vocês...

— Ela chamou a gente de crianças preguiçosas: não vamos voltar mais.

Ne.ahlusu voltou para casa sozinho e triste.

— E agora, de novo, onde vamos ficar? debaixo deste salto? desta água? dentro de um buraco?... Aonde vamos? pensavam as crianças. As meninas começaram a chorar de tristeza.

Por fim, as crianças combinaram:

— Vamos para o céu! Vamos para o céu!

Disseram para o papa-vento e uma inambu:

— Se vocês quiserem, podem ir com a gente.

Dois meninos arrumaram um cipó-escada¹⁷ para subirem. Os meninos perguntaram para as meninas:

— Como é, vocês querem ir atrás ou adiante?

— Nós vamos atrás, para vocês não verem as coisas da gente.

Começaram a subir pelo cipó-escada. Levavam junto um favo de mel¹⁸ xupé. Subiam dizendo:

— Vamos para o céu! Vamos para o céu!

Quando iam bem alto, o papa-vento começou a chorar de medo. Um menino desceu o papa-vento, pôs dentro de um buraco e disse:

— Você fique aí, nós vamos para o céu! Mas, antes, olhe aqui uma coisa: o fogo de gente é muito quente e brabo. À hora em que você vir o fogo, entre num buraco do rato-do-chapadão¹⁹. Quando o fogo passar, você saia fora.

O menino fechou o buraco e deixou o papa-vento lá²⁰.

A inambu também ficou com medo e disse:

— Não, eu não quero viver no céu: eu vou ficar na terra mesmo!

(46:17)Cipó-escada: *alwākalay.tihnusu* — *Bauhinia splendens*.

(46:18)Favo de mel: *ayedisu*.

(46:19)Rato-do-chapadão: *yákisu* — *Scapteromys gnambiquarae*. “Um rato do chapadão ..., que os Parecís denominam *Cólari*, é iguaria que os Nambikuáras não desprezam.” (ROQUETTE-PINTO, 1950:236). “Essa mesma tenacidade demonstram, aliás, até na caça ao rato *cururú*, espécie de rato da chapada, que muito apreciam. Horas e dias, passam a cavar o solo, até descobri-lo. Uma vara, introduzida pelo buraco de entrada do roedor, orienta a excavação. Às vezes, são tão grandes os amontoados de terra excavada que lembram os da mineração.” (CAMPOS, 1936:48).

(46:20)Ainda hoje em dia, é assim: quando o fogo vem, o papa-vento entra no buraco e, quando o fogo passa, ele sai.

Um menino desceu a inambu, arrancou o rabo dela²¹, fez um buraquinho raso no chão, pôs cinza dentro e deixou a inambu ali²².

As crianças continuaram subindo. Lá em cima, o favo de mel xupé virou o Saco-de-carvão²³ e as crianças viraram o Sete-estrela²⁴.



VARIANTE: As crianças viraram o Cruzeiro do Sul²⁵.

47. O ESPALHAMENTO DAS CAÇAS

Primeiro, a caça vivia toda num buraco. O Dono dela mora-va ali perto.

Quando um Nambikwára queria comer carne, ia pedir ao Dono. O Dono soprava só uma vez na boca do buraco e saía uma ou mais caça. Se o Nambikwára tinha sorte, saía caça boa, como uma anta; se não, saía uma ruim, como um gambá¹, rato ou cobra-de-tucano².

Um dia, o Dono da caça viajou e deixou outro homem para cuidar do buraco, mas explicou:

— Quando Nambikwára vier pedir caça, você sopre só uma vez.

Chegou um Nambikwára pedindo caça. O Homem soprou na boca do buraco e saíram um gambá e uma cobra-de-tucano.

(46:21) Por isso, hoje em dia, a inambu não tem rabo.

(46:22) Por isso, hoje em dia, a inambu sempre está num buraquinho raso no chão e caga ali.

(46:23) Saco-de-carvão: *Wārazu*.

(46:24) Sete-estrela: *Saikisu* | *Kadeha.yatu.Kádesu*: cuia, porque, para o Nambikwára, o Sete-estrela é um punhado de cuinhas, dependurado com cordinha de tucum-do-campo.

(46:25) "Não parecem distinguir as constelações; sempre deram os mesmos nomes para qualquer estrela que se lhes indicasse." (ROQUETTE-PINTO, 1950:260).

(47:1) Gambá: *yawahru* — *Didelphis* sp.

(47:2) Cobra-de-tucano ou tucanabóia: *yarandisu*. Não-venenosa e cuja carne é muito apreciada pelos Nambikwára. "...ao que nos consta, não foi ainda comprovada pela classificação, que por ora ainda é duvidosa." (IHERING, 1968:708).

— Eu queria era uma caça boa... Você não quer soprar de novo para mim?

— Não, eu só posso soprar uma vez.

— Sobre outra vez para mim!

— Eu não! Se você quiser, pode soprar e eu vou embora.

O homem saiu e o Nambikwára soprou mais duas vezes. Então as caças saíram, começando pela cutia, e espalharam. O Nambikwára, com vergonha, não matou nada e foi embora também. O homem que ficou cuidando, quando viu aquilo, não disse nada.

O Dono da caça vinha voltando da viagem e encontrou um tatu-peludo. Tomou um susto e falou: — Mas eu nunca vi tatu-peludo aqui fora! Cavou um buraco no chão e deixou o tatu-peludo lá dentro.

Logo mais, encontrou uma anta: limpou um lugar para ela e largou lá.

Mais adiante, encontrou uns caititus³: roçou o cotovelo no chão e deixou os caititus naquele limpinho.

Encontrou um macuco⁴: pôs em cima de uma árvore e deixou lá.

Encontrou uma paca: fez um buraco com suspiro e deixou a paca dentro.

Chegou a casa e ralhou com o homem que ficou cuidando do buraco da caça.

— Como que você não cuidou direito do buraco da caça?

— Deixe a caça solta assim mesmo!...⁵.

48. COMO SE MATA UMA ANTA

Um homem saiu com a mulher para caçar. Ouviram uma anta assobiar e o homem disse para a mulher:

— Fique aqui, que eu vou atrás daquela anta.

O homem saiu e encontrou um tapir¹. Flechou, mas o tapir correu para o lado da mulher. Pegou a mulher, pôs às costas, correu com ela e não deixou a mulher descer mais.

(47:3) Caititu: *yákisu* — *Tayassu tajacu*.

(47:4) Macuco: *hosu* — *Tinamus* sp.

(47:5) Por isso, os animais, hoje em dia, vivem espalhados.

(48:1) Usamos a palavra "tapir" para significar a anta macho.

Uma hora, a mulher disse para o tapir:

— Pare aí um pouco e me desça para eu mijar.

— Pode mijar em cima de mim mesmo.

O tapir mexeu com a mulher de noite.

Um dia, chegaram debaixo de um pé de caju-do-mato², onde a mulher sempre comia caju-do-mato³.

— Vamos comer caju-do-mato aqui! disse a mulher.

O tapir desceu a mulher. Ela pegou caju-do-mato no chão, abriu e disse, mentindo:

— Estes aqui do chão estão podres, cheios de coró. Suba lá em cima para sacudir e cair caju bom.

O tapir foi subindo. Numa altura, perguntou:

— Você está aí no chão?

— Estou, sim.

Subiu mais e perguntou de novo:

— Você está aí no chão?

— Estou, sim.

Mais em cima, perguntou outra vez:

— Você está aí no chão?

— Ainda estou. Suba mais e sacuda aquele galho⁴ que tem mais caju.

O tapir subiu mais e sacudiu o galho. Na hora, a mulher aproveitou e fugiu para a aldeia.

O tapir desceu e foi atrás, pelo rasto.

À mesma hora em que a mulher chegou, nasceu a criança dela com o tapir. Logo mais chegou o tapir e foi ficar perto da mulher, mas ela correu.

O pessoal da aldeia agradou o tapir e os homens perguntaram para ele:

— Qual é o lugar do corpo de um anta que a flecha, acertando, mata ou não mata?

(48:2) Pé de cajú-do-mato: *éhru* — *Anacardium giganteum*. Amadurece em janeiro.

(48:3) Caju-do-mato: *éhru*.

(48:4) Galho: *hinokisu*.

— Se pega no braço, não acontece nada. No fígado, também não. No bucho⁵, também não importa. Mas se acerta na pá⁶, aqui não digo nada.

Os homens entenderam logo: na pá...

Mostraram a flecha de ponta de fisga⁷ e perguntaram:

— Esta é boa para matar uma anta?

— Essa flecha de ponta de fisga é a tripa da anta: não faz nada com ela.

Mostraram a flecha de ponta de cabeça e perguntaram:

— E esta?

— Essa de ponta de cabeça também não faz nada.

Agora mostraram a flecha jurupará⁸ e perguntaram:

— E esta?

— Hum... agora sim!

Os homens entenderam logo também: flecha jurupará...

E já pegaram arco, flecha jurupará, flecharam na pá e mataram o tapir. E também mataram o filho dele.

49. O DESCONTO DA MORTE DO FILHO

Um dia, o velho *Ne.ahlusu* foi com seu filho matar peixinho com timbó-de-folha¹.

Na beira de um córrego, *Ne.ahlusu* espremia as folhas de timbó-de-folha na água e o filho juntava os peixinhos mais embaixo, cantando e assobiando.

(48:5) Bucho: *ayokatyukatasu*.

(48:6) Pá ou omoplata: *atáhehalisu*.

(48:7) Flecha de ponta de fisga: *kalakelisu*. "É tipo perfeitamente original. Tem uma série de farpas presas com fios e breu. É revestida de um enduto negro que os índios supõem tóxico; por isso protegem-lhe a ponta com bainha feita de colmo de taquara ... É arma de guerra." (ROQUETTE-PINTO, 1950:273).

(48:8) Flecha jurupará: *wayhelisu*. "Tem ponta aguçada, feita de taquarussú ... Serve na guerra e na caçada aos grandes animais: capivara, anta, onça. Sangra largamente a vítima e, por isso, é usada para abater as grandes peças. Entre a haste e a ponta, há uma porção intermediária, de madeira vermelha, destinada a enrijecer a faca da taquara, tornando-a mais eficiente. Ainda assim, muitas vezes, quebra-se ..." (ROQUETTE-PINTO, 1950:272).

(49:1) Timbó-de-folha: *hūtu* — *Tephrosia toximana*. "É legumínea venenosa, espécie de *Tingui*, com que os índios pescam." (ROQUETTE-PINTO, 1950:275).

Uma boipevaçu² ouviu o menino cantar e ficou rodeando para lá e para cá. Quando o menino chegou perto da boipevaçu, ela flechou e matou o menino.

Ne.ahlusu esperou pelo filho, e... nada de ele voltar. Procurou, gritou, chamou, e... nada. Então voltou para casa e disse para um velho lagarto-do-mato:

— O meu filho se perdeu: você não quer procurar para mim?

— Vou, sim.

O velho lagarto-do-mato achou o menino morto dentro de um buraco e enterrou. Em casa, contou para *Ne.ahlusu*:

— Encontrei seu filho morto dentro de um buraco. Foi a boipevaçu que matou.

Então *Ne.ahlusu* chamou o beija-flor-pequeno³ e a juriti, para ajudarem a procurar e matar a boipevaçu.

O velho lagarto-do-mato ensinou para o beija-flor-pequeno e a juriti onde era a casa da boipevaçu e disse que a porta era bem fechada.

Quando encontraram o buraco da boipevaçu, o beija-flor-pequeno voou bem alto e desceu de lá de cima com o vôo ligeiro dele, fazendo um grande barulho. Depois a juriti fez do mesmo jeito.

A boipevaçu mandou as crianças dela ver que barulho era aquele.

As crianças puseram a cabeça fora do buraco e disseram:

— Vem você olhar, mamãe: a gente não está vendo nada!...

Quando a boipevaçu pôs a cabeça fora do buraco, o beija-flor-pequeno flechou. A boipevaçu ficou morta ali mesmo.

— E, agora, vamos jogar na água ou enterrar? perguntaram a juriti e o beija-flor-pequeno.

Nessa hora, apareceu o acauã⁴ e pediu para comer a boipevaçu⁵.

(49:2) Boipevaçu: *wáykisu* — *Cyclagras gigas*.

(49:3) Beija-flor-pequeno: *tanunithru* — *Popelairia langsdorffi*.

(49:4) Acauã: *waykãwsuiwakawã*: *Herpetotheres cachinnans*. Quando uma pessoa ouve o acauã cantar de madrugada, advirá, num futuro próximo, ou uma desgraça para aquele que ouviu ou alguém morrerá na aldeia.

VARIANTE:

Ne.ahlusu mandou o velho lagarto-do-mato matar a boipevaçu. O lagarto-do-mato saiu e ia entrando em tudo que era buraco⁶, procurando a boipevaçu. Num encontrou a boipevaçu, mas só olhou e foi contar para **Ne.ahlusu**:

— Encontrei a boipevaçu que matou o seu filho. Agora eu vou chamar o acauã para me ajudar a matar.

O acauã sentou num pau por cima do buraco da boipevaçu e batia as asas, igual a um beija-flor-pequeno voando.

A boipevaçu já vivia desconfiada e colocou só um pouquinho a cabeça fora do buraco. O lagarto-do-mato chegou perto do buraco da boipevaçu e disse:

— Pode sair fora: não vai chover.

Então a boipevaçu saiu. O acauã voou de lá de cima, pegou a boipevaçu, matou, carregou para casa e comeu com as suas crianças.

O lagarto-do-mato foi à casa do velho **Ne.ahlusu** e contou:

— O acauã matou a boipevaçu.

— Eu não acredito.

Nessa hora chegou o acauã e disse para **Ne.ahlusu**:

— É verdade: eu matei e comi com as minhas crianças e os ossos ainda estão lá em casa. Pode ir lá ver.

Ne.ahlusu foi lá, viu os ossos, acreditou e disse:

— Você, acauã, é muito bom!

VARIANTE:

Um dia, morreu a filha do acauã. O pai enterrou, ficou muito triste e, todo o dia cedo, chorava assim: **waykãw... waykãw...**

O papa-vento ouviu o acauã chorar e foi ver o que era.

— Por que você está chorando?

— Minha filha morreu e eu estou pensando que foi a boipevaçu que mordeu no pé dela.

(49:5) Por isso, até hoje em dia, o acauã só come cobra.

(49:6) Por isso, até hoje em dia, o lagarto-do-mato entra em tudo que é buraco. Nambikwára não come o lagarto-do-mato, porque matou o boipevaçu na história.

— Olhe, eu me dou bem com a boipevaçu; por isso, eu posso ir lá ver se foi ela que matou mesmo a sua filha.

O papa-vento voltou e contou para o acauã:

— Eu vi o homem boipevaçu, a mulher dele, as crianças e uma flecha quebrada com sangue na ponta: tudo dentro de um buraco. Foi a boipevaçu mesmo que matou a sua filha.

O acauã foi matar a boipevaçu, mas ela nunca saía do buraco, com medo do acauã.

O acauã preparou uma flecha de várias pontas⁷, uma espada de madeira e chamou o beija-flor-pequeno para ajudar a matar a boipevaçu.

Os dois ficaram num pau por cima do buraco das boipevaçus, e o acauã no ponto de flechar.

O beija-flor-pequeno passou voando algumas vezes por cima do buraco das boipevaçus, batendo ligeiro as asas, fazendo barulho, para dizer que era trovão.

Os filhos das boipevaçus saíram fora para ver se ia chover. Mas o céu estava limpo e sem sinal de chuva, porque era tempo de seca.

Chegou ainda o beija-flor-preto e fez um barulho maior.

Os filhos das boipevaçus saíram de novo para ver. Voltaram e perguntaram para os pais:

— Por que está trovejando hoje, se o céu está limpo e não é o tempo da chuva?

Mas os pais nem responderam nada.

No dia seguinte, o barulho foi maior ainda. Agora o pai saiu, olhou e voltou.

Aí a mãe foi também ver, mas botou só um pouquinho da cabeça fora do buraco.

(49:7) Flecha de várias pontas: *salasa.yotetelisu*. “Especialmente destinada à pesca, e perfeitamente originais, são algumas flechas de ponta dupla, tríplice ou quadrupla, munidas de uma farpa de osso ... Algumas têm penas na base, outras não.” (ROQUETTE-PINTO, 1950:273-274). “O nhambiquára é também pescador; pesca com flechas de três pontas, desprovidas de penas. Fica, de tocaia, na barranca do rio com o arco armado. Quando o peixe passa, lança certa seta e cai n’água para o pegar. Usa também cevar o peixe com milho ou frutas e flechá-lo, quando ele vem comer a ceva. O peixe traspassado pela flecha não vai ao fundo; vem à tona d’água.” (SOUZA, 1920:395).

— Foi você que mordeu minha filha!... pensou o acauã. Flechou e matou.

O acauã desceu correndo com a espada de madeira, cortou toda a boipevaçu em pedacinhos do mesmo tamanho. O pai com as crianças escaparam.

O acauã largou os pedaços da boipevaçu ali e foi embora alegre.

Do sangue da boipevaçu nasceram a aranha, o rato caseiro, a lacraia-grande⁸ e a cobra-de-duas-cabeças⁹.

50. AS JIAS MATAM MULHER

Um homem foi a uma aldeia e deixou em casa a sua mulher *Yahayñpũ*.

No outro dia, cedinho, a mulher ouviu jia¹ cantar na lagoa. Pegou uma cabaça e foi matar. Na lagoa, ia encontrando e mantendo só jia pequena e jogando na cabaça. À frente, cantou uma jia grande: *haú... haú.. haú...*

A mulher foi na direção da jia grande e não viu. A jia deu uma volta e cantou à frente, de novo: *haú... haú... haú...*

A jia rodeou várias vezes a mulher e cantou à frente: *haú... haú... haú...*

Foi indo, a mulher viu a jia. A jia falou:

— *Yahayñpũ... Yahayñpũ...*

— Você está falando meu nome?!... então eu vou matar você!

— Mas não bata na minha cabeça: só na minha bunda, tá?

A mulher suspendeu a vara e desceu na bunda da jia. Naquela hora, a jia saltou na mulher, segurou e chamou as companheiras. As companheiras chegaram, lamberam todo o corpo da mulher e ela morreu. Assaram e comeram. Só a alma dela voltou para casa. A alma dela voltou para casa. A alma chegou, deitou e cantou: *kwērakisawali... kwērakisawali...*

(49:8) Lacraia-grande: *hayahayawdesu* — *Scolopendra morsitans*.

(49:9) Cobra-de-duas-cabeças: *katūhru* — *Amphisbaena alba*.

(50:1) Jia: *karedntu*. T. M.: *kwērakisawali* — *Leptodactylus* sp.

Um homem escutou, mas não viu ninguém.

Depois de uns dias, o marido chegou e perguntou:

— Cadê a minha mulher?

— No dia seguinte àquele em que você saiu, ela foi à lagoa e até agora não voltou.

— Eu acho que foi algum bicho, disse o homem, e pegou um tição de fogo, uma cabaça com fumo e foi ver na lagoa.

Encontrou os ossos de sua mulher, perto de um grande buraco.

— Já sei: foi a jia que matou e comeu minha mulher!... Acendeu um fogo na boca do buraco, botou fumo no fogo e soprou a fumaça para dentro do buraco.

As jias lá dentro começaram a tossir, não agüentaram e saiu primeiro uma. O homem matou e jogou para o lado. Saiu outra: matou. Outra: matou também. Outra: também. Agora saiu a mãe das jias.

— Foi essa! disse o homem, e matou também.

O homem foi para casa muito triste.

51. COBRA-DORMIDEIRA ENSINA A DORMIR

Primeiro, Nambikwára não dormia nem mesmo de noite. Só a cobra-dormideira¹ tinha o sono.

Um dia, um Nambikwára achou a casa da cobra-dormideira e chamou, gritando. Depois de muito gritar, a cobra-dormideira acordou assustada e o Nambikwára falou:

— Como que você dorme tanto assim e a gente não dorme nada?

— Eu tenho uma coisa, que faz dormir, mas você não agüenta. Se você passar essa coisa nos seus olhos, você vai sonhar com criança morrendo, homem bonito também morrendo, pau machucando...

— Assim mesmo eu quero.

Então a cobra-dormideira cozinhou urucu com cera e deu para o Nambikwára:

(51:1) Cobra-dormideira: *tetésu*. "Formam estas cobras um grupo à parte, na fam. *Colubridaeos*, como subfamília *Dipsadíneos* ..." (IHERING, 1968:280).

— Leve essa gosma, mas você não pode passar nos olhos na volta para casa, senão você vai cair dormindo no meio do caminho.

Na aldeia, o homem contou a história e mandou todo o mundo passar nos olhos a gosma da cobra-dormideira.

Todo o mundo dormiu.

Agora Nambikwára dorme².

52. A FORMIGA SABIDA

Faz tempo, morreu a mãe de uma família. O pai foi caçar com o filho e o filho estrepou num pau. O pai trouxe o filho no ombro para a casa e não pôde tirar o estrepe¹ e o filho morreu. Um outro homem enterrou e o pai chorou muito.

Não demorou muito, chegou uma formiga-de-novato². Contaram para ela e ela foi chamar a formiga-chiadeira³. Desenterraram o menino.

A formiga-chiadeira chupou o pé do menino e tirou três farpas de pau e pôs remédio na ferida.

De noite, chupou em cima do coração do menino. O coração começou a bater e cada vez mais forte.

Na tarde do outro dia, o coração estava bom e, de noite, o menino abriu os olhos.

No outro dia, ao meio-dia, levantou e sentou.

O pai do menino ainda estava chorando muito. A formiga-chiadeira disse:

— Não chore muito agora: só um pouquinho.

De tarde, o menino já falou e disse:

— Estou com fome e sede: quero comer beiju e beber água.

(51:2) O líquido que a gente tem nos olhos e a remela (*dã.wāyenādisu* = minha remela) são o sinal daquela gosma da cobra-dormideira.

(52:1) estrepe: *wāyhru*.

(52:2) Formiga-de-novato ou taxi: *yokohru* — *Pseudomyrma* sp.

(52:3) Formiga-chiadeira ou oncinha: *yanahru sisikalisu* — Mutílídeo. O Nambikwára coloca a formiga-chiadeira com casulo de borboleta dentro da água e dá banho no doente com esta infusão. Também, quando um espinho de pequi finca na língua, o Nambikwára enrola a formiga-chiadeira num cabelo, encosta a boquinha dela no lugar do espinho e a formiga-chiadeira arranca o espinho.

A formiga-chiadeira disse:

— Agora ele só pode comer um pedacinho de beiju e beber um pouquinho de água, porque, se come e bebe muito, pode até morrer.

No outro dia, de manhã, a formiga-chiadeira ensinou ainda:

— Quando uma cobra morde, um pau machuca, corta com capim e pega febre, precisa tratar com remédio.

O menino ficou forte e a formiga-de-novato foi embora morar no seu oco de pau.

53. A SUCURI ENGOLE VELHO SOVINA

O velho *Kayutyahlusu* gostava muito de caçar sucuri. Um dia, encontrou uma na lagoa. Voltou para casa e disse para os outros homens:

— Eu vi uma sucuri na lagoa. Vamos lá matar?

— Vamos.

No caminho, o velho arrependeu-se de chamar os outros, porque assim ele ia ganhar pouca gordura. Por isso, na lagoa o velho não mostrou a sucuri. Os homens procuraram, não acharam e disseram:

— Nós vamos embora.



VARIANTE: O velho *Kayutyahlusu* foi com um homem caçar jacaré num córrego. O velho viu uma sucuri no meio das pedras dentro da água e mandou o homem embora para a aldeia.



— Está bem, vocês podem ir: eu vou ficar aqui procurando.

O velho tirou uns talos de buriti, sentou à beira da lagoa e começou a fazer um xire para carregar a sucuri e comer muita gordura, sozinho.

Nessa hora, a sucuri viu o velho, deu um salto, laçou o velho e amassou todo o xire dele. O velho gritou. Os companheiros

escutaram os gritos, mas não foram acudir, porque já era quase noite.

A sucuri engoliu o velho.

No outro dia, os homens da aldeia conversaram:

— *Kayutyahlusu* não voltou ontem!...

— Mas ele gritou...

Depois da conversa, foram ver. Encontraram primeiro o xire amassado e depois a sucuri. Conversaram:

— Vão ver que ela engoliu aquele velho...

— Vamos matar para ver...

Mataram e acharam o velho na barriga da sucuri. Enterraram o velho e cada um comeu ainda um pedaço da sucuri.

54. A LÍNGUA DO JACARÉ

Faz tempo, só o jacaré tinha língua, e muito grande.

Quando uns meninos foram tomar banho, chegou o jacaré e xingou os meninos assim:

— *Woxheratateri.yalera! Woxheratateri.yalera! Woxheratateri.yalera!*

— Vocês não têm língua! Vocês não têm língua! Vocês não têm língua!

Os meninos combinaram:

— Vamos chamar os outros meninos e tirar a língua desse jacaré!

Todos juntos rodearam e seguraram o jacaré. O jacaré gritou:

— Me soltem, me soltem!

Mas o que os meninos fizeram foi tirar a língua do jacaré e repartir para o povo e os animais¹.

55. O PERNILONGO GOSTA SÓ DA ORELHA

Mataram uma anta e disseram para o pernilongo:

— Leve para você esse pedaço de perna.

(54:1) Por isso, hoje em dia, o jacaré não tem língua.

- Peçaço de perna eu não quero.
- Então leve um pedaço do braço.
- Também não quero.
- O espinhaço.
- Também não.

E nem quis o fígado, o pé, a costela, a mão, a tripa, o pulmão, a canela. Não viam mais nada para oferecer e disseram:

- Então? Fale o que você quer.
- Vocês não me ofereceram o que eu queria!...
- Mas o quê?!
- A orelha¹.

56. O TAMANDUÁ-BANDEIRA SÓ ESCUTA O PERNILONGO NA ORELHA

O pernilongo bateu as asas, zoando na barriga do tamanduá-bandeira, e o tamanduá-bandeira não ouviu. Zoou no rabo¹, na perna, no braço, no peito e nada do tamanduá-bandeira ouvir.

Então zoou na orelha. O tamanduá-bandeira levantou o braço, bateu no pernilongo e jogou. O pernilongo disse:

— É só na orelha que o tamanduá-bandeira me escuta... Agora eu sei!...

57. O IÇÁ ERA POUQUINHO

O marimbondo-caçador¹ apanhou um pouco de içá² no xire e trouxe para a mulher. Ela queria era muito, mas mesmo assim começou a tirar içá do xire e assar.

Quando o içá do xire ia acabando, o marimbondo-caçador sacudiu o xire e o içá aumentou de novo e ficou do mesmo tanto que tinha trazido antes.

E ia assim: quando o içá diminuía, o marimbondo-caçador sacolejava de novo e ele aumentava. E desse jeito a mulher não acabava de assar nunca.

(55:1) Por isso, hoje em dia, o pernilongo gosta de zoar na orelha da gente.

(57:1) Marimbondo-caçador: *yalu.yalasu* — Pompilidese Escoliídeo.

(57:2) Içá: *sawāgisu* — Fêmea da saúva.

Então a mulher zangou e jogou tudo no fogo.

O içá viveu de novo e foi fazer barulho lá pra cima no céu³.

58. O MARIMBONDO-CAÇADOR NÃO SABE ASSAR

O marimbondo-caçador sempre que ia secar a aleluia¹ para comer, ela caía no chão. Então ele perguntou para o marimbondo-xire:

— Como que você seca a sua aleluia?

— Coloco no beiju² e vou balançando até secar.

— É assim balançando?!... Então eu vou desistir de secar aleluia para comer³.

59. O CARRAPATO NO HOMEM

Um carrapato-do-mato¹ falou para os seus companheiros:

— A gente vive só nos animais, nas folhas secas, nos paus e no chão. Vamos passar para o homem?

— Vamos, sim.

— Se o homem tirar a gente, arrancando o braço, a gente fica sem braço; se tirar e jogar no fogo, da gente sai fumaça verde; se tirar e espremer na unha, a gente fica esmigalhado; se cortar pelo meio, fica sem cabeça; si tirar e morder, a gente sai branco².

60. O HOMEM E O JACARÉ

Um homem do grupo *mamāydesu*¹ foi caçar. No rio, um jacaré matou, comeu o homem, saiu do rio e ficou ali na beira. Uma

(57:3) O barulho que a gente escuta no começo do tempo da chuva (*kāyalatasu*) é o sinal do barulho do içá.

(58:1) Aleluia: *dihru* — Forma alada do cupim.

(58:2) Para o marimbondo-xire, o beiju era o favo de mel.

(58:3) Por isso, hoje em dia, o marimbondo-caçador não pega aleluia.

(59:1) Carrapato-do-mato: *yūzu* — *Ornithodoros rostratus*.

(59:2) Ainda hoje em dia, o homem mata o carrapato-do-mato de todos esses jeitos.

(60:1) *Mamāydesu*: “A região mais ricamente povoada é a do vale dos rios Ananás, Festa da Bandeira e Roosevelt. Toda a população aí existente deve ser considerada como constituindo um só grupo, o quinto, mas que se reparte por numerosos sub-grupos, dos quais nos ocorre citar os Mamā-indês, Tamá-indês, malondês, Sabanês, laiás e Nava-itês.” (ANÔNIMO, 1916:301).

mulher foi lá, viu os ossos do homem e o jacaré com a barriga cheia. Voltou e contou para o marido.

O marido pegou umas flechas e foi matar o jacaré. Flechou e acertou, mas o jacaré continuou do mesmo jeito, porque tinha uma casca muito dura.

Veio outro jacaré do rio. O homem correu e subiu num pau. O jacaré deitou debaixo do pau e ficou ali esperando o homem ficar com fome e descer para ele comer.

Depois de dois dias, o jacaré ficou com sede e mesmo não agüentava ficar muito tempo fora da água e saiu para beber água.

Nessa hora, o homem desceu e escapou.

O jacaré nem viu.

61. O HOMEM VIROU TAMANDUÁ-BANDEIRA

Um homem falou para o outro:

— Você não tem aí umas penas de gavião para me dar?

— Eu não posso dar.

— Nem uma, para flecha?

— Não, eu não dou nenhuma, mas posso mostrar o gavião¹ que tem.

— Então me mostre onde mora o gavião.

O homem levou o outro até uma árvore longe e separada das outras. Subiu com ele até em cima da árvore, mas o gavião voou para longe.

O homem que levou, desceu, fez a árvore engrossar e foi embora. O outro ficou lá em cima, sem poder descer.

Depois de um tempo, o caxinguelê chegou pulando nos galhos das árvores. O homem disse:

— Você é feliz, pode pular e descer quando quer!... Eu estou aqui preso, morrendo de fome e sede!

— Como que você ficou aí?

O homem contou a história dele.

— Então, grude nas minhas costas e eu desço você no chão.

(61:1) Gavião: *tawtu* — Falconídeo e Acipitrídeo, indistintamente.

— Não, você é muito pequeno, cai comigo e eu morro.

O caxinguelê foi embora. Não demorou muito, apareceu o sagüi². O homem disse:

— Você está bem folgado, enquanto que eu estou aqui em cima, morrendo de fome e sede!

— Como que você ficou aí?

O homem contou de novo a história dele.

— Então, grude nas minhas costas e eu desço você no chão.

— Não, você é muito pequeno, cai comigo e eu morro.

O sagüi foi embora. Apareceu o urubu, voando sobre o homem, por cima da árvore. O homem disse:

— Você é muito feliz, voa à vontade!... Eu estou pensando aqui nesta árvore!

— Como que você ficou aí?

O homem contou mais uma vez a história dele. Naquela hora ia passando o urubu-rei³. O urubu disse para o urubu-rei:

— Tire daí esse homem que está preso nessa árvore, sem poder descer e está morrendo de fome e sede. Eu só sei voar muito depressa e assim ele cai.

O urubu-rei disse para o homem:

— Monte nas minhas costas, segure bem e feche os olhos!

O homem estava com medo de cair, mas, como não agüentava mais de fome e sede, arriscou. Quando já ia bem baixinho do chão, o urubu-rei disse:

— Agora, você coloque os pés no chão e abra os olhos. Fique ainda um pouco aqui, que eu vou buscar água e alguma comida para você.

Logo voltou trazendo água, chicha, batata-doce e carne. Deu ainda ao homem três cigarros:

— Fume estes dois aqui e este outro não fume, porque dá tontura. Dê este para aquele homem que deixou você em cima da árvore.

Um dia, os dois homens se encontraram e o que tinha deixado na árvore disse:

(61:2) Sagüi: *kalitu* — Hapalídeo.

(61:3) Urubu-rei: *kayaysu* — *Sarcoramphus papa*.

— Você ainda teve jeito de escapar!... Você tem fumo aí?

— Eu tenho aqui este cigarro: pode fumar.

O homem deu umas tragadas e disse:

— Mas que fumo forte, cunhado! E foi saindo para o mato.

O homem que deu o fumo jogou um cabo de machado de pedra no pé do outro homem e o pé virou pé de tamanduá-bandeira. Jogou umas folhas de pacova-do-mato e as folhas viraram rabo de tamanduá-bandeira. Jogou mais um pedaço de pau, para dizer que a gente ia matar tamanduá-bandeira com pau. Jogou umas formigas⁴, para dizer que, dali para diante, o tamanduá ia sempre comer formiga. Jogou uma cabaça e a cabaça virou focinho de tamanduá-bandeira⁵. No fim, o homem ficou um tamanduá-bandeira. Jogou ainda uns pauzinhos de fazer fogo, para dizer que Nambikwára ia fazer fogo e moquear tamanduá-bandeira. O tamanduá-bandeira nem viu a sua casa e passou de lado e foi andando para o campo.

Uns dias depois, umas mulheres encontraram o tamanduá-bandeira comendo formiga e vieram contar para o homem que fez o tamanduá-bandeira. O homem disse:

— Deixem ele engordar bem: depois a gente mata e come.

Mas uns homens de outra aldeia também encontraram aquele tamanduá-bandeira numa caçada, mataram e contaram para o homem. Ele disse:

— Aquele tamanduá-bandeira era um velho que saiu daqui, faz dias. Vocês podem comer. Eu não quero⁶.

62. AS CRIANÇAS VIRARAM MACACO

Uma mãe foi tomar banho com as suas crianças e mais uma mulher. As crianças queriam logo se jogar na água. A mãe disse:

— Espere, eu primeiro vou encher a cabaça.

— Não, mamãe, nós queremos cair na água logo.

— Não, primeiro eu vou encher a cabaça e depois vocês podem cair.

(61:4) Formiga: *sawadnzu* — Formicídeo, indistintamente.

(61:5) Focinho do tamanduá-bandeira: *awānēdu*.

(61:6) Até hoje em dia, Nambikwára mata e come o tamanduá-bandeira.

As crianças zangaram e subiram nas árvores. A mãe encheu a cabaça e gritou para as crianças:

— Pronto, agora vocês podem tomar banho!

Mas a mãe não viu as crianças e perguntou para a outra mulher:

— Aonde essas crianças foram?

— Subiram nas árvores.

— Vamos embora, criançada! disse a mãe.

— Não, nós agora vamos ficar aqui no mato mesmo!

— Vocês vão cair!

— A gente urina no pé e na mão e não cai!¹

— Desçam, assim mesmo vocês caem!

— Que nada! Vocês podem ir: nós vamos ficar aqui mesmo!

A mãe voltou para casa e aí perguntaram para a mãe:

— Onde estão as crianças?

— Elas subiram nos paus e foram embora.

Todos ficaram tristes e diziam:

— Agora as nossas crianças viraram filho dos macacos.

VARIANTE:

Um moço tinha uma cera em casa. As crianças disseram para o moço:

— Me dê aí um pedaço dessa cera.

— Não, deixem a minha cera aí.

— Mas nós queremos a cera, para passar na mão e no pé e brincar nas árvores sem cair.

Pegaram a cera do moço e foram embora para cima das árvores e viraram macaco.



VARIANTE: Um velho tinha cera em casa. As crianças disseram para o velho:

(62:1) Por isso, hoje em dia, o macaco mijá no pé e na mão.

- Me dê aí um pedaço dessa cera.
- Não, deixem a minha cera aí.
- Esse velho não quer dar cera para a gente, então vamos fazer diferente!...

Foram ao mato, mijaram nas mãos e nos pés, subiram nas árvores, saíram pulando pelos galhos e viraram macaco.

63. A MULHER VIROU RATO-DO-CHAPADÃO

Antigamente, o rato-do-chapadão tapava a boca do buraco, como os outros ratos.

Um homem sempre matava rato-do-chapadão e dava só a traseira para a mulher. Um dia, a mulher zangou com o marido por causa disso.

O marido foi caçar mais uma vez rato-do-chapadão. A mulher foi atrás, escondida.

O marido encontrou um buraco do rato-do-chapadão, pegou uma espada de madeira, chuchou um pouco na frente da boca do buraco, procurando o rato-do-chapadão. Largou de chuchar ali e chuchou um pouco mais atrás. Achou o rato-do-chapadão, matou e foi indo embora. A mulher entrou no buraco, onde o marido chuchou primeiro. O marido ainda viu a mulher, voltou, puxou pelos cabelos e disse:

— O que é que você está fazendo?

— Solta os meus cabelos! Eu entrei nesse buraco, porque aí fora está muito quente!

O marido soltou e a mulher afundou de uma vez e virou rato-do-chapadão. O homem, sem saber disso, ficou ainda ali esperando. Depois foi embora.

No outro dia, o marido foi ver de novo e não achou a mulher. Então o marido saiu dali e sumiu.

64. O MIJO DA CIGARRA

O percevejo-do-mato derrubou uns pés de buriti e deixou uma porção de coco¹ lá no lugar para amadurecer. Quando foi

(64:1) Coco de buriti: *hehru*. Amadurece em novembro e dezembro. "O coco de buriti eles

ver, encontrou os cocos todos roídos. Em casa, contou para os outros.

— Quem será que roeu?!... pensaram.

No outro dia, de madrugada, o percevejo-do-mato foi sondar para ver quem roía os cocos. Logo chegaram duas cigarras: uma bem barriguda e outra bem magra. A cigarra barriguda sentou num galho com um beiju grande na mão e a magra deitou no chão.

O percevejo-do-mato chegou e pediu para a cigarra barriguda:

— Me dê aí um pedaço de beiju.

— Tome aí. Só deu um pedacinho de nada e voou.

O percevejo-do-mato ainda deu um tapa na barriga da cigarra. A cigarra foi morrer enganchada nuns galhos. Escorreu todo o buriti que roeu e o resto dela ficou lá dependurado, igual a uma teia de aranha².

A cigarra magra ficou só vendo aquilo, deitada triste no chão. O percevejo-do-mato chegou perto da cigarra magra e disse:

— Eu vou matar você também com um pau.

Mas a cigarra não respondeu nada, nem se mexeu. O percevejo-do-mato ainda tocou nos pés da cigarra, para ver se agora mexia. Nada... mas ela fez foi mijar nos olhos do percevejo-do-mato. Ele caiu para trás, gritando: *ay... ay... ay...*, de tanto arder e doer.

A cigarra magra voou e foi embora. O percevejo-do-mato ficou lá ainda gritando: *ay... ay... ay...*



VARIANTE: O percevejo-do-mato matou a cigarra barriguda e foi embora.

o põem dentro d'água, um ou dois dias, até amolecer a polpa, que comem com mel ou só. Tiram a polpa deste coco com os dentes e depois de amassá-la na mão, fazendo assim um bolo, comem-no ou oferecem-no, por amabilidade ao hóspede, que querem agradar... E para ser amável, tem-se que comer..." (SOUZA, 1920:396).

(64:2) Teia de aranha: *hayetu*.

No outro dia, voltou para ver. Encontrou ali perto o biquinho de um coró³ muito mole. O percevejo-do-mato parou e ficou olhando. O biquinho mijou no olho dele e ardeu, igual a pimenta. Então o percevejo-do-mato viu que era a alma da cigarra barriguda que ele matou.

O biquinho do coró voou e foi embora. O percevejo-do-mato ficou lá ainda gritando: *ay... ay... ay...*

65. O RABO DO MACACO-PREGUIÇA

Antigamente, só o macaco-preguiça tinha rabo, e muito comprido. Sentava em cima das árvores e o rabo caía para baixo.

Um dia, os animais estavam tomando banho. Chegou um macaco-preguiça e, de cima de um pau, zombava dos outros animais:

— Ei, seus cotós!

— Vamos arrancar o rabo desse macaco-preguiça, pensaram os animais. E uns já pularam para pegar e arrancar o rabo do macaco-preguiça, mas ele enrolou o rabo para cima.

Os animais largaram e foram tomar banho de novo.

O macaco-preguiça desenrolou o rabo e tornou a zombar:

— Ei, seus cotós!

Uns animais ainda voltaram para pegar o macaco-preguiça e arrancar o rabo dele, mas ele enrolou o rabo de novo.

Os animais foram embora e, no outro dia, voltaram para tomar banho. Agora combinaram com o caxinguelê:

— Nós vamos ficar aqui dentro da água, como quem não quer nada. Você, que é o mais ligeiro da gente, vai tentar pegar o rabo do macaco-preguiça.

Chegou o macaco-preguiça, ficou num pau com o rabo caído para baixo e zombou de novo dos outros animais:

— Ei, seus cotós!

O caxinguelê foi por ali assim escondido, deu ligeiro um pulo e segurou com força no rabo do macaco-preguiça. O macaco-preguiça foi puxando o caxinguelê para cima da árvore e nessa hora o caxinguelê gritou pelos outros. Os outros chegaram e aju-

(64:3) Coró: *hinawsu*, indistintamente.

daram o caxinguelê a derrubar o macaco-preguiça, puxando pelo rabo.

Cortaram e repartiram o rabo do macaco-preguiça entre eles. Depois arrancaram a cabeça do macaco-preguiça, pregaram no lugar do rabo e deixaram o macaco-preguiça no pau de novo¹.

66. AS CAÇAS PEQUENAS E GRANDES

A mulher tatu-galinha saiu e deixou as crianças em casa. A onça-pintada pegou a mulher tatu-galinha e matou. Depois a onça-pintada foi à casa da mulher tatu-galinha e perguntou para as crianças:

— Aonde foi a mamãe de vocês?

— Ela saiu e não voltou mais. As crianças pensaram: — Foi essa onça-pintada que comeu mamãe.

— Como vocês são bonitinhos! Como é que a gente faz para ficar bonito?

— A gente faz assim...

Pegaram uma corda, amarraram a onça-pintada e apertaram bem.

— Assim dói!

— Você tem que agüentar, é só assim que você fica bonita!

As crianças molharam a corda e apertaram mais.

— Assim eu não vou agüentar...

— Está já ficando bonita... Só mais uns apertinhos...

Foi indo, a onça-pintada morreu. As crianças limparam o chão e puseram a onça-pintada ali. Chamaram os outros animais e repartiram o pêlo da onça-pintada para eles. Até esse dia, só a onça-pintada tinha pêlo¹.

A cutia pegou um pedaço de couro da onça-pintada, comeu: *kik... kik... kik...* depois entrou no oco de um pau e disse:

— Agora eu vou sempre correr para o oco de um pau, quando a onça-pintada quiser me pegar.

A paca comeu também um pedaço da onça-pintada e saiu correndo: *tibõ... tibõ... tibõ...* entrou na água e disse:

(65:1) E o macaco-preguiça ainda está lá hoje em dia, olhando triste.

(66:1) Pêlo: *awetu*.

— Agora eu vou sempre correr para a água, quando a onça-pintada quiser me pegar.

A anta também comeu, saiu assobiando, caiu no rio e disse:

— Agora eu vou sempre correr para a água, quando a onça-pintada quiser me pegar.

Foi assim até todos irem embora.

Caiu um pinguinho de sangue da onça-pintada e virou a jaguatirica de hoje². Caiu um pingo maior e virou a onça-pintada de hoje. A jaguatirica ficou matando os animais pequenos: o rato, a cutia...; a onça-pintada, os grandes: o veado, a anta...³.

A jaguatirica já pegou ali um rato. O companheiro do rato contou para os outros. Matou também uma cutia. A companheira da cutia contou para as outras. A onça-pintada matou um veado. O companheiro do veado contou para os outros.

67. A EXPERIÊNCIA DO SOCÓ

Uma traíra engoliu o filho do gavião, e o pai foi esperar a traíra na beira do rio para matar. Chegou ali também o socó¹, para pescar, e perguntou para o gavião:

— Você está pescando? Já matou muito peixe?

— Não, eu não estou pescando: estou esperando a traíra para matar, porque engoliu o meu filho.

— Hum, é muito difícil matar uma traíra!... Deixe eu ver a sua flecha de unha.

O gavião mostrou a unha e o socó disse:

— Com essa flechinha de unha, você não mata a traíra, não. Mas deixe comigo! eu mato com minha flecha de bico. Espere aí, que eu vou primeiro a casa buscar fumo e comida para a gente.

Logo o socó voltou e comeu e fumou com o gavião. Depois o socó disse:

— Agora eu vou mostrar para você como a gente faz para matar traíra...

(66:2) Jaguatirica: *yanáhrukāwru* — *Felis pardalis mitis*.

(66:3) Por isso, hoje em dia, a jaguatirica mata os animais pequenos e a onça-pintada, os grandes.

(67:1) Socó: *wanūratasu* — Ardeídeo, indistintamente.

O socó matou um sapo e dependurou por cima do rio, para isca². Depois preparou as suas três flechas e chamou a traíra assim:

<i>Waynaynã...</i>	<i>wāhrududanã...</i>	<i>waytyalu.a</i>
Isca...	é para vir...	grande...

Não demorou muito, chegou uma traíra pequena. O gavião já ia flechando. O socó disse:

— Não é essa. E, além disso, deixe comigo.

Chegou uma traíra maior. O gavião já ia flechando também.

— Ainda não é essa: deixe comigo!

Ao pôr do Sol, chegou uma traíra muito grande e o socó disse:

— É essa aí, mas deixe comigo! E flechou. A traíra morreu na hora. Tiraram fora e o socó disse para o gavião:

— Pode abrir.

O gavião encontrou ainda umas peninhas do seu filho na barriga da traíra e disse, triste:

— Foi essa traíra mesmo que engoliu o meu filho!... E começou a chorar.

O socó ficou com dó do gavião e disse:

— Você pode ficar com minha filha, até esquecer o seu filho.

O gavião levou a filha do socó. Uma lua depois, o gavião encontrou de novo o socó e disse:

— Aqui está sua filha e o pagamento... Eu sei que vou sentir saudade dela, mas vim trazer de volta.

E o gavião foi embora.

68. O APERTO DO TAMANDUÁ-MIRIM

A onça-pintada encontrou o tamanduá-mirim e o tamanduá-mirim ficou com medo. A onça-pintada perguntou para o tamanduá-mirim:

(67:2) Isca: *waynaynã*.

— Que você anda fazendo por aqui?

— Estou caçando e não achei nada também.

— Quando você matar alguma caça, me chame e dê para mim um pedaço.

— E, se você caçar, me chame também e dê para mim um pedaço. Mas antes a gente caga, para ver quem é o melhor caçador de nós dois: o que tiver bosta¹ com pêlo e ossinho de caça é o melhor caçador e come o outro.

Os dois cagaram e só a bosta da onça-pintada tinha pêlo e ossinho de caça. Então, o tamanduá-mirim disse:

— A minha bosta não tem pêlo e ossinho de caça, porque eu não tenho dente e só como fígado: pode olhar aqui na minha boca...

— Se você não tem dente e a barriga da caça é dura, como você pode furar para comer o fígado?

— Agora, sim..., pensou o tamanduá-mirim, e arrepiou mais de medo.

— Isso é desculpa... sua bosta não tem pêlo e ossinho de caça! Eu vou comer você!

— Então está certo, mas vamos fazer assim: você fica naquele lugar, eu passo perto da sua cara e você me pega.

Quando a onça-pintada ia para o lugar, o tamanduá-mirim subiu num pau e entrou num oco que havia lá em cima.

69. O RABO DA JAGUATIRICA

Uma mulher tatuíra¹ foi caçar e deixou o filho no terreiro comendo cupim. A jaguatirica encontrou a mulher tatuíra lá no mato, matou e comeu. Depois a jaguatirica foi à casa da mulher tatuíra e perguntou para o filho dela:

— Onde está a sua mamãe?

— Mamãe foi caçar e até agora não voltou. E imaginou: essa jaguatirica matou minha mãe.

A jaguatirica não parava de olhar o casco do menino.

— Por que você está só olhando o meu casco?

(68:1) Bosta: *astkenusu*.

(69:1) Tatuíra: *nútsu* — *Mutetia hybridum*.

— Porque estou achando muito bonito. Você não quer dar para mim?

— Me deixe amarrar você e eu dou o meu casco.

— Então, está bom!

O menino amarrou toda a jaguatirica e jogou n'água. A jaguatirica ficou afogando e mexendo dentro da água e gritava para o menino:

— Me tire daqui! Assim eu não posso nadar e morro afogada!

— Espere, que eu vou tirar o casco para você!...

— Não, me tire primeiro da água!

E o menino ficou só olhando até a jaguatirica morrer. Depois tirou da água e chamou todos os animais. Cortou a jaguatirica em pedaços e colou com o sangue da jaguatirica um pedaço em cada animal, para fazer o rabo. Na anta colou só um pedacinho².

Caiu uma gotinha de sangue no chão e dessa gotinha nasceram as jaguatiricas de hoje. Agora a jaguatirica só não come carne de cágado e jacaré, porque moram na água e não dá para pegar.

70. A FLAUTA DA PERDIZ

A perdiz estava tocando flauta. O lobinho-do-campo ouviu, achou bonito o toque e foi ouvir de perto a perdiz tocar. Depois que ouviu, disse para a perdiz:

— Você me deixa experimentar a sua flauta?

— Pode experimentar. E entregou a flauta para o lobinho-do-campo.

O lobinho-do-campo pegou a flauta e tocou: *fĩ... fĩ... fĩ...* e correu com ela.

A perdiz saiu atrás do lobinho-do-campo, gritando:

— Me dê a minha flauta! Me dê a minha flauta!

O lobinho-do-campo lá à frente entrou num buraco.

A perdiz chegou à boca do buraco e ficou ali chorando e só escutando lá dentro o lobinho-do-campo tocar: *fĩ... fĩ... fĩ...*

(69:2) Por isso, a anta ficou com o rabo pequeno, até hoje em dia.

O lagarto-do-mato ouviu o choro e foi lá ver quem era. Chegou perto da perdiz e perguntou:

— Por que você está chorando?

— Eu estava tocando a minha flauta. O lobinho-do-campo chegou lá, pegou a minha flauta, correu e entrou nesse buraco.

— Você me espere aqui fora.

O lagarto-do-mato entrou no buraco e perguntou para o lobinho-do-campo:

— Onde você arranjou essa flauta?

— Foi a perdiz que me deu.

— Me dê para eu ver.

— Táí, pode ver. E entregou a flauta para o lagarto-do-mato.

O lagarto-do-mato pegou a flauta, deu na mesma hora uma paulada na cabeça do lobinho-do-campo e correu para fora com a flauta. Entregou para a perdiz, dizendo:

— Aqui está a sua flauta, mas você só deve tocar no tempo da chuva, quando amadurecerem as frutas e eu costumo sair. Você é muito mole e o lobinho-do-campo pode carregar de novo a sua flauta.

71. A FLAUTA DO GRILO

Um dia, o grilo estava tocando a sua flauta de dois gominhos de taquara¹, toda enfeitadinha.

O lobinho-do-campo ouviu, achou bonito o toque e foi ouvir de perto o grilo tocar. Quando o lobinho-do-campo chegou, o grilo escondeu a flauta. O lobinho-do-campo falou:

— Eu escutei o toque bonito de sua flauta e vim aqui ouvir de perto.

— Foi um engano: não era eu que estava tocando, não.

(71:1) Flauta de dois gomos de taquara: *wasĩ.nētu*. “A flauta dupla, parece ter sido trazida do Norte. Deve ser importação de Maués e Mundurucús, com os quais, conforme já se viu, os índios da Serra do Norte têm tido atritos sérios.” (ROQUETTE-PINTO, 1950:309). “Flauta dupla. É formada por 2 tubos de taqnara (sic) presos por fios de tucum, possuindo cada um na parte média, um orifício perfurado a fogo. A luz dos tubos é, ao nível deles, semi-fechada por um pouco de resina. Ambos os tubos são abertos nas extremidades.” (RONDON, s.a. (1910):56).

O lobinho-do-campo foi embora. O grilo tocou de novo e o lobinho-do-campo voltou para ver. O grilo escondeu a flauta e o lobinho-do-campo disse:

— Eu acho que é você mesmo.

— Já disse que não sou eu.

O lobinho-do-campo tornou a ir embora.

O grilo tocou outra vez. O lobinho-do-campo agora voltou escondido, pegou a flauta do grilo e fugiu com ela para casa.

O grilo saiu atrás do lobinho-do-campo, gritando:

— Me dê a minha flauta! Me dê a minha flauta! Chegou à casa do lobinho-do-campo e perguntou para ele:

— Cadê a minha flauta?

O lobinho-do-campo quebrou a flauta e entregou para o grilo. O grilo foi tocar, mas o toque não era bonito como antes².

72. O CANTO DO CUNAUARU

Faz tempo, o cunauaru era gente. Um cunauaru ficou doente e muito magro, mas nunca morria. Um dia, chamou um companheiro e disse:

— Me carregue para um oco de pau e me deixe lá dentro.

O companheiro pegou o cunauaru, botou nas costas e saiu com ele, procurando um oco de pau. Encontrou um e deixou o cunauaru lá dentro. O cunauaru magro cantou: *kwāhru... kwāhru...*¹ e perguntou para o outro:

— Como é, estou cantando grosso e bonito, ou não?

— Você está cantando muito fino e feio.

— Então me leve para outro oco de pau.

No outro oco de pau, o cunauaru magro cantou de novo: *kwāhru... kwāhru...*:

— E, agora, estou cantando fino ou grosso?

— Agora você cantou grosso e bonito.

(71:2) Hoje em dia, a flauta do grilo ficou tocando só assim: *kri... kri...* feio, triste e no meio das palhas da casa.

(72:1) Ainda hoje em dia, a gente escuta o cunauaru cantar: *kwāhru... kwāhru... kwāhru...* no tempo da chuva, como ele disse.

— Então eu vou ficar aqui mesmo! disse o cunauaru.

O companheiro ainda foi buscar água, entregou para o cunauaru e disse:

— Agora eu vou embora.

— Pode ir. No tempo da chuva, eu vou cantar assim: *kwāh-ru... kwāhru...* e você fica sabendo que eu ainda estou morando aqui.

73. O CASAMENTO DA SUCURI COM A SARACURA

A sucuri casou com a saracura¹. Toda noite, o pessoal ouvia a saracura chorar dentro de casa. Um dia, perguntaram para ela:

— Por que você chora toda noite?

— O meu marido deita em cima de mim, enrolando-me e apertando e não me deixa dormir. Eu já estou enjoada disso.

Nesse dia, as moças da aldeia enxergaram uns pêlos de sucuri na pá da saracura.

O pessoal ouviu a saracura chorar só mais uma noite, porque na outra noite a sucuri levou a saracura para dentro do rio.

A mãe da saracura ficou triste e foi até o rio. Escutou o sapo-ferreiro² cantando: *tu... tu...* Chegou perto do sapo-ferreiro e perguntou:

— Você viu onde a sucuri entrou com minha filha no rio?

— Foi aqui mesmo. Você quer, eu canto para chamar a sucuri e matar.

— Eu quero: pode chamar.

O sapo-ferreiro cantou: *tu... tu... tu...*, e a sucuri veio. O sapo-ferreiro bateu com a espada de madeira na cabeça da sucuri e matou. Assaram e comeram todinha.

74. O CASAMENTO E A MORTE DA SUCURI

Faz tempo, sucuri era gente e tinha aldeia dentro da água. Uma sucuri morava numa casa feia, cheia de buraco e nem sustentava mais o fogo aceso dentro.

(73:1) Saracura: *todnkasu* — Aramides saracura.

(73:2) Sapo-ferreiro: *yāuhluiyaretu* — Hyla faber.

Um dia, a sucuri foi a outra aldeia e viu o pessoal fazendo uma casa redonda. A sucuri fez também ali uma casa nova para ela e casou com a maça *Kāwlistu* e não voltou mais para a sua casa feia.

Kāwlistu gostava muito da sucuri, porque, quando iam caçar e encontravam um buraco de tatu, a sucuri não precisava cavocar; entrava direto e tirava o tatu.

Mas, uma noite, a sucuri amarrou a mulher e levou escondida para a sua aldeia, dentro da água, e soltou.

De noite, a mãe de *Kāwlistu* chamou a filha para acender fogo e a filha não respondeu. A mãe acordou os outros filhos e disse:

— A sucuri levou a irmã de vocês para dentro da água.

Os irmãos de *Kāwlistu* foram atrás da sucuri.

Lá muito adiante, encontraram o pouso dos dois e viram que *Kāwlistu* dormiu em cima da sucuri.

Mais adiante, alcançaram os dois. Mataram e comeram a sucuri¹.

Trouxeram a irmã de volta.

75. INAMBU ENGANA A ONÇA-PINTADA

Uma onça-pintada encontrou uma mulher inambu no mato. Esta disse para a onça-pintada:

— Urra aí, para eu ficar sabendo se sua gente é muita.

A onça-pintada urrou bem alto e só uma jaguatirica respondeu.

— Vocês são pouca gente. Agora eu vou gritar...

Respondeu inambu por toda parte.

— Vocês são mesmo muita gente, por isso agora eu posso comer você: não vai fazer falta.

— Isso é você que pensa... Mas eu sei que todos os meus companheiros vão achar falta de mim.

— Assim mesmo eu vou comer você!

(74:1) Por isso, Nambikwára, ainda hoje em dia, como sucuri.

— Está bem, você pode me comer. Mas vamos fazer assim: você levante a cabeça e abra bem a boca, que eu vou voar e cair bem dentro e você vai mastigar e engolir logo.

A onça-pintada levantou a cabeça e escancarou a boca. Quando a mulher inambu passou voando perto da boca da onça o que fez foi cagar dentro: *bu... bu... bu...* E foi embora.

A onça-pintada ficou zangada e triste e não podia fazer nada¹.

76. O MACHADO DO PICA-PAU-DE-CABEÇA-VERMELHA

O pica-pau-de-cabeça-vermelha¹ achou um mel de bojuí². No outro dia, chamou a irara³ para ir tirar o mel.

O pica-pau-de-cabeça-vermelha subiu na árvore. Bateu algumas vezes com seu machado e depois disse para a irara:

— Cunhada, me dê aí o seu machado, porque o meu não está cortando bem.

Quando o pica-pau-de-cabeça-vermelha deu umas pancadas com o machado da irara, viu que ele era bom mesmo. Acabou de tirar o mel e voou com o machado da irara. Ela ainda gritou:

— Ei, pica-pau-de-cabeça-vermelha, não carregue o meu machado!

Mas o pica-pau-de-cabeça-vermelha sumiu com ele⁴.

77. O ROUBO DA COR VERMELHA

A cobra-coral-amarela¹ vivia invejando a cor vermelha da cobra-coral-vermelha².

Um dia, roubou a cor vermelha da cobra-coral-vermelha.

Depois de um tempo, a cobra-coral-amarela foi à casa da cobra-coral-vermelha e a cobra-coral-vermelha perguntou:

(75:1) Por isso, hoje em dia, o inambu caga, quando levanta vôo do chão.

(76:1) Pica-pau-de-cabeça-vermelha: *kanásu* — *Campophilus robustus*.

(76:2) Bojuí — *tetu* — *Trigona* sp.

(76:3) Irara: *utu* — *Tayra barbara*.

(76:4) Por isso, hoje em dia, o pica-pau-de-cabeça-vermelha tem um machado bom e a irara um ruim.

(77:1) Cobra-coral-amarela: *wayadisu* — *Micrurus frontalis*.

(77:2) Cobra-coral-vermelha: *kalanūdisu* — *Micrurus corallinus*.

- O que você está procurando?
- Um pedacinho de carne que deixei aqui.
- Mas vá primeiro um pouco para ali e vire a cabeça para lá.

Quando a cobra-coral-amarela virou a cabeça, a cobra-coral-vermelha viu a sua cor e disse:

- Foi você que roubou a minha cor!
- Tomou de novo a sua cor e ainda hoje está com ela.

78. A RISADA DA SERIEMA

Uma família de seriema tinha três filhos: um moço e duas moças.

Um dia, o moço e as duas irmãs começaram a brincar de amarrar as canelas com cipó-embê¹. A mãe ralhou com as filhas:

— Não estraguem esse cipó-embê, que é para o irmão de vocês fazer flecha com ele.

Então as duas moças foram brincar escondidas num lugar limpo do campo, dando risada: *há... há... há...*

Depois foram a casa e disseram para a mãe:

— No campo é muito bom de brincar. A gente vai voltar para lá e ficar brincando. Você pode ficar aqui em casa².

79. A GORDURA DA CAÇA

Um dia, a onça-pintada e a mariposa¹ foram caçar e mataram um veado. A onça-pintada falou para a mariposa:

— Agora você vai buscar fogo para a gente assar o veado.

Quando a mariposa saiu, a onça-pintada comeu toda a gordura do veado e deixou só a carne para a mariposa.

Era sempre assim.

Uma vez, a onça-pintada foi caçar com o beija-flor e mataram uma caça. A onça-pintada falou para o beija-flor:

(78:1) Cipó-embê: *kasésu* — *Philodendron imbe*.

(78:2) Por isso, ainda hoje em dia, a gente ouve a seriema achar graça, brincando no campo: *há... há... há...*

(79:1) Mariposa: *yanáhrusikwali.kwalisu* — Lepidóptero heterótero.

— Agora você vai buscar fogo para a gente assar a carne.

Quando o beija-flor saiu, a onça-pintada começou a comer a gordura, mas, antes de acabar, o beija-flor chegou. A onça-pintada disse:

— Mas você voltou muito depressa: a mariposa não era assim...

Daí para diante, a onça-pintada não quis mais caçar com o beija-flor e ficou caçando só com a mariposa².

VARIANTE:

O pessoal matou uma caça, trouxe e disse para o percevejo-do-mato:

— Agora você reparte.

O percevejo-do-mato disse para a mariposa:

— Então você vai apanhar fogo para a gente assar a carne.

Quando a mariposa saiu, o percevejo-do mato comeu toda a gordura da caça e deixou só a carne para a mariposa.

Era sempre assim.

Um dia, a mariposa contou para o beija-flor o que acontecia com ela.

— Na outra vez, você deixe que eu vou buscar o fogo, disse o beija-flor.

No outro dia, o pessoal matou uma caça, trouxe e disse para o percevejo-do-mato:

— Agora você reparte.

O percevejo-do-mato disse para a mariposa:

— Então vá apanhar fogo para a gente assar a carne.

— Hoje sou eu que busco o fogo, disse o beija-flor e saiu.

O percevejo-do-mato começou a comer a gordura da caça. O beija-flor chegou a uma casa onde havia fogo, ficou voando por cima do fogo, desceu, pegou o fogo e voltou bem depressa. Viu o percevejo-do-mato comendo a gordura da caça e disse:

— É assim que você faz?!... E xingou muito o percevejo-do-mato.

(79:2) Por isso, hoje em dia, o nome da onça-pintada é *yanáhru* e o da mariposa *yanáhrusikwali.kwalisu*. Por isso também, a mariposa sempre voa perto do fogo, de noite.

80. COBRA-DE-DUAS-CABEÇAS NÃO TEM RABO

A cobra-de-duas-cabeças disse para o filho:

— Vá à outra aldeia arranjar uma menina para você casar. Mas precisa ser bem pequena.

O filho foi e trouxe uma menina já grandinha. O pai disse:

— Eu falei para você arranjar uma menina bem pequena. Deixe essa grandinha comigo e vá arranjar outra menor.

O filho trouxe uma menina menor. O pai disse:

— Essa ainda é grande. Deixe aqui comigo e vá arranjar uma menina menor ainda.

O filho trouxe uma menininha bem pequena. O pai disse:

— Essa ainda é grande. Deixe comigo e vá arranjar outra menor ainda.

Agora o filho zangou e cortou o rabo do pai¹.

81. A MORTE DA COBRA-DE-DUAS-CABEÇAS

A cobra-de-duas-cabeças vivia querendo comer o homem *Tehlalusu*. A cobrinha-do-chão¹ falou para *Tehlalusu*:

— A cobra-de-duas-cabeças vive querendo comer você. Você precisa matar a ela primeiro, mas tora o rabo dela e não a cabeça.

Tehlalusu foi procurar a cobra-de-duas-cabeças para matar. Encontrou na hora de ela entrar num buraco de saúva e cortou o rabo.

Ela ainda saiu do buraco, foi andando pelo carreiro da saúva e entrou em outro buraco², mas nessa hora morreu.

82. O PEDREIRO VALENTE

Naquele tempo, o pedreiro era gente. Uma turma de pedreiro foi a uma cabeceira e encontrou um pedreiro inimigo e valente.

(80:1) Por isso, hoje em dia, a cobra-de-duas-cabeças não tem rabo.

(81:1) Cobrinha-do-chão: *yū.nūkatasu* — *Glauconia albifrons*.

(81:2) Por isso, hoje em dia, a cobra-de-duas-cabeças anda no carreiro da saúva e a saúva não faz nada com ela, porque a cobra-de-duas-cabeças é a Mãe da saúva.

A turma de pedreiro foi jogando muita flecha no inimigo. Mas as flechas iam pegando só no cabelo e ficando enganchadas.

Quando as flechas da turma acabaram, o pedreiro inimigo começou a flechar a turma e muita gente.

Nunca mais apareceu pedreiro.

Então o valente pensou: — Deve ter acontecido alguma coisa.

83. O PEDREIRO-DO-MATO E DO CAMPO

O pedreiro era gente. O pedreiro-do-mato¹ era muito valente e vivia atacando o pedreiro-do-campo. O pedreiro-do-campo disse para o pedreiro-do-mato:

— Você é muito mais valente, maior e bonito do que eu, por isso, não dá de a gente viver junto. Você fique aí no mato e eu vou para o campo. Quando o pessoal me achar, pode matar e comer².

84. O FIM DO MARIMBONDÃO

Um pajé estava caçando e escutou um barulho igual a um sopro numa cabaça. Foi ver quem era.

Era uma casa muito grande do marimbondão¹. O marimbondão deu atrás do pajé. O pajé correu até cansar. Aí mergulhou n'água, saiu muito embaixo e escapou do marimbondão.



VARIANTE: o pajé entrou no buraco de um tatu, saiu lá do outro lado e escapou do marimbondão.



Em casa, avisou os outros pajés. Então foram todos eles e queimaram o marimbondão².

(83:1) Pedreiro-do-mato: *dukaluhru.yāwhru*.

(83:2) Por isso, hoje em dia, é muito difícil a gente achar o pedreiro-do-mato. O pedreiro-do-campo é fácil de achar e a gente mata e come.

(84:1) Marimbondão: *hahalāwsuihalāwhrutasu*.

(84:2) Se os pajés não tivessem acabado com esse marimbondão, hoje em dia, era um perigo.

85. O CARRAPATO SEM BUNDA

O carrapato-do-mato era gente. Um tinha bunda e outro não. O que tinha bunda matava caça, deixava secar a carne no jirau, comia e depois cagava e mijava. O que não tinha bunda, matava caça, cozinhava a carne, bebia o caldo e depois só mijava.

Um dia, o que não tinha, quando bebia caldo de carne, ouviu o que tinha bunda dar um peido. O sem bunda perguntou:

— Como é que você fala dos dois lados?

— Eu tenho uma boca para falar e comer e a bunda para cagar. Você não é assim também?

— Não, eu não tenho bunda para cagar.

— Pois, se você quiser, eu faço uma em você.

— Eu quero: pode fazer.

O de bunda pegou um pau, fez uma ponta e chuchou de uma vez e com muita força no traseiro do outro. O pau chegou até o coração e o outro morreu.

O de bunda ficou triste e pensando: — E, agora, vou enterrar ou jogar fora?

Por fim, jogou fora.

86. O TRANÇADO DO XIRE

O tatu-galinha estava fazendo um xire e o tatu-peludo olhando de lado. O tatu-galinha fez um bom pedaço e o tatu-peludo pediu para acabar de fazer.

O tatu-galinha deu e virou o rosto para o outro lado. Quando foi ver, o trançado estava diferente.

Então o tatu-galinha pegou o xire e continuou fazendo do seu jeito até o fim¹.

87. O MUTUM E A SERIEMA

O mutum e a seriema trocaram de penas, menos as penas do rabo. Trocaram também de lugar: a seriema foi para o mato e o

(86:1) Hoje em dia, o xire embaixo é como o casco grande do tatu-galinha; no meio, é como o casco pequeno e redondinho do tatu-peludo; em cima, é de novo como embaixo.

mutum para o campo. Antes de sair, o mutum falou para a seriema:

— Quando estiver perto de cair a primeira chuva, você gema como eu fazia.

— Tá certo.

Mas muito tempo antes de cair a primeira chuva, a seriema gemeu. O mutum ficou esperando chover, e... nada. Então o mutum disse zangado para a seriema:

— Vamos fazer tudo como era antes: eu com as minhas penas e você com as suas; eu no mato e você no campo.

E cada um ficou com suas penas e no seu lugar.

88. A BRINCADEIRA DA ONÇA-PINTADA E DA ANTA

A onça-pintada disse para a anta:

— Faça de conta que você é onça-pintada e eu sou anta. Aí você venha e pule em cima de mim.

— Está bom, disse a anta, e pulou em cima da onça-pintada.

Mas a onça-pintada viu que aquela brincadeira não ia dar certo. Então parou de fazer de conta e matou a anta.

89. O CASAMENTO DA LONTRA

A lontra¹ casou com a ariranha. O sogro da lontra deu umas flechas para o genro e disse:

— Olhe aí, para você matar peixe.

Mas o genro só dava para o sogro os peixes pequenos.

Então o sogro zangou, tomou a filha, as flechas e ainda trancou o pesqueiro do genro².

90. ORIGEM DAS NEBULOSAS

Era uma mulher e um filho já moço. Um dia, de manhã, ficaram com vontade de comer carne com beiju. Então a mãe foi

(89:1) Lontra: *nayzu* — Lutra paranensis.

(89:2) É por isso que, hoje em dia, a lontra só pega peixe pequeno, enquanto que a ariranha pega muito peixe grande e come.

buscar massa de mandioca-brava em outra aldeia e o moço saiu para caçar.

De tardezinha, o moço voltou com sapo, tatu-bola e tatu-peludo. A mãe não voltou.

De noite, ficou quente. Então o moço deitou fora no chão, com o rosto para cima e ficou olhando as estrelas¹ e pensando: — Eu vivo sozinho, não tenho ninguém... Se aquelas duas moças estrelas fossem minhas mulheres!...

As duas moças estrelas cuspiram na barriga do moço, mas ele nem ligou.

No outro dia, as duas moças estrelas chegaram à aldeia e falaram para o moço:

— Ontem de noite, você falou que queria a gente para suas mulheres e por isso nós vimos aqui.

— Mas eu pensei que vocês não vinham...

— A nossa casa já está pronta lá em cima.

— Vocês estão brincando comigo!

— Verdade mesmo: vamos!

— Mamãe foi ontem buscar massa de mandioca-brava e não voltou ainda e eu não posso ir sem falar com ela. Por isso, vocês voltem depois.

— A gente já falou com sua mãe e ela disse que você podia ir.

— Se é assim, vamos!

A mãe vinha perto e escutou a conversa, mas, quando chegou, o filho já tinha ido.

Os três chegaram lá em cima e foram direto para a casa das duas moças estrelas. Os irmãos delas estavam jogando bola no terreiro e os três dentro de casa morriam de achar graça.

Os irmãos das moças estrelas ouviram as risadas e foram ver por que era.

— Por que vocês estão achando graça?

— É que esse moço quer fazer uma bola e não sabe.

— Mas não é porque ele vai ser cunhado da gente?

(90:1) Estrela: *hikadasu*.

— Não, não é!

— Ora não... E ele já pode vir jogar bola com a gente...

— Jogar bola, não.

— Por que não?

Porque vocês já mataram e comeram os outros moços que a gente arranjou.

— Mas esse a gente não vai matar.

— Vocês garantem?

— A gente garante.

— Então ele pode ir.

No jogo, um irmão da moça estrela deu uma cabeçada com muita força e a bola foi bater no joelho do moço e ele morreu.

★ ★ ★

VARIANTE: Quando a bola bateu na testa do moço, ele morreu.

★ ★ ★

Os irmãos das moças estrelas cozinham o moço e comem.

As duas moças estrelas passaram a noite chorando e dizendo:

— Sempre que a gente arranja um moço, esses nossos irmãos matam e comem... E agora o que vamos fazer?

No outro dia, as duas pegaram um xire e uma cabaça e foram saindo. Um irmão perguntou:

— Aonde vocês vão?

— Andar à toa por aí.

Lá longe, no campo, as duas moças estrelas fizeram um limpo, encheram uns xires de coco de tucum-do-campo², de fruta de pau-de-tucano³ e casca de perobinha-do-campo⁴. Amontoaram

(90:2) Coco de tucum-do-campo: *ayókisu*. Amadurece em novembro.

(90:3) Fruta de pau-de-tucano: *yadali.yukisu* — *Vochisia tucanorum*.

(90:4) Perobinha-do-campo: *wawkwatu* — *Aspidosperma tomentosum*.

tudo no limpo, cuspiram e sopraram em cima. O coco de tucumdo-campo foi estralando e virando o corpo de porco-queixada; a casca da perobinha-do-campo, o couro; a fruta de pau-de-tucano, o pé. Formou uma grande manada de porco-queixada.

As moças estrelas saíram, tocando a manada e cantando:

Da.wāyneta, durã... hũ... hũ... hũ...

Moça, roncando... *hũ... hũ... hũ...*

Yakatakayrã, walikarera.a...

Porco-queixada e caititu, manada...

As moças estrelas chegaram correndo a casa e contaram para os irmãos:

— A gente viu uma grande manada de porco-queixada no campo: vão lá matar!

Os irmãos pegaram flecha e arco e saíram correndo para procurar a manada de porco-queixada. Mas os irmãos se perderam todos por lá mesmo e morreram.

As moças estrelas falaram para umas mulheres:

— Vão buscar lenha para assar a carne de porco-queixada, quando os nossos irmãos trouxerem. E, para outras mulheres:

— E vocês vão buscar água para cozinhar a carne.

Quando uma mulher estava apanhando lenha, bateu um pau nela e morreu. Outra, quando foi fazer o fogo, queimou e morreu. O machado de pedra bateu no pé de outra e morreu. Outra, quando ia acender o fogo, bateu um pau no olho dela e morreu. Outra, quando foi buscar água, fincou um espinho no pé e morreu. Outra, quando voltava correndo com água, caiu, inchou o pescoço e morreu. Outra, o cachorro mordeu e ela morreu. Outras foram encontrar os caçadores, bateram nos tocos⁵ e morreram. Uma moça gritou alto no ouvido⁶ de uma criança: — Vai embora! E a criança morreu de susto⁷. Quando as outras crianças estavam brincando, caíram umas por cima das outras e morreram todas⁸.

(90:5) Toco: *hinékisuihixidūzu*.

(90:6) Ouvido: *anenētu*.

(90:7) Quando uma pessoa assusta a outra, a que levou o susto fica doente e só quem pode curar é a pessoa que assustou. Para curar, esfrega o cotovelo no braço da pessoa que levou o susto e depois estica com força o braço. O cotovelo dá um estalo e cura.

(90:8) A Via-látea (*St. awayrēsu*) é o sinal dos moços, das mulheres e das crianças que morreram.

No fim, apenas ficaram as duas moças estrelas e de noite ouviam só o canto do urutau. E pensaram: — Somos novas ainda: como é que vamos viver sozinhas?!... Vamos cair n'água para a gente afogar, ou vamos procurar uma cobra para morder a gente?! Vamos fazer um fogo para a gente se jogar dentro, ou vamos pular dentro de um buraco?!... Como vamos fazer?!... Como vamos fazer?

Então a mais velha disse⁹:

— Vamos fazer um fogo num buraco debaixo de uma árvore e, quando criar muita brasa, a gente se joga de lá de cima dentro do fogo e morre.

— Está bem! disse a mais nova¹⁰.

Quando estava tudo pronto, a mais velha disse:

— Você suba e pule primeiro.

— Não, vá você primeiro.

— Vou mesmo! disse a mais velha. E subiu e saltou dentro do fogo¹¹.

A mais nova ainda ajuntou melhor o fogo em cima da irmã e pensou: — Eu vou ficar sozinha?... eu não! Subiu na árvore e saltou também dentro do fogo¹².

91. O HOMEM FAZIA O TROVÃO

Um homem foi viajar longe. Quando ia passando por um morro baixo e comprido, viu uma casa e foi para lá. Mais adiante, viu relâmpago¹ e escutou trovão.

(90:9) Irmã mais velha: *da.wāynā* (= minha irmã mais velha).

(90:10) Irmã mais nova: *da.wāyra* (= minha irmã mais nova).

(90:11) A nebulosa (*wādiketū*) maior que a gente vê, hoje em dia, no céu, é o sinal da fumaça da irmã mais velha.

(90:12) A nebulosa menor que a gente vê, hoje em dia, no céu, é o sinal da fumaça da irmã mais nova. Um informante diz que a nebulosa maior de hoje é o sinal da parte mais queimada do corpo da irmã mais nova e o Saco-de-carvão de hoje é o sinal da parte menos queimada.

(91:1) Relâmpago: *watúkezu*. Apenas no grupo nambikwára do rio Galera fomos informados de que o relâmpago é um espírito mau. Quando relampeja, o homem não pode copular com a mulher, porque senão o relâmpago poderá vir copular também e nascer um espírito mau... "Feio!" disse o índio. Cuidam nas horas de relâmpago que as mulheres nem sequer fiquem deitadas, para evitar qualquer perigo nesse sentido.

Chegou à casa e encontrou uma família com um casal de criança. Viu muito pequi-do-campo² plantado e disse para o dono da casa:

— Você não me arranja um pouco de pequi-do-campo?

— Não, não posso dar nem a semente³, mas você pode beber toda a chicha de pequi-do-campo⁴ que quiser.

O homem escutou agora o trovão mais perto e assustou.

— Não tenha medo! Esse trovão sou eu que faço: você pode espiar... E mostrou uma tábua dependurada no vão da porta com dois fios de algodão: um amarrado no meio da tábua e o outro na ponta. O vento batia na tábua e fazia um barulho, igual ao trovão do começo do tempo da seca.

De noite, o homem cantou assim:

Aretasu...

yawptinani...

Pé de pequi-do-mato....⁵ deu flor e amadureceu...

Depois do canto foi dormir; mas, bem de noitão, levantou e ia fugindo. O dono do trovão falou:

— Não vá embora, está escuro! Vá dormir!

Mas o homem continuou fugindo. Então o dono do trovão pegou uma espada de madeira grande e fez uma brecha na casa com ela. Depois encostou duas vezes a ponta de uma flecha na tábua e parou o trovão. O dono do trovão disse:

— Pode voltar, não tenha medo: parou o trovão!...

— Não, eu já vou e aqui não volto mais!

92. O REDEMOINHO LEVA A VOVÓ

Uma avó foi fazer uma viagem com seus netinhos. Lá no caminho, a avó encontrou uns paus secos e parou para fazer lenha.

— Deixe, vovó, ainda é cedo para apanhar lenha. Vamos embora!

(91:2) Pequi-do-campo: áhru. T.M. *wawasuiakilisu* — *Caryocar brasiliensis*. O pequi-do-campo amadurece em novembro e dezembro.

(91:3) Semente de pequi-do-campo: *arekisu*.

(91:4) Chicha de pequi-do-campo: *arawzu*.

(91:5) O pequi-do-mato amadurece em janeiro.

Mas a vovó ia sempre parando atrás para ajuntar lenha. Então os netinhos deixaram a vovó, seguiram e foram parar só no lugar de pouso.

Como a avó estava custando para chegar, os netinhos voltaram para encontrar com ela.

Quando iam chegando perto da avó, viram um redemoinho rodeando a ela. Chamaram a avó e ela ainda respondeu.

O redemoinho levou a avó com a cabeça para baixo e deixou longe, numa sucupira-preta¹ muito alta. Ali chupou a velha e deixou só os cabelos e o couro enganchados na sucupira-preta.

Quando o redemoinho passou, os netinhos chegaram aonde a avó estava antes e não viram mais. Então foram no rasto do redemoinho, chegaram à sucupira-preta, viram só os cabelos e o couro da avó e voltaram.

Depois juntou muita mamangava-vermelha para lamber o couro da velha, fazendo barulho².

93. A FILHA DO RAI0

Quando o raio bate num pau e não racha e fica só preto, o raio deixa a sua filha ali debaixo.

Todo o mundo que passar por ali e vir a menina, tem de dar para ela todo o mel¹ que tem na cabaça. Se uma pessoa passar e não der o mel, quando o pai vem, a menina conta quem foi que passou e não deu o mel.

O pai vai e mata.

94. A ORIGEM DA MANCHA DA LUA

Uma moça vivia sozinha em casa. A Lua chegava e mexia com a moça, mas de longe, sem entrar na casa.

Um dia, a moça apareceu grávida, mas ela nunca via ninguém entrar na casa dela e queria descobrir quem mexia com ela.

(92:1) Sucupira-preta: *kúnekisu* — *Bowdichia virgilioides*.

(92:2) Hoje em dia, o barulho da mamangava-vermelha na sucupira-preta é o sinal daquele barulho.

(93:1) Mel: *dusu*.

A moça tirou leite de soveira¹, misturou com areia e carvão, deixou numa cuiazinha e, de noite, ficou esperando, fazendo que estava dormindo.

Mais tarde da noite, chegou a Lua e a moça viu que era a Lua quem mexia com ela e a moça pensou: — Espera um pouco!... pegou a cuia e jogou na cara da Lua.

Então a Lua saiu lambuzada e foi embora².

No outro dia, de tardezinha, a moça disse para a Lua:

— Você não quer me ajudar a botar fogo no campo?

— Não posso, porque estou com dor nos olhos. E começou a subir num pau de tiborna³. Mas ainda disse:

— Ponha fogo: quando a roda do fogo for fechando, aí eu ajudo.

Do último galho da tiborna, continuou subindo e logo já chegou em cima e ficou folgada, mas lambuzada.

95. AS ESTRELAS QUERIAM LEVAR O MOÇO

Um homem foi caçar e deixou em casa sua mulher com o filho moço. A mãe disse para o filho:

— Você fique aqui, que eu vou buscar lenha para fazer chicha. E mostrou o rumo aonde ia.

A mãe voltou com a lenha e ficou fazendo a chicha fora da casa. Ouviu uma risada de moça lá em cima e a risada vinha descendo.

Eram quatro moças estrelas. As moças estrelas entraram dentro de casa, puseram uma espécie de rede¹ no chão e mandaram o moço deitar dentro. Duas moças estrelas sentaram no lado da cabeça e duas no lado do pé. Pegaram a espécie de rede e foram levando para cima com o moço deitado dentro.

A mãe, prestando atenção na chicha, só viu as moças estrelas, quando já iam subindo com o filho.

(94:1) Soveira: *ūrekatu* — *Brosimum galactodendron*.

(94:2) Hoje em dia, a mancha da Lua é o sinal daquele leite de soveira misturado com areia e carvão.

(94:3) Tiborna: *irakatu* — *Plumeria drastica*.

(95:1) Rede: *sawehru*. Nambikwára não usa rede.

Nessa hora, chegou o marido da caçada. O marido pulou, pegou a rede e foi puxando devagarzinho para o chão. Depois bateu com um pau nas moças estrelas.

Elas soltaram o moço e subiram, tristes.

96. A ORIGEM DO TEMPO DA CHUVA

A lavandeira¹, que mora nas árvores da cabeceira de cima, era a encarregada de *Dà.wāsũnũsu* de fazer chover. Descia da árvore e espanava com os pezinhos, sem parar, a água da lagoa, para cair na terra.

Mas assim era ruim, porque o Nambikwára não podia caçar nem ver o rasto da caça; a derrubada não secava para plantar mandioca; fazia sempre frio. Foi indo, morreram todos os Nambikwára e ficou só um velho.

O velho queria subir pelas raízes da figueira-silvestre de cima para ensinar à lavandeira o tempo certo de fazer chover, mas não via as raízes.

Então umas almas jogaram um cipó fino e forte de lá de cima e disseram para o velho:

— Segure na ponta deste cipó, feche os olhos e não mexa.

Assim as almas puxaram o velho até em cima. Foi de noite, porque de dia era muito quente.

Lá em cima, uma alma disse para o velho:

— Lá vai falar diretamente com a lavandeira e não pode falar com o gavião da figueira-silvestre, porque ele é muito brabo.

O velho disse para a lavandeira:

— Quando o capim tiver florzinha nova, você não deve fazer chover, porque nesse tempo Nambikwára faz a roça, e a abelha o mel; quando der trovão e a cigarra cantar², você faz chover.

— Agora eu vou fazer como você está me dizendo, disse a lavandeira³.

(96:1) Lavandeira: *matĩĩsu* — Libelulídeo. A lavandeira mora na figueira-silvestre de cima e nas outras duas árvores da cabeceira de cima.

(96:2) A cigarra canta em outubro, no começo do tempo das chuvas.

(96:3) Por isso, hoje em dia, há o tempo da chuva e o tempo da seca.

97. A ORIGEM DA VÁRZEA

Os homens queriam matar uma jibóia-vermelha¹, mas ela entrou dentro de um sujeirão de brejo e agora não havia jeito de matar. Um homem disse:

— Vamos tocar fogo nesse sujeirão: só assim a gente mata essa jibóia-vermelha.

Tocaram fogo: o sujeirão e os paus queimaram todos, menos os pés de buriti.

A jibóia-vermelha escapou, mas ficou no lugar uma várzea muito grande, cheia de pé de buriti².

98. A FRUTA HOJE TEM TEMPO

No tempo dos primeiros pajés, as crianças queimaram a unha do dedão do pé de um velho. Agora, quando o velho mexia, o pé, as crianças achavam muita graça.

Um dia, de tardezinha, o velho pegou um xirinho e saiu. A criançada ficou esperando o velho. Não demorou, ele chegou com o xirinho cheio de jabuticaba-do-cerrado¹, mangaba, marmelada-do-chapadão² e outras frutas. As crianças comeram e depois o velho disse:

— Vocês também podem apanhar essas frutas.

As crianças saíram e voltaram, dizendo:

— A gente não achou nada!...

— Vocês devem seguir o meu rasto!

As crianças foram agora pelo rasto do velho e voltaram, dizendo:

— Mesmo indo pelo seu rasto, a gente não achou nada!...

— Mas como é que vocês não acharam? Tem tanta fruta lá...

— Por que você não vai também?

(97:1) Jibóia-vermelha: *eróysu* — *Epicrates cenchrus*.

(97:2) Por isso, hoje em dia, existem várzeas, cheias de pé de buriti.

(98:1) Jabuticaba-do-cerrado: *alúhnisu* — *Mouriria pusa*. Amadurece em outubro.

(98:2) Marmelada-do-chapadão: *tāwhru* — *Thieleodoxa* sp. Amadurece em agosto.

O velho foi, as crianças segurando no braço dele e cada uma levando um xirinho. Chegaram ao lugar das frutas e as crianças não viram fruta nenhuma. O velho disse para as crianças:

— Eu vou sacudir este pé de jabuticaba-do-cerrado e vocês fiquem debaixo dos galhos e aparem com os xirinhos.

O velho sacudiu e caiu aquele monte de jabuticaba-do-cerrado.

A criançada achava engraçado: — Como que a gente não vê a jabuticaba-do-cerrado no galho e ela cai!... e achavam graça do velho e ele nem desconfiava.

Uma hora, dois meninos viram as jabuticabas-do-cerrado. Então um deles subiu num pé de jabuticaba-do-cerrado e o outro ficou debaixo para apara com o xirinho.

Caiu só uma jabuticaba-do-cerrado. O menino de baixo gritou:

— Caiu uma!

O outro menino desceu e os dois comeram logo.

Depois os dois subiram e sacudiram os galhos e não caiu mais nenhuma jabuticaba-do-cerrado, por mais que sacudissem.

Então o velho disse para os dois:

— Vocês dois fiquem aí em cima do pé de jabuticaba-do-cerrado. Agora não há mais fruta nenhuma.

Os dois meninos ficaram em cima do pé de jabuticaba-do-cerrado e o velho voltou com as outras crianças para casa.

No outro dia, o velho foi buscar fruta de novo e voltou com o xire cheio. As crianças falaram:

— Mas, vovô, como é que nós nunca vemos essas frutas no pé?! Ainda ficou muita?

— Deixem, que amanhã vocês vão apanhar muita.

Na verdade, no outro dia as crianças apanharam muita fruta e o velho mandou fazer muita chicha de fruta.

Então um menino disse para o velho:

— Vamos cantar para os dois meninos que ficaram na árvore?

— Vamos! disse o velho. Mas nem o velho nem as crianças sabiam cantar direito. Mas o velho ainda cantou assim:

Kayayali ayteray kayakakarunã
kayayali ayteray... há... há... há...

Depois do canto, beberam chicha até o amanhecer. De manhã, as crianças foram buscar fruta e agora de novo não acharam mais nada.

Se os dois meninos não tivessem comido logo a jabuticabado-cerrado, as crianças teriam achado muita fruta e, hoje em dia, dava em todo o tempo para a gente comer. Mas agora cada fruta tem o seu tempo próprio.

99. NAMBIKWÁRA COMEÇA A COMER PEQUI-DO-CAMPO

Antigamente, Nambikwára não comia pequi-do-campo, porque dizia que ficava tonto e morria. E as mães sempre ensinavam para as crianças:

— Vocês não podem comer pequi-do-campo, senão ficam tontas e morrem.

No tempo de pequi-do-campo, sempre as crianças saíam, escondidas, para roer pequi-do-campo e nunca faziam massa.

Num tempo de muito pequi-do-campo, uma mãe foi buscar lenha no campo e viu as suas crianças comendo pequi.

— O que vocês estão roendo aí?

— Nós estamos roendo pequi-do-campo, mamãe!

— Eu já falei que não era para vocês comerem dessa fruta!

— Não, mamãe, não faz mal: todo o tempo de pequi-do-campo a gente rói e não morreu e nem sentiu tontura... Quer roer também? Olhe como é gostoso!...

A mãe roeu um pouquinho de um caroço...

— Tá vendo, mamãe, como você não ficou tonta? Roa mais!...

Depois a mãe fez chicha de pequi-do-campo e bebeu com as crianças. Daí, todos da aldeia comeram e beberam.

Então foram logo avisar nas outras aldeias que o pequi-do-campo era gostoso e não fazia mal¹.

(99:1) Hoje em dia, Nambikwára come pequi-do-campo e gosta

100. A MOÇA DA FIGUEIRA-SILVESTRE

Um homem estava roçando para depois fazer uma derrubada e chegou debaixo de uma figueira-silvestre¹. Apareceu uma moça muito bonita e disse:

— Na hora da derrubada, não corte essa figueira-silvestre: deixe para sombra, quando o pessoal for plantar.

O homem não derrubou a figueira-silvestre.

Um dia, o homem quis ver o que acontecia, se cortasse a figueira-silvestre. Foi à derrubada, cortou um pouco e voltou para casa.

A moça foi depois à derrubada, juntou os cavacos da figueira-silvestre e começou a chorar neles:

Halu... halu... halu... halu...
 Figueira-silvestre... figueira-silvestre...

Depois colocou de novo os cavacos no lugar, entrou na figueira-silvestre e ficou lá dentro.

Aquela moça ficou com o nome de *Halu-halu.tákulusu*².

101. NAMBIKWÁRA NÃO COME CASTANHA DE CAJU-DO-MATO

A anta era gente. Uma anta tinha uma criancinha nos braços e estava grávida de outra. Não podia cuidar da criancinha, porque estava grávida.

Queria que os outros dessem castanha de caju-do-mato¹ para a sua criancinha. Mas não davam.

A criancinha pedia castanha de caju-do-mato para a tia, irmã da anta, mas a tia também não dava, porque estava menstruada.

(100:1)Figueira-silvestre: *halu.halu* — *Ficus* sp.

(100:2)Ainda hoje, quando a figueira-silvestre range: *trĩ... trĩ... trĩ...* é o sinal do choro daquela moça.

(101:1)Castanha de caju-do-mato: *érekisu*.

Então a anta pensou zangada: — Agora eu quero ver se vocês também vão comer castanha de caju-do-mato!... Foi a um monte de castanha de caju-do-mato dos outros, mijou e cuspiu em cima.

Quando os outros foram comer, tinham o gosto estragado².

(101:2)Por causa disso, Nambikwára não come, até hoje, castanha de caju-do-mato.

VOCABULÁRIO DO TEXTO

— A —

- Ahákanusu* — mãe
Ahakanusu — madrasta
Ahánedisu — gordura
Aháynusu — tia
Ahaysu — ventre
Ahēkatu — caibro
Ahíhru — fígado
Ahíkisu — mão
Áhozu — brasa
Ahru — tatu-galinha
Áhru — pequi-do-campo
Ahūhra.áykisu — pato
Akadidātsu — joelho
Akāynusu — polvilho
Akayosu — vagina
Aku.sakisu — coração
Alaatekisu — arara-vermelha
Aladndesu — dia
Aláysu — macaco-preguiça
Alodnzu — irmão
Alo.ihnusu — corda de tucum-do-campo
Alúhnisu — jabuticaba-do-cerrado
Alukegnkisu — perdiz
Alukuyhru — taquarinha de haste de flecha
Alukuy.ne.ĩtu — borboleta-branca
Alukuyrakyawsu — rio Juína
Alũ.lahatasu — espírito mau
Alupyarosus — cigarra-grande
Alútu — tatu-bola
Alūzu — anta
Alwākalay.tihnusu — cipó-escada
Ánātu — folha de mandioca

Anaysu — marimbondo-xire
Aneka.arāwtu — miolo da cabeça
Anekisu — asa
Ánekisu — cabeça
Anekūkisu — coxa
Anenētū — ouvido
Anēnyawsu — chifre
Anūkisu — braço
Anūsū — Nambikwára (autodeterminação)
Anuzu — massa de pequi
Aótisu — filhote de marimbondo
Arawzu — chicha de pequi
Arekisu — semente de pequi
Aretasu — pé de pequi-do-mato
Asadékaylisu — urucu-amarelo
Asáneru — genro
Asasu — pênis
Asednsu — rasto
Ase.tesu — cunhada
Asīkenesu — bosta
Asíkuru — traseira
Asītu — nora
Asi.wehru — rabo
Asu — arapuã
Asúkisu — cunhado
Asū.nūsū — tio
Asū.nūsū — sogro
Atáhehalisu — omoplata, pá
Atásakatu — espinhaço
Atasu — espírito mau (indistintamente)
Atírikisu — sogra
Átisu — barriga
Átisu — enxu
Awahru — lombriga
Awānēdu — focinho do tamanduá-bandeira
Awanetu — nariz
Awarorodesu — pulmão
Awetū — pêlo
Āwhru — papagaio (indistintamente)
Awísu — dente

Ayāwkadisu — sombra pequena
Āydnātasu — espírito mau
Āydnātasu — traíra
Ayedisu — favo de mel
Ayednsu — olho
Ayehru — fel
Ayésu — pescoço
Ayetahru — cera
Ayetarosu — garganta
Ayetu — ninho
Aykaētu — pena
Áyquisu — passarinho
Ayno.leetisu — camaleão-pequeno
Ayohehru — língua
Ayokasisu — saliva
Ayokatyukatasu — bucho
Ayokisu — tripa
Ayókisu — coco de tucum-do-campo
Ayokwahru — espuma de mandioca-brava
Ayosu — boca
Ayowetu — barba
Ayowetu — barba de milho
Ayúkisu — pé

— D —

Dáhlisu — pedra
Da.sawítu — meu neto
Da.wādisu — sangue
Da.wāhikatu — meu dedo
Da.wāhitarakisu — minha unha
Da.wākarakisu — meu ombro
Da.wākudntu — minha testa
Da.wanekasarētu — meu sovaco, axila
Da.wānekisu — minha perna
Dā.wānekītu — meu cabelo
Da.wānenētu — minha orelha
Da.wānesusu — meu fêmur
Da.wānitu — minha costela
Da.wānukatūtzu — meu cotovelo
Da.wānusu — minha nuca

- Da.wāsūnūsū* — ente superior
Da.wāsuyatarakatu — minha canela, tibia
Da.wāwahru — minha pele
Da.wāyarekisu — meu testículo
Da.wāynā — minha irmã mais velha
Da.wā.yāwkadisu — minha alma
Da.wāyedndisu — meu rosto
Da.wāyenādisu — minha remela
Da.wāyesusuida.wāyewetu — minha sobrancelha
Da.wāyra — minha irmã mais nova
Da.wētū — meu filho
Dawtatasu — gavião da figueira-silvestre de cima — Q.
Dawtatasu — apacamim
Díhatasu — sucuri
Díhru — aleluia
Díkilisu — tamanduá-bandeira
Dináru — veneno
Dírikisu — fruta-comprida-de-morcego
Dísu — cobra (indistintamente)
Dúhru — cutia
Dukaluhru — pedreiro-do-campo
Dukaluhru.yāwhru — pedreiro-do-mato
Dúkisu — urucu-vermelho
Dūkisu — flecha de ponta de cabeça
Durã — roncando
Dusu — urucu
Dúsu — mulher
Dusu — mel

— E —

- Éatalisu* — machado de pedra
Éhru — pé de caju-do-mato
Éhru — caju-do-mato
Énitū — ripa
Eráysu — jibóia-vermelha
Érekisu — castanha do caju
Esékisu — semente de fumo
Ētsu — buraco
Etu — fumo
Etu — cigarro

— H —

- Halāwsuihalāwhrutasu* — marimbondão
Hákisu — cará
Halatu — pitomba-do-mato
Haláysu — raio
Halósu — campo
Halu.halu — figueira-silvestre
Halu.halu — figueira-silvestre de cima — Q
Halu.halu.nékisu — cabeceira de cima — Q
Hanésu — lenha
Hanésu — fogo
Hanésu — tição de fogo
Hatíkisu — espírito mau
Hatísu — xire
Hatu — pinguela
Hawtesuihawtu — flecha
Hawzu — lobão
Hayahayāwdesu — lacraia-grande
Haydesu — pauzinhos de fazer fogo
Hayéhru — espírito mau
Hayéhru — percevejo-do-mato
Hayetu — teia de aranha
Hayrasu — Iránxe
Haytu — roça
Hédnawsu — coró de buriti
Hehru — buriti
Hehru — coco de buriti
Heratawtu — talo de buriti
Hi.enekisu — raiz
Hikadasu — estrela
Hikadisu — irmão mais velho
Hikawati — faca de madeira
Hinawsu — cocó (indistintamente)
Hinékisu — árvore (indistintamente)
Hinékisuihixidūsu — toco
Hinokisu — galho
Hítusu — espada de madeira
Hasanazu — macaco (indistintamente)
Hasatasu — coatá-preto

Hosu — macuco
Hukenūsū — cipó
Hukēntu — espingarda
Húkisu — arco
Hūtu — timbó-de-folha
Hwalidisu — fumaça
Hyanekatasu — cumeeira da casa
Hyedntu — lagoa
Hyētsu — oco de pau

— I —

Íhruiírikisu — Lua
Irakatu — tiborna (árvore)
Iraladndekisu — Sol
Ítisu — tempestade
Ī.yawsu — água

— k —

Kadékisu — semente de cabaça
Kádesu — cuia
Kadikanakisu — bola
Kadíkawsu — leite de mangava
Kadíkisu — mangava
Kado.nékisu — cabeceira do macaco zogue-zogue
Kadózu — zogue-zogue, japuça
Kalakelisu — flecha de ponta de fisga
Kalanūdisu — cobra-coral-vermelha
Kalērusu — besouro (indistintamente)
Kalīdisu — caxinguelê
Kali.rikisu — curió
Kalītu — sagüi
Kaluhru — grilo
kalúkakusu — mosquito
Kalu.sadisu — morcego
Kalúsu — brejo
Kalūtu — juriti
Kanakaynare — escuridão
Kanásu — pica-pau-de-cabeça-vermelha
Kanátisu — noite
Kanīdisu — piolho

- Kaninakisu* — lêmdea de piolho
Karedntu — jia
Kasésu — cipó-embê
katéhru — capim (indistintamente)
Katūhru — cobra-de-duas-cabeças
Kawāhru — rio
Kāyalatasu — barulho no começo do tempo da chuva
Kayatu — milho-foto
Kayaysu — urubu-rei
Káysu — quati
Kayutisu — borá-cavalo, aramá
kayusu — carne
Kayusu — animal (indistintamente)
Kayua.aynudesu — caçador
Kaytu — paxiúva
Kéhru — *urina*
Kikyāwhlu — espírito mau
Kināhāduzu — areão
Kozu — jirau
Kuhra.kuhru — açafão
Kukalisu — papa-vento
Kúnekisu — sucupira-preta
Kūntu — algodão
Kúnūkisu — colar das almas
Kuratasu — corujão-do-mato
Kúsadisu — lagarto-do-mato
Kuykuykayute — laranjeira-do-mato
Kwahītu — guariroba-do-campo
Kwāhru — cunauaru
Kwalatu — seriema
Kwalaysu — aranha
Kwalihahaydalisuikwakwaytilisu — urubuzinho, andorinha-da-mata
Kwanāysu — ariranha
Kwatarakīnētu — panela
Kwatyadekisu — feijão-de-vara
Kwatyadisu — Não-índio, Branco, Civilizado
Kwayasu — curiango
Kwayedisu — coruja-do-campo
Kwaytu — beija-flor-preto
Kwēkisu — abano

Kwētisu — tempo da seca

Kwikwikisu — árvore

— **M** —

Mamāydesu — grupo nambikwára

Matītīsu — lavandeira (libélula)

— **N** —

Nayzu — lontra

Nekanūsanawá — estar com febre

Nékisu — cabeceira

Nenēdzu — brinco da orelha

Ninīsu — pernilongo

Nūtsu — tatuíra

Nūtu — pilão

— **O** —

Osīzu — nuvem

Osīzu — céu

— **S** —

Sáhru — embira

Sáhru — tipóia

Saíkisu — órfão

Saíkisuikadeha.yatu — Sete-estrela

Salasa.yotetelisu — flecha de várias pontas

Salāwsu — antropófago

Salu.kisu — surucua

Sanáysu — tatu-peludo

Sanérikisu — moço

Sanézu — pimenta

Sani.kalisu — espírito mau

Sawadnzú — formiga (indistintamente)

Sawāgisu — içá

Sawednsu — mata

Sawehru — rede

Sawihaydnkyawsu — rio Juruena

Sawíru — periquito
St.awayrēsu — Via-látea
Si.hyednsu — terreiro
Sikyesu — aldeia
Sísu — casa
Sisú — tocandira
Sisu — manduri
Sisũkyawsu — córrego afluente do Juína
Si.wadulikyawsu — córrego do Roncador
Siwaysu — Manduca (grupo nambikwára)
Siwĩtyahlsu — espírito mau
Súhru — rato-caseiro

— T —

Tagnkatutu — peido
Talinã — trovão do começo do tempo da seca
Tali.rĩtu — salto
Tahehru — tufo de fibra de buriti
Táhru — inambu
Tanunihru — beija-flor-pequeno
Tarãhru — jequi
Tāwhru — camaleão-pequeno
Tāwhru — marmelada-do-chapadão
Tawikatu — pau-de-óleo
Tawtu — gavião (indistintamente)
Táyhãñãdu — pacova-do-mato
Tazu — ema
Tetésu — cobra-dormideira
Tetu — bojuí
Tíhnusu — caminho
Todnkasu — saracura

— U —

Ūkalisu — piavinha
Ūrekatu — soveira
Útisu — urutau
Utu — irara

— W —

- Wadedēsu* — borboleta
Wādiketu — nebulosa
Wadndisu — espírito mau
Wadndisu — redemoinho de vento
Wāhru — morro
Wāhrududanā — vir
Wakalatasuiwaklitasu — espírito mau
Wakīlisu — Jacaré
Walahrū — carne sem gordura
Walanékisu — cabeceira da carne sem gordura
Walidnekisu — mandioca-brava
Walídnosu — massa de mandioca-brava
Wálidnsu — beiju
Walignkatu — rama de mandioca-brava
Walinyawsu — chicha de mandioca-brava
Walísu — cachorro
Waluru — tatu-canastra
Waluru — espírito mau
Walusu — urubu
Walu.anēsalatyutu — pedra
Walikarera.a — manada
Walísu — cachorro
Wan̄disuyalahayhruiwan̄ityahlusu — pajé
Wan̄nūkalisu — mamangava
Wan̄ratasu — socó (indistintamente)
Waradisu — cupim (indistintamente)
Warakidesu — Paresí
Warāzu — Xupé
Wārazu — saco-de-carvão
Warókisu — araruta-redonda
Wárutu — cabaça
Warutu — paca
Was̄.nētu — flauta de dois gomos de taquara
Wasíranūzu — cinza
Watúkezu — relâmpago
Wāwdisu — cobra-cipó
Wawkwatu — perobinha-do-campo
Wayadisu — cobra-coral-amarela
Wayalisu — lobinho-do-campo

- Wáydakatu* — imburana-de-cheiro
Wayhelisu — flecha jurupará
Wāyhru — taquaruçu-do-seco
Wāyhru — flauta-secreta
Wáyhru — estrepe
Wáyhru — espinho
Waykāwsuiwakawā — acauã
Wáykisu — boipevaçu
Wáykisu — amendoim
Waynaynã — isca
Wāyndisu — moça
Waysu — tamanduá-mirim
Waytyalu.a — grande
Wayunitákulusu — mocinha menstruada
Wedntu — coco de bacava
Wedntu — bacava
Weha.yawhīdu — tempo da chuva
Wēsu — chuva
Wētu — irmão mais novo
Wētu — sobrinho
Wētu — criança
Wētzu — várzea
Winūsu — pai
Wīsu — batata-doce
Wítu — mutum

— Y —

- Yadali.yukisu* — fruta de pau-de-tucano
Yadntu — apiaká
Yahlusu — homem
Yahlusu — velho
Yakadasu — porco-queixada
Yakánatasu — saúva
Yakatakayrã — porco-queixada e caititu
Yákisu — caititu
Yákisu — rato-do-chapadão
Yakohru — formiga-de-novato
Yaladntu — tucano (indistintamente)
Yalana.wetu — penacho do nariz
Yalásu — broto de buriti

- Yalāwsu* — araruta-comprida
Yalu.yalusu — marimbondo-caçador
Yanáhru — onça-pintada
Yanáhrukāwru — jaguatirica
Yanahrusisikalisu — formiga-chiadeira
Yanahrusikwali.kwalisu — mariposa
Yū.nūkatasu — cobra-do-chão
Yapādisu — taioba
Yaradndisu — tucanabóia, cobra-de-tucano
Yarawsu — pulseira de tatu-canastra
Yatáhru — veado
Yawahru — gambá
Yaw.ityutu — pus
Yaw.kekisu — goiabinha-do-campo
Yawptinani — deu flor e amadureceu
Yedntu — cacimba
Yokáwisu — sumaneira
Yūhluyaretu — sapo-ferreiro
Yū.nūkatasu — cobra-do-chão
Yutāwhru — cágado
Yutu — capão de mato
Yū.yūkisu — minhocuçú
Yūzu — carrapato-do-mato

TERMOS MÍTICOS

Da.wāyneta — moça

Hawasu — arapuã

Kaha.lanasu — borá-cavalo

Kwēkwētalisu — enxu

Kwērakisawali — jia

Tyē.alisu — manduri

Ūfwisa nūsē — me dá água

Wawasualokilisu — pequi-do campo

Wayxhewayxheri.yalay.ralatia — ema

Wayshewayxheri.yalay-ratia — veadó

Xate — fumaça

Yalay.ralaya — seriema

Yalay.yalay.ralatia — perdiz

BIBLIOGRAFIA

ANÔNIMO

1916. *Missão Rondon. Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto-Grosso ao Amazonas sob a direção do coronel de engenharia Candido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915.* Publicados em artigos do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro em 1915. Rio de Janeiro.

AYTAY, Desidério

- 1967-68 As flautas rituais dos Nambikuara. *Revista de Antropologia*, volumes 15 e 16, pp. 69-75. São Paulo.

CAMPOS, Murilo de

1936. *Interior do Brasil.* Rio de Janeiro.

LÉVI-STRAUSS, Claude

1942. Guerra e comércio entre os índios da América do Sul. *Revista do Arquivo Municipal LXXXVII*, pp. 131-146. São Paulo.
1948. La vie familiale et sociale des Indiens Nambikuara. *Journal de la Société des Américanistes*, N.S., XXXVII, pp. 1-131. Paris
1957. *Tristes trópicos.* Tradução de Wilson Martins, revista pelo autor. São Paulo.

MELLO, Alonso Silveira de, S.J. Dom

1975. A missão do Mangabal do Juruena. *Pesquisas. História*, nº 18, pp. 39-49. São Leopoldo.

OBBERG, Kalervo

1953. *Indian Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil.* With Appendix: Anthropometry of the Umotina, Nambikuara, and Iranxe, with Comparative Data from other

Northern Mato Grosso Tribes by Marsball T. Newman. Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, Publication No. 15, 144 pp. Washington.

PEREIRA, Adalberto Holanda

1973. Os espíritos maus dos Nanbikuára. *Pesquisas. Antropologia*, nr. 25. pp. 1-33. São Leopoldo.

1974. A morte e a outra vida do Nanbikuára e Lendas dos índios nanbikuára. *Pesquisas. Antropologia*, nr. 26, pp. 1-52. São Leopoldo.

RONDON, Candido Mariano da Silva

s.a. *Ethnographia*. Comissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Mato Grosso ao Amazonas. Anexo N. 5. Historia Natural. Rio de Janeiro.

ROQUETTE-PINTO, E.

1950. *Rondonia*. 5ª edição. Brasiliiana, vol. 39, Série 5ª. São Paulo.

SOUZA, Antonio Pyreneus de

1920. Notas sobre os costumes dos indios Nhambiquaras. *Revista do Museu Paulista* XII, pp. 391-410. segunda parte. São Paulo.

ÍNDICE

Convenções gráficas	5
Abreviaturas	5
Pesquisas sobre a mitologia nambikwára	7
1. A origem do Nambikwára	7
2. A origem da roça e da flauta-secreta.....	14
3. A origem da noite.....	18
4. O milho e o fim de uma aldeia.....	20
5. A aquisição do fogo	21
6. Nambikwára tem água de novo	23
7. A alma da mocinha.....	25
8. As almas roubam criança	26
9. E a casa ficou sendo remédio	26
10. O fumo das almas.....	27
11. A diversidade das línguas.....	28
12. A conquista do machado de pedra.....	29
13. O genro virou pedra	30
14. O velho louco	32
15. O filho sabia caçar melhor que o pai	33
16. O velho ficou conhecido	34
17. É bom tomar banho e beber água.....	35
18. A prisão da menina preguiçosa.....	36
19. Mulher mata marido ciumento.....	36
20. Origem da vagina e do ventre	37
21. Homem dava a sua carne para comer	37
22. O velho cigarra ficou moço	38
23. O peido da velha.....	40
24. O homem não pensava nos outros	40
25. A origem da morte.....	41
26. A mulher preguiçosa	42
27. A origem dos espíritos maus.....	43
28. Agora acreditam no pajé.....	46
29. O homem não era pajé	47
30. O pajé mata um espírito mau	49

31.	Só o pajé encontrou o <i>Siwĩtyahlsu</i>	50
32.	O espírito mau que nem pajé mata	50
33.	O espírito mau não venceu a paxiúva.....	51
34.	O homem engana o espírito mau	52
35.	O homem quebra o braço do espírito mau	53
36.	O espírito mau redemoinho de vento	54
37.	O sapo cunauaru mata espírito mau	54
38.	Os espíritos maus comem os companheiros.....	56
39.	A morte de um espírito mau	57
40.	A origem da paxiúva.....	58
41.	Nambikwára queria ver o Sol	61
42.	O surucuá escapa da morte	61
43.	Sucuri não pode pegar anta	62
44.	Tentativa de acabar com o mundo	63
45.	O fim do espírito mau	63
46.	Origem do Sete-estrela	65
47.	O espalhamento das caças	77
48.	Como se mata uma anta	78
49.	O desconto da morte do filho	80
50.	As jias matam mulher	84
51.	Cobra-dormideira ensina a dormir.....	85
52.	A formiga sabida.....	86
53.	A sucuri engole velho sovina.....	87
54.	A língua do jacaré	88
55.	O pernilongo gosta só da orelha	88
56.	O tamanduá-bandeira só escuta o pernilongo na orelha.....	89
57.	O içá era pouquinho	89
58.	O marimbondo-caçador não sabe assar	90
59.	O carrapato no homem	90
60.	O homem e o jacaré.....	90
61.	O homem virou tamanduá-bandeira	91
62.	As crianças viraram macaco	93
63.	A mulher virou rato-do-chapadão	95
64.	O mijo da cigarra	95
65.	O rabo do macaco-preguiça.....	97
66.	As caças pequenas e grandes	98
67.	A experiência do socó	99
68.	O aperto do tamanduá-mirim	100
69.	O rabo da jaguatirica	101
70.	A flauta da perdiz.....	102

71.	A flauta do grilo	103
72.	O canto do cunauaru	104
73.	O casamento da sucuri com a saracura	105
74.	O casamento e a morte da sucuri	105
75.	Inambu engana a onça-pintada	106
76.	O machado do pica-pau-de-cabeça-vermelha	107
77.	O roubo da cor vermelha	107
78.	A risada da seriema	108
79.	A gordura da caça	108
80.	Cobra-de-duas-cabeças não tem rabo	110
81.	A morte da cobra-de-duas-cabeças	110
82.	O pedreiro valente	110
83.	O pedreiro-do-mato e do campo	111
84.	O fim do marimbondão	111
85.	O carrapato sem bunda	112
86.	O trançado do xire	112
87.	O mutum e a siriema	112
88.	A brincadeira da onça-pintada e da anta	113
89.	O casamento da lontra	113
90.	Origem das nebulosas	113
91.	O homem fazia o trovão	117
92.	O redemoinho leva a vovó	118
93.	A filha do raio	119
94.	A origem da mancha da Lua	119
95.	As estrelas queriam levar o moço	120
96.	A origem do tempo da chuva	121
97.	A origem da várzea	122
98.	A fruta hoje tem tempo	122
99.	Nambikwára começa a comer pequi-do-campo	124
100.	A moça da figueira-silvestre	125
101.	Nambikwára não come castanha de caju-do-mato	125
	Vocabulário do texto	127
	Termos míticos	138
	Bibliografia	140

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 1, 1957 122-142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1, 1957, 143-180, 293-295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 2, 1958, 113-143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 199-266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** — Inácio Schmitz, S.J. — Pesquisas 3, 1959, 267-324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Antropologia n° 6; 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de S. Catarina e Paraná** — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia n° 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na ilha de Santa Catarina, II** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia n° 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuztlas** — J. Hasler — Pesquisas 1960, Antropologia n° 9, 17 pp.
10. **Os Munkü, 2ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** — José de Moura, S.J. — Pesquisas 1960, Antropologia n° 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien.** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Antropologia n° 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1961, Antropologia n° 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Antropologia n° 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961)** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1962, Antropologia n° 14, 27 pp., 10 fig.
15. **Pesquisas Arqueológicas em Santa Catarina. I. Exploração sistemática do sítio de Praia da Tapera. II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga** — Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1966, Antropologia n° 15, 61 pp., 1 mapa, 4 pranchas.
16. **Arqueologia no Rio Grande do Sul** — Pedro Ignácio Schmitz, S.J. e outros — Pesquisas 1967, Antropologia n° 16, 58 pp., 5 fig., 6 pranchas.
17. **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner, SC VI 13** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1967, Antropologia n° 17, 24 pp., 7 fig. fora do texto.
18. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata** — Pesquisas 1968. Antropologia n° 18, 190 pp., 1 tabela, 9 pranchas fora do texto.
19. **Petroglifos da Ilha de Santa Catarina e Ilhas Adjacentes** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1969, Antropologia n° 19, 30 pp., 15 fig., 1 foto.
20. **Anais do III Simpósio de Arqueologia da Área do Prata e Adjacências** — Pesquisas 1969, Antropologia n° 20, 216 pp., 30 pp. de ilustrações.
21. **Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil** — Tom O. Miller, Jr. — Pesquisas 1969, Antropologia n° 21, 48 pp., 18 fig. fora do texto.
22. **Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1969, Antropologia n° 22, 37 pp., 1 mapa, 1 fig. 2 pr. fora do texto.
23. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo (comparações com material proveniente do Alto Jacuí), 1ª parte** — Pedro Ignácio Schmitz e outros — Pesquisas 1970, Antropologia n° 23, 54 pp., 12 pranchas, 2 tábuas fora do texto.
24. **Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense** — João Alfredo Rohr, S.J. — Pesquisas 1971, Antropologia n° 24, 56 pp., 12 fig., 4 pr. fora do texto.
25. **Os Espíritos Maus dos Nanbikuára e Quinze Lendas dos Rikbáktsa** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. — Pesquisas 1973, Antropologia n° 25, 48 páginas.
26. **A morte e a outra vida do Nanbikuára. Lendas dos Índios Nanbikuára** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. — Pesquisas 1974, Antropologia n° 26, 54 pp.
27. **Lendas dos Índios Iránxe** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. — Pesquisas 1974, Antropologia n° 27, 84 páginas.
28. **História dos Munkü (Iránxe)** — Pe. Adalberto Holanda Pereira, S.J. e Pe. José de Moura e Silva, S.J. — Pesquisas 1975, Antropologia n° 28, 40 páginas.
29. **O Índio Kaingáng no Rio Grande do Sul** — Ítala Irene Basile Becker — Pesquisas 1976, Antropologia n° 29, 264 pp.
30. **Sítios de Petroglifos nos Projetos Alto-Tocantins e Alto-Araguaia, Goiás** — Pedro Ignácio Schmitz, Sílvia Moehlecke & Altair Sales Barbosa — Pesquisas 1979, Antropologia n° 30, 73 pp.
31. **Estudos de arqueologia e pré-história brasileira em memória de Alfredo Teodoro Rusins.** Pedro Ignácio Schmitz, Editor. Pesquisas 1980, Antropologia n° 31, 249 pp.

32. **Contribuciones a la prehistoria de Brasil** — Pedro Ignacio Schmitz — Pesquisas 1981, Antropologia n° 32, 243 pp.
33. **Arqueologia do Centro-Sul de Goiás**. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil — Pedro Ignacio Schmitz, Irmhild Wüst, Silvia Moehlecke Copé, Úrsula Madalena Elfriede This — Pesquisas 1982, Antropologia n° 33, 281 pp.
34. **Petroglifos do Estilo Pisadas no Centro do Rio Grande do Sul** — Pedro Ignacio Schmitz, José Proenza Brochado. **Projeto Medio-Tocantins: Monte do Carmo, GO. Fase Cerâmica Pindorama** — Altair Sales Barbosa, Pedro Ignacio Schmitz, Angélica Stobäus, Avelino Fernandes de Miranda — Pesquisas 1982, Antropologia n° 34, 93 pp.
35. **O Povoamento Tupiguarani no Baixo Ijuí, RS, Brasil**. — Jussara Louzada Ferrari — Pesquisas 1983, Antropologia n° 35, 132 pp.